

paisaje celeste de los días de enero..⁴⁰."

- Que fazem essas crianças todo o dia? - perguntou de supetão.
- Brincamos sem parar. Conto histórias, brinco de esconder, salto nas camas incansavelmente até a noite.
- Eles não têm brinquedos?
- Uma metralhadora dada pelo Rodolfo no aniversário deles, comemorado com sorvete e bolo no Parque Farroupilha em Porto Alegre.
- Espera um pouco. Dentro de alguns momentos volto.
- Aonde você vai, Roque? - perguntou Travassos.
- Calma, homem, já volto. Esses brasileiros são apressados.- saiu batendo a porta.- Que isso?
- Brinquedos. Todos que pude tirar de Roquinho. Ele já está grande e não precisa de tantos.

Sua risada invadia a habitação. Atirados no chão, Roque, Marcello e Eduardo se esbaldavam com tantos carrinhos, bolas, jeeps...

Nossa primeira noite encantada, outras tantas passaríamos regadas a versos, a discussões políticas efervescentes, a risadas, a felicidade, ao encontro do futuro.

O telefone tocou insistente.

- Olá. Oi, Travassos.
- Pode vir agora? Tenho uma surpresa.
- Outra?
- Muitas. Muitas. Os meninos estão acordados? Desça rápido.
- Quanta pressa! Já vou, um minuto.

Debruçado à janela do Alfa Romeo, Travassos conversava animadamente. Acerquei-me, desconfiada com a nova presença. Quem seria a figura saída do carro?

- Quanta demora! Marta Solis, jornalista da revista "Siempre" do México.
- Muito prazer.

Abraçou-me com tanta ternura. Quase um encontro há muito esperado.

- Que lindos! Marcello e Eduardo. Assim se chamam não é? Também tenho dois filhos da mesma idade, Ramon e Raul.

Marta era a alegria personificada. Pequena, esguia, cabelos negros, olhar matreiro, um largo sorriso franco.

De prima, gostamo-nos. De prima, fizemo-nos amigas para sempre. O medo

⁴⁰ Roque Dalton – Poeta e guerrilheiro. El Salvador

do primeiro encontro, quase que furtivo, havia passado. A proibição de conhecer novas pessoas devia estender-se aos desconhecidos. Marta era amiga íntima de Roque e Travassos. Foi um dia feliz. Almoçamos juntas. Conversamos durante horas sobre a situação no Brasil. Alegria e tristeza se mesclavam. Falar sobre a liberdade, enquanto milhares de nossos companheiros eram brutalmente torturados nas prisões brasileiras. A situação poderia mudar. Nós nos prepararíamos e daríamos continuação à luta. Um dia, não muito distante, nossa pátria estaria livre de pobreza, de fome, de frio, de injustiças, de entrega ao capital estrangeiro. Um dia, não muito distante, poderíamos abrir os braços frente ao atlântico, olhos fixos no horizonte e gritar aos céus a tão sonhada e sofrida liberdade.

O medo da exploração haveria passado. As pequenas nações inteiras indígenas, que sobreviveram ao extermínio, cultivariam suas terras. Nossos irmãos africanos seriam reconhecidos como aqueles que em verdade construíram nosso país. Os primeiros plantadores de cana de açúcar, os primeiros na extração das pepitas de ouro. Os primeiros a morrerem na abertura das primeiras estradas, na construção das imensas e suntuosas catedrais, onde o ouro substituía o barro na escultura das divinas imagens. Os que, amontoados nas grandes senzalas, tiveram forças para nos ensinar o amor à terra. Os que, por entre as frestas de pequenas liberdades, nos transmitiram o que agora é nossa cultura, a musicalidade de nosso sotaque, a força e a vergonha. Os nossos negros, cujo sangue direta ou indiretamente percorre nossas veias, dando-nos vida. Marta está loucamente apaixonada pelo Brasil e pela ternura brasileira, dizem seus olhos transbordantes de luz.

- O Brasil é lindo e verde. Travassos, o novo homem idealizado. - Marta sorri, matreira.

Todos, sem exceção de credo, cor ou nacionalidade, fomos nos entregando aos poucos ao amor à pátria, ao amor, à felicidade, aos sonhos, como poetizava Roque. Viveríamos, a partir daquele encontro, todos os amores, todos os desejos, todos os enfrentamentos ideológicos, todas as realizações.

- Você não pode ficar trancada com essas duas crianças em um hotel. Nem pensar. - sentenciou a costarriquense de alma mexicana.

- O companheiro que nos atende prometeu que também vamos ter um quarto na casa onde vivem os outros brasileiros que chegaram com o Travassos, alguns dos que foram trocados pelo embaixador americano. Os meninos vão ter comidinhas mais caseiras, vez por outra, o que é fantástico.

- Lá e na minha casa, - afirmou Marta. - Pode contar com três casas.

- Cinco. – sorriu Travassos. - Eu e Roque não contamos?

Fora a liberdade das ruas, o *cinécito*, o *malecón*, os murinhos do Pabellón, cinco lugares para dividir a distância das areias quentes de tantas amadas praias, o azul celeste do céu, os matizes verdes de tantas montanhas, o sorriso, a magia do samba, o cheiro de gente minha, o chope na Marquês de Abrantes... Será que vou suportar viver sem estes elementos que alimentam minha alma? Três novos amigos: um poeta, um líder estudantil, uma jornalista. Somados aos do hotel, já eram seis. Seis primeiros companheiros, metade da Sierra Maestra, o bom começo. Estou feliz! Rindo à toa. Encantada. Isto é, estou encantada no sentido mais amplo da palavra: fui encantada.

Depois do almoço, inebriada de alegria, regressamos ao hotel.

O telefone tocava insistente. Corri a atendê-lo.

- Olá.

- Estive chamando durante toda a tarde para falar com você. Sou Ibrahim.

- Travassos me falou de você. Também quero conhecê-lo. Pena que não pode ser hoje, porque as crianças estão exaustas e querem dormir.

- Amanhã vou sair de Havana, para cortar cana no campo. Encontro você quando regressar, daqui a uma semana mais ou menos.

- Ok. Um beijo.

- Tchau.

Seco este Ibrahim. Nem para mandar um beijo também. Nem parece brasileiro. Tudo que eu sabia de José Ibrahim é que aos 20 anos já era o maior líder metalúrgico de São Paulo – de Osasco.

Militante, foi eleito presidente do Sindicato dos metalúrgicos de Osasco em 1968 com apenas 21 anos e idade e sob sua direção um dos maiores sindicatos do Estado de São Paulo, voltou às lutas nacionais. A mobilização pela recuperação dos salários culminou na realização do 1º de maio unificado de 1968, na Praça da Sé, em São Paulo. Alguns manifestantes foram presos e levados ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). A greve da Cobrasma em Osasco, simultaneamente à de Contagem (MG), marcou a presença dos trabalhadores contra a ditadura. Ocuparam a fábrica. O movimento se expandiu para outras empresas e forçou o Ministério do Trabalho a negociar com o Comando Geral da Greve. A greve ajudou a consolidar o Sindicato como referência de luta na região e na história do movimento sindical brasileiro. A greve também chamou a atenção da ditadura,

que, em julho de 1968, voltou a intervir no Sindicato. Com a reorganização do movimento sindical no final dos anos 1970, o Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco e Região assumiu a liderança do movimento operário. Nessa história de luta, o Sindicato se consolidou nas mobilizações por reivindicações específicas da categoria e por mudanças na realidade político-econômica do país. José Ibrahim, entrava para a história do Brasil como um dos maiores líderes sindicais” Preso, torturado foi finalmente trocado pelo Embaixador Americano. “Cinco dias depois de a Junta Militar assumir o poder no lugar do adoentado Costa e Silva e endurecer ainda mais as regras do jogo político no país, militantes do MR8 e da ALN decidiram, numa audaciosa ação conjunta, seqüestrar o embaixador dos EUA no Brasil. E assim, em 4 de setembro de 1969, Charles Burke Elbrick se tornaria o primeiro diplomata dos EUA a ser seqüestrado em todo o mundo, e a ação seria a primeira desse tipo realizada na América do Sul. Elbrick acabou sendo trocado por 15 prisioneiros políticos, que no dia 6 de setembro embarcaram para o México. Além da libertação dos companheiros, os guerrilheiros conseguiram divulgar nas rádios e jornais de todo o país um manifesto contra a ditadura, o que despertou a atenção nacional e internacional para sua luta contra os militares....

Serão os líderes metalúrgicos carrancudos? Será ele uma estrela?

Nada disso. Ibrahim é tão somente tímido. Extremamente tímido.

A casa da *Calle 19* é lindíssima. Dois andares, imponentes pilastras, uma varanda suntuosa, oito ou nove quartos distribuídos em um imenso corredor que dava à sala de jantar. Aí viviam, provisoriamente, os companheiros que chegaram comigo, Wladimir Palmeira e Maria Augusta, perdidamente apaixonados, Ives Marchetti, José Ibrahim e Onofre Pinto.

Não sei se o exílio, se a própria presença cubana, era determinante, mas o fato é que VPR's e VAR Palmares conviviam harmonicamente, compartilhando a mesma casa e dividindo as tarefas domésticas. A cada dia, tocava a um grupo fazer a comida. Inesquecíveis os dias das famosas lambretas do Marchetti, como eram chamadas suas facetas culinárias. Mesclava o que via pela frente: carnes, legumes, arroz, feijões brancos e pretos, folhas, tudo super temperado. Uma raridade da culinária não especializada, para não dizer simplesmente leiga. Festa geral os dias de Marchetti na cozinha. Música, risos, desordem total. Cell e Edu se esbaldavam com as latas de leite condensado acompanhadas do saboroso mexido.

- Queremos a comida do Marchetti. - pedia Marcello ao ver as ancas de rana graciosas acomodadas no prato do luxuoso hotel.

Aos poucos, íamos nos acostumando à tranqüilidade daqueles novos dias ainda indefinidos. Por quanto tempo ficaria no exílio? Como Dirceu, em vez de terras africanas, perdida numa ilha do Caribe, tão perto e tão longe. Tão somente viver... Perdia-me em divagações nas prematuras noites, enquanto as crianças angelicamente dormiam. Ler, ler muito. Invadir o tempo através de milhares de livros. Somar conhecimento para enfrentar o tédio das solitárias madrugadas.

Savana⁴⁴ – o primeiro livro lido - somente ficou a memória de ter sido o primeiro. Meu parquíssimo espanhol mal permitiu a compreensão de alguma ou outra frase. Em quinze dias, sinônimos, conjugações verbais, substantivos, adjetivos dançavam entre meus neurônios na mais sutil intimidade. Pronunciá-los era um capítulo à parte. Até hoje tropeço comicadamente num rojo gutural. Tal e qual noite e dia se sucedem em uma fusão de harmonia e cor, assim despertava e adormecia embalada pelos sonhos planejados em um ano de clandestinidade. Vivia um período de transição.

Sábio seria esperar a vez e a hora de Augusto Matraga, - *“Praticamente morto, Matraga foi recolhido por um casal de negros que vivia no lugar. Aconselhado por eles, busca um padre, confessa sua vida, medita sobre a mulher, a filha, pensa em tudo de ruim que já fez. Agora está decidido: “- Eu vou pra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!... E a minha vez há de chegar... Para o céu eu vou, nem que seja a porrete!...”*

“..Com os negros, foi morar num sítio, única coisa que restar a Augusto. Começou a viver para ajudar os outros. Capinava para ele mesmo e para os vizinhos, pouco conversava. Murmurava as frases finais do padre – “Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há-de ter a sua”. ..Não fumava mas, não bebia, não olhava para as mulheres. Cada dia esquecia mais a sua vergonha.” Guimarães Rosa⁴⁵

Com angústia ou desprovida dela, ansiosa ou tranqüila. Estava reaprendendo a construir a vida. Amigos, projetos, nova linguagem, sonhos, reeducar os hábitos, participar do coletivo, dividir. Somar é a primeira lição. Dividir fica bem para depois. Desta forma, acostumados a construir nossas vidas. Dividir se perde nas salas de aula, em um passado distante. Neste momento é que as aulas de Matemática começam a ser fastidiosas, complicadas. Divisões, frações mexem com o interior, transformam nossos sentimentos,

despertam sentimentos de solidariedade, amor. A Matemática burila o caráter, estabelece posturas, define limites. Por séculos e séculos conjugamos somar, dividir, solucionar problemas.

Nesta ilha do Caribe, dividir é a palavra de ordem. Dividir conhecimento, dividir carinho, dividir sorrisos, dividir trabalho, dividir produção, dividir descobertas.

Estou reaprendendo a construir uma vida pela divisão.

Havana é totalmente linda. Nos versos do poeta maior, na voz dos seresteiros, nas cordas das guitarras encantadas. Afagada pelo mar, é manhosa nas noites de lua cheia. Fogosa nas noites de calor intenso. Sensual no gemido rouco vindo das ondas quebrando nas pedras que bordejam o *malecón*. O Prado iluminado. Suas janelas.

Sua magistral arquitetura. E aquela esquina perdida entre San Lázaro e San Nicolas?

As ruas desertas anunciam o trabalho no campo no corte da cana de açúcar. Canadenses, americanos, brasileiros engrossam as fileiras de milhões de cubanos empenhados em atingir a meta dos 10 milhões.

Vitrines vazias, decoradas de papel picado, retratam a cara do bloqueio econômico imposto ao Caimán: faltam cuecas, meias, sapatos. Sobra determinação. Havana. vazia e super populosa. Silenciosa de autos, ruidosa de música. Nunca triste, sempre iluminada. Estou apaixonada por Havana. Saíamos todos os dias. O Parque Almendares é o local ideal para as manhãs de brincadeiras e descontração. Ontem, distraída, passei do ponto. Fomos parar no final da linha. La Liza – um bairro distante do centro. Um pouco apavorada, tentava expressar-me em um parco portunhol, quando, por sorte ou casualidade, o policial sorridente do pabellón apareceu do nada e nos trouxe de volta ao Hotel.

Passado o susto, fui à casa da Calle 19 conversar um pouco com Onofre e deixar Marcello e Eduardo curtirem a convivência com outros companheiros.

- Quero leite condensado, - pediram em unísono.

- Comeram faz pouco. Não vê que gulosos, Onofre?

Açucareiros falantes. - sorriu. - No armário do corredor tem centos de latas de leite, pode pegar.

Este domingo amanheci com vontade de ser feliz, parecia primavera fora e dentro do meu coração. Atravessei o corredor depressa, abri o armário, prestes

a pegar uma simples lata de leite.

- Você é a Miriam? - uma voz detrás estremeceu meus tímpanos.

Em câmera lenta, sob o impacto que me causara aquela voz, virei. Diante de mim: José Ibrahim, o proleta.

- Hum... Hum... Sou Mirian.

Continuou olhando lá dentro, fundo, tão fundo que me deu arrepios.

- Estou pegando leite condensado para os meninos - respondi excitada.

- Por fim... Quanto tempo... Já acreditava que você era um mito. - insistiu, enquanto eu saía rápido daquela mirada.

Entre estrofes de Roque, voz e olhar do tímido proleta passavam em 24 por segundo, no avançado da madrugada.

Nos dias que se seguiram, passamos horas e horas ao telefone depois que as crianças dormiam.

- O que você faz nas noites?

- Leio.

- Só lê?

- Só leio. Ponho um cobertor na banheira, um travesseiro, mergulho na leitura. As crianças dormem às sete horas com as luzes apagadas. Como alternativa, resta o livro e o mar. Porta entreaberta, por uma durmo sem querer, por outra entreabro uma fresta na janela e olho o mar... E *“viajo por mares nunca dantes navegados”*. Luis de Camões.⁴¹

De chamada em chamada, fomos nos aproximando. Ibra tímido, discreto, tão doce, tão seguro. Horas a fio discutíamos a situação cada vez mais tensa no Brasil, a prisão de muitos, os companheiros, torturas, a crença de poder construir um mundo de verdade melhor para todos. O socialismo cubano, o pouco e muito que havia conseguido, o povo cubano há dez anos do triunfo da revolução.

Tchau... Tchau... Distribuía beijinhos a todos que se encontravam na saleta quando pelas tardes regressava ao hotel.

- Não gosto de beijos - resmungava Ibrahim, virando a cara, aborrecido.

“Quem não gosta de beijos? Isso deve ser coisa de paulista,” pensava dentro da minha carioquice. “Ou da distante Osasco”, matutava. Sumia na esquina, furiosa com o comentário estúpido deste esnobe operário. “Só porque é operário, crê-se melhor que os demais! Que ódio! Nunca mais lhe dou um beijinho sequer. Esta foi a última vez...”

⁴¹ Luis de Camões - escritor e poeta. Reino de Portugal

Passados 30 dias de nossa chegada, garçons, garçonetes, camareiras, se não íntimos, compartilhavam a cumplicidade do cotidiano. Gentis, carinhosos, amenizavam a adaptação dos primeiros dias sem o Brasil. Estranhos. Seriam estranhos os que, em um olhar cheio de ternura, nos desejavam um bom dia; os que atenciosos, solícitos, brindavam sua discreta companhia nas horas das refeições supostamente solitárias; os que tentavam, entre gestos humorísticos, palavras rebuscadas, comunicar os acontecimentos do dia.

- Hoje ,o sol está lindo. Por que não uma volta pelo Zoológico? Crianças adoram o zoológico. Que digam meus domingos acompanhados de Raulito. – sugestionava Pepe, o risonho garçom da cafeteria. - Mais cedo do que imagina, estarei falando português e vocês dominando o espanhol. Palavra de Pepe.

- Irei ao Zôo. - venceram

- Já explico como chegar lá. - interfere Artur.

- Não é assim, gente, esperem. - intromete-se Juana. - Se ela pega o 32, vai mais rápido.

- Que trinta e dois que nada. O melhor é o 43. Desça com cuidado, cruze a rua. Aí, bem na frente, o zoológico. – completava.

- Comece pelos leões. Outro dia estive por lá. Preciosos, os felinos luzem pinturas, - metendo a cabeça pela porta vai-vem, orienta o cozinheiro.

Meus sentimentos se confundem entre Rio e Havana. O gingado carioca / havaneiro, a simpatia malandra na interferência das explicações. Dá uma vontade sofredamente alegre de abraçá-los. Quem disse que Havana é triste e cinza? Havana é um pedaço da Lapa extraviada no Caribe. É o Leme, com seu Fiorentina, em um entra-e-sai infinito de poemas e notas musicais. É a estação da Luz. Havana é uma nação Yoruba, tal qual cada pedacinho da minha amada patriazinha. Havana tem cheiro de estrelas, de mar, de amor. Vou feliz, como meus anjos louros, levá-los a conhecer os felinos, as panteras negras.

O gorila olha os visitantes mal humorado. “Desde que decifraram o mistério tão simples da vida, me vêem como algo comum. Antes, vinham conhecer-me interessados em tudo: meu modo de ser, meus gestos elegantes. Quantos ficavam perplexos ouvindo minha voz, identificando-se comigo. Hoje, só não passam de largo por questão de educação, afinal, somos parentes. Ingratos.” Leio em seus olhos.

- Cell e Edu, este é o gorila.

Vejam o leão. Forte, seguro, todo poderoso. Desde Aristóteles⁴⁷, o leão é considerado, pelo seu vigor e hábitos predadores, o rei das selvas. E, como se fosse pouco, sobrevive o mito de seus poderes: se alguém come ou leva consigo

uma das partes de leão, pode reviver poderes perdidos, curar doenças e conseguir imunidade frente à morte.

- Mãe, olha o macaco - tirou-me Marcello de minhas divagações.

De regresso passo pela cafeteria.

- Quero sorvete de chocolate.

- Eu de creme, Mãe!

- Não. De chocolate para o Eduardo. O de creme para Marcello. - corrigi o garçom.

- A companheira, donuts. Acertei?

- Um cafezinho também.

- Acha que vou esquecer seu cafezinho?

Quem serão estes dois homens que não param de olhar e ouvir o que conversamos? Olho o garçom interrogativa. Vou para o quarto.

Cell e Eduardo, comam depressa que tenho um compromisso. Quanto mais rápido saio daqui melhor. Quem serão estes homens? Meu Deus.

Vamos. Vamos. Eles nos alcançam no elevador. Ai, Meu Deus. Devem ser agentes da CIA. Agora tenho certeza, estou sendo seguida e nem prestei atenção. Como pude cometer este erro? Tanto que me disseram. Cuidado. Cuidado... Vocês estão protegidos, mas não tanto. Todo cuidado é pouco.

- De onde você é? - perguntou de supetão o mais velho.

E agora ele falou em português. Que sotaque estranho.

- Eu... Eu sou portuguesa.

- De que cidade? - falou o mais novo.

- De Lisboa. Por quê?

- Conhece o Hospital Santa Maria? - voltou a insistir o primeiro.

Hospital Santa Maria. Ai, que terror. Estou perdida. Dentro do elevador, sem viva alma por testemunha. Vão nos matar. Sim, vão. Estes dois brutamontes.

- Não. Vivi desde pequena no Brasil. - respondi.

- Hum...

A porta do elevador abriu. Desesperada, grudada em Marcello e Eduardo, saí quase correndo em direção ao quarto. Detrás os dois, abriram a suíte ao lado. Estou perdida. Totalmente perdida. O pânico atingiu o clímax. Como fui dar mole desta maneira? Corri ao telefone para chamar a segurança, quando ele soou.

- Alô... - contestei aflita.

- Mirian?

- Ai, Ibrahim. Estou perdida, dois homens me seguiram.
- Como?
- Onde está você?
- Aqui no hall. Desça que tenho uma surpresa.
- Mas tem dois homens me perseguindo. Entraram aqui no quarto ao lado.
- Desça. Averiguaremos com o administrador. Fique calma. Desça. Estou esperando.

Recuperei meus sentidos. Peguei as crianças. Abri silenciosamente a porta. Sai veloz pelo corredor vazio. Esperei trêmula o elevador. Entrei assustada, sob o olhar curioso da ascensorista que já voltara a seu posto.

Saí olhando ao redor. Ibrahim, de frente para a porta, conversava animado com dois senhores. Que isso? Os homens da cafeteria. Como lhe dizer que são agentes? Perdidos... Sorridente, Ibrahim se acercou feliz.

- Mirian, quero lhe apresentar dois grandes amigos de Cabo Verde, Amílcar e Luiz Cabral.

- Que? Não pode ser... Vocês...
Os dois, em um só abraço, me enlaçaram entre seus braços.
- Quer dizer que você é portuguesa? De Lisboa. Ora pois.
- Amílcar é o agente que está perseguindo a linda brasileira? – riu Ibrahim.
- Nunca mais façam isso, por pouco morro de pânico e susto.
- Nunca mais aceite ser de uma nacionalidade da qual você não domine todos os costumes, cidade onde supostamente nasceu, embora tenha se saído muito bem ao dizer que sempre viveu no Brasil. - chamou a atenção o grande líder africano de Guiné-Bissau e Cabo Verde.

Quem diria que, em um mesmo dia, pularia do susto, pânico, ao início de uma grande e profunda amizade.

Das colônias portuguesas da África, Guiné-Bissau foi a primeira a se tornar independente, antes mesmo da derrocada da ditadura de António Salazar, graças à organização política e militar do Partido Africano pela Independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde - PAIGC, fundado por Amílcar Cabral.

A resistência ao colonizador vinha desde o século XVI, quando os portugueses se instalaram na Guiné-Bissau - "terra de negros", assim chamada. Habitada pelos povos oriundos do reino de Malí, pelos fula e mandinga. No século seguinte, guineanos e cabo verdianos iniciaram um encontro de cumplicidade, motivado pela escala obrigatória dos barcos negreiros com destino ao Brasil.

Pobre, pequeno, com a agricultura e o comércio nas mãos de União Fabril,

os nativos viviam submetidos a trabalhos forçados na produção para exportação.

A morte ceifava crianças em uma absurda cifra de uma por cada seiscentos nascimentos. Onze médicos para todo o país. Na década de 60, enquanto o mundo explodia em revoluções de costumes, apenas onze guineanos tinham educação secundária. Nesta triste paisagem, Amílcar Cabral funda, em 1954, a Associação de Deportes e Recreação, que dois anos mais tarde se converteria no PAIGC. Conclamou guineanos e caboverdianos para resistirem ao colonialismo, independente de raça, cor ou religião. Depois de três anos de inúteis tentativas de chegar a um acordo com os portugueses, o PAIGC iniciou as guerrilhas. Em 1973, foi eleita uma Assembléia Nacional Popular, que proclamou a República Democrática, anti imperialista e anticolonialista de Guiné-Bissau, reconhecida pela ONU. Naquele dia Cell e Edu ouviram uma história diferente para dormir...

Três anos passaram desde o nosso encontro no lobby do Hotel Capri. Em fevereiro de 1973, na cidade de Conakry, capital da República de Guiné-Bissau, Amílcar é assassinado por agentes secretos portugueses. O líder guineano deixou uma vasta produção de livros e estudos sobre a luta pela libertação dos povos africanos. Ele foi sucedido no cargo pelo Luiz Cabral, que instalou o Conselho de Governo na pequena aldeia de Madina do Boé, no coração da zona liberada.

Até sua partida, nas noites hotelinas, a África adentrou, através da voz suave e firme de seu máximo líder, na minha vida: forte, linda, cultural, guerreira, mágica. Amílcar era loucamente apaixonado pela liberdade do homem.

- Meus irmãos deram vida aos seus, nossas terras “em priscas eras” formavam um único continente. - animava-se, passeando pela História.

Muitas vezes amanhecia sem que nos déssemos conta.

Entre Martas, Roques, Amílcares, havia os brasileiros que, vez por outra, apareciam pelo hotel. Andrada e Galeno eram os mais assíduos. Na semana seguinte, Andrada apareceu com a novidade.

- Vamos fazer curso de tiro. Começaremos amanhã. Venho te buscar lá pelas dez horas. Fiquei amigo de um professor da Universidade, um Belga. Muito bacana. Tem nos dado muito apoio. Não está sendo fácil. Os cubanos não aceitam nos dar treinamento. Insistem que não apóiam os seqüestradores. Acho

que entramos em uma fria. A única saída é ir embora daqui, pois não podemos passar a vida sem fazer nada. Colocaram-nos com os trocados pelo embaixador: o resto, como um todo desgastante. Agora, mais essa. - concluiu magoado.

- Paciência. Ir para onde? - perguntei preocupada.

- Quem sabe? Europa. Tentar novos contatos. Voltar para América do Sul.

- Aos poucos vou adequando minha vida. Não vejo saída, hoje, para nossa situação aqui. Vocês não estão preparados para voltar ao Brasil. Sem infraestrutura é suicídio. O que precisamos é estar preparados para dar condições aos que ficaram, para derrubarem a ditadura, e não sair morrendo para firmar terreno. Cuba precisa de braços e cabeças pensando. Ela é o alicerce da nossa liberdade. Ajudá-la também é fazer revolução. Pensou nisso? - tentei interferir.

- Imagina. Quero voltar para o Brasil e vocês também farão o mesmo. Entendeu?

Andrada andava irritado. Qualquer discussão seria inútil.

- Ok. Amanhã estarei pronta. De todo o modo, não tenho nada a perder.

Mais de quinze dias passaram. Um e outro, no próprio campo de tiro, se revezavam com Marcello e Eduardo para meu aprimoramento balístico. Fausto, o pai dos meninos, havia sido um excelente professor.

Como tinha a manha tomada, a tarde era para as crianças. As noites, para ler. No conhecimento encontraria meu caminho.

Ibrahim sumido. Amílcar voltara à África. Luiz trabalhava todo o dia. Algumas noites, conversávamos até altas horas. Em poucos dias, também seguiria uma nova estrada. Roque andava às voltas com o término de um trabalho e Marta fora ao México. A saudade habitava dura o coração.

Vivia um marasmo, amoldando-me, recriando a vida.

- Traga as crianças para merendar aqui; sairei um momento para entregar uma matéria e volto rápido. - convidou Marta que retornara no dia anterior. - Ah! Um amigo! Abre a porta.

- Ok!

O sorriso diáfano, a tez negra emoldurada por fios negros como azeviche, magro, elegante. Uma visão afro-cubano-brasileira diante da minha íris deslumbrada.

- *Mucho gusto. Pablo.* - cumprimentou. - *Mirian, la brasileña. Certo?*

- Prazer. - respondi.

- Marcello e Eduardo, os gurus de Rio de Janeiro, - balbuciou a meia voz.

Caetano, Gil, Chico, Bethânia foram a temática das horas que se seguiram.

- Adoro Elis Regina. Fascinante voz, lúdica, perfeita. - confessou orgulhoso.

- E. Nelson Cavaquinho? - interrompi. - Por acaso existe coisa mais deliciosa? Ele folheia a alma da gente, inebria, contagia, sufoca, nos compromete, aperta e solta, em um frenesi. Quando a Bethânia entra cantando...

- Aposto que a música não saiu de cena? - cortou Marta.

- Enfeitiçado.

- Pensou que era brincadeira? - beijou-me a fronte carinhosamente.

Ramon, Raul, Marcello e Eduardo atropelavam Chicos e Caetanos, Lamarcas e Marighellas em passadas velozes da varanda para a sala, em uma tarde memorável.

O sol se perdeu no horizonte, apareceram as primeiras fulgurantes...

- Vou andando, as crianças precisam comer e dormir. - levantei despedindo-me.

Pablo Milanez impostou a voz, sério, decisivo: "Quero alistar-me na guerrilha brasileira Sou o número um. E dessa condição não abro mão". Afirmou decidido.

Em uma despedida à brasileira, um beijinho em cada face, abracei-o apertado. Feliz dia aquele, ganhei um dos maiores amigos que tenho pela vida a fora.

- Nos vemos? - perguntou ansioso.

- Com certeza. Alguma coisa me diz que vou ficar muito tempo por aqui.

Abri a janela, dando passagem aos primeiros raios de sol que insistiam em nos despertar. A Portela entrava impávida na avenida, reverenciada pela massa extasiada de 'na onda azul e branca'. Paulinho da Viola⁴⁸ abria os braços, enlaçando o samba que escapava no vento fresco da madrugada e se perdia entre as montanhas, ganhava os mares, soberbo, entrava na corrente marítima, espatifava nas rochas, escapulia da espuma, adentrava batucando no meu coração. 'Ah... Minha Portela quando vi você passar, não posso esquecer aquele azul, não era do céu não era do mar...' Quem ganhou o carnaval?

- Quem ganhou o carnaval? - perguntou Marcello.

- Ah! Estava pensando alto. O ano passado ganhou a Portela.

- Eu gosto da Portela! - sorriu Marcello.

- Também. - sussurrou Edu.

- A gente adora a Portela, o Flamengo, o Brasil. - brinquei, puxando os dois para fora da cama.

- Canta o Bloco dos Sujos. Canta, canta...

- Olha o bloco dos sujos que não tem fantasia, mas que trás alegria para o povo cantar. Olha o bloco dos sujos, vá batendo na lata, alegria barata... Carnaval é...

- Quero Sabiá... - choramingou Eduardo.

- Sei que ainda vou voltar para meu lugar. Foi lá... Vamos pra a piscina. Vamos aprender a nadar. É preciso aprender a nadar.

Um velho sotaque, conhecido desde o meu primeiro choramingo, cortou o sambinha e a divagação.

- Bom dia... *Perdón, buenos dias*. São brasileiros? - perguntou curiosa a senhora. estirada ao sol.

- Sim.

- Nós somos portugueses. Muito prazer! Teresa. Meu marido, Rogério Paulo, Rui, meu filho mais velho, e Rogério, o caçulinha.

- Muito prazer. Mirian. Marcello e Eduardo. - aponte para os dois.

- Estão aqui muito há tempo.

- Mais ou menos. - respondi. Imagina se cometo a mesma gafe que com Amílcar. Estaria frita.

- Rogério Paulo é ator. Viemos a convite do governo. Já sabes, Salazar nos tem atado. Rogério é fundador do Partido Comunista de Portugal. Como vês, não somos lá, digamos, pessoas tão gratas ao governo lusitano. Vocês são exilados? - questionou, facilitando meu constrangimento, sem saber que resposta dar. Ora pois. Adoramos o Brasil. O teatro brasileiro. A música. Guarnieri é um grande amigo nosso.

-Vem, Marcello. Me dá sua mãozinha... Assim, assim, agora bate as pernas. Vem, vem... Ora pois, este gajo sabe bem dar suas nadadinhas, - comentou Rui, já desfrutando da gostosa manhã de inverno ensolarada. - Agora você, Edu. Vamos lá! Um, dois, três... Tibum.

Eduardo se atirou sem pestanejar.

- Espera aí! Espera aí! Cuidado! Eles são pequenininhos.

- Sem problemas. Sem problemas. Já já estarão a nadar.

Se a manhã amanhecia preguiçosa, dengosa, espreguiçando-se ao sol, corríamos à piscina, compartilhando com ela toda esta brejeirice. Caso contrário, o murinho do Pabellón era a brincadeira preferida dos meus anjos louros. Durante pouco mais de um mês, dividimos com os portugueses nossas cálidas manhãs de um despretenso inverno. Um belo dia, lá se foram eles, ou para

Portugal, ou Espanha, ou quem sabe para onde. O fato é que muitos anos se passaram até que houvesse um novo reencontro.

A Ilha cheirava a trabalho. Em batalhão, labutavam incansavelmente para atingir a safra, estabelecida em 10 milhões de toneladas de açúcar. O máximo que Cuba alcançara em toda a sua História havia sido pouco mais que sete milhões.

Pelas manhãs, centenas de caminhões abarrotados atravessam as ruas em direção a algum engenho de açúcar.

Chapéus de palha cobrindo lenços que escondiam com cuidado os cabelos penteados vaidosamente na noite anterior, preservando-os da poeira suja das estradas e da poeira branca dos canaviais. Cantarolando, despertando mais um dia, lá iam pelas estreitas carreteiras as brigadas de homens e mulheres, dispostas, definitivamente, a conquistar o futuro a golpe de *machete*.

Todas as manhãs, como em um cotidiano buarqueano, marchavam eles, acompanhados por nacionalidades solidárias. Brigadas e brigadas se juntavam aos que, desde o início da safra, haviam se mudado para os engenhos.

Quando pela manhã o telefone tocou, pensei em Travassos. Tão cedo. Que programa tem ele reservado. Que surpresa traz a sua chamada?

- Alô!

- Oi!

- Ibrahim, quando você chegou?

- Ontem à noite, mas você não atendeu ao telefone.

- Com certeza tocou no quarto errado, pois tanto Roque quanto Travassos saíram daqui já bem tarde.

Uma discreta euforia balançou meu coração. Estava feliz por ouvir sua voz, ou era a aveludada manhã de abril, de um abril que se anunciava inesquecível para todo o sempre?

- Os meninos vão ao parque? Bom. Quer dizer, vamos ao Hotel Nacional brincar um pouco com eles? Posso?

- Ora, Ora. Sempre pode. - respondi envergonhada.

Havia por detrás daquela afirmação um misto de carinho, uma tênue saudade. Calada, comprometedora.

- Agora.

- Agora. Estou esperando no hall dentro de dez minutos. Que tal?

O Ibrahim não é, propriamente, um homem bonito, mas tem um não sei

quê de James Dean. Um mistério envolve seus 21 anos. A adolescência ceifada pelos compromissos assumidos com o povo brasileiro. A juventude violentada no pau-de-arara, nos intermináveis meses de prisão e tortura, fazia daquele jovem de Osasco um líder prematuro da classe operária brasileira.

Curtia sua presença, seus olhos. Eriçava ao tocar suavemente suas mãos, principalmente, amava suas falas: simples, descomplicadas, sinceras, politicamente corretas. Sentia falta da sua presença. Estaria fascinada pelo proleta – o nosso único proleta na Ilha – ou o amor rondava sorrateiro meu coração? Contudo, Ibrahim andava fascinado pelos dotes físicos de outra mulher... Impertinente, grosseiro.

- Não vire a cara. Por que faz isso? Sempre.

- Isto é muito burguês. Beijinhos nas faces. Como se fosse pouco, dois.

- Que saco! Despedir com beijinhos é cultura. Ou você pensa que cultura é só Jeca Tatu e Caetano Veloso?

- Não quero beijos.

- Nunca mais vou beijar você. Se despedir com beijos é coisa de burguês, vou morrer burguesa. Amo beijar, tocar o ser humano, sentir o calor que emana de seu corpo, suas sensações, seus medos, sua força. Adoro tocar as pessoas.

Ao Parque. Este proleta quer me confundir. Da última vez, aquela chatura. Nesta manhã, todo carinho. Bom, ao Nacional. De todos os modos, uma saudade fininha caminhava ao meu lado, reclamando sua ausência.

Brincamos toda a manhã, correndo pelo gramado verde. Por vezes caíamos exaustos, vigiados pelo mar prazeroso beijando incessantemente as pedras do malecón. Como tocava a Marquetti fazer o saboroso almoço, fomos à casa da Calle A.

- Gente, vou andando. Já está tarde e as crianças têm que dormir.

- Você não vai ficar? - perguntou Galeno.

- Não trouxe roupa, viemos do Nacional para cá.

Ganhava a porta depois dos beijos de despedida.

- E, o meu beijo? Não vou ganhar? - reclamou Ibrahim.

- Seu beijo! Um beijo!

Aproximei-me... Meus lábios tímidos se acercavam de suas faces quando ele, nervoso, virou a cabeça e seus lábios roçaram suavemente os meus. Sorri, e me perdi escada a baixo.

Sem querer. Claro, sem querer. E precisa ser um beijo? Basta um toque. Leve, distraído. Vou dormir, desfazer esta magia. Apagar esta sensação.

Trimmmm... Trimmmm... O telefone a está hora!

- Olá.
- Vamos ao cinema? A Marta fica com as crianças. Falei com ela.
- Que horas são?
- Sete.
- Sete de quê?
- Como de quê? Da manhã.
- Um cineminha pela tarde?
- Ok. Um cineminha pela tarde. Te vejo às 3 horas na casa da Marta.

- Caramba. Com este vestido amarelo, o bronzeado realça de uma maneira especial. O batom laranja dá um toque primaveril, e o cheiro do Arpeje inunda o início da tarde. Tem certeza que é um cineminha? - comentou Marta olhando risonha.

- Lógico. Desde janeiro de 1969, não sei o que é pegar um cinema. Sozinha, claro. Abril chegou e esta é a primeira saidinha sem os meninos desde que cheguei à Ilha.

- Vá. Divirta-se. Dou conta dos quatro.

O silêncio engolia as palavras, as passadas trôpegas confundiam a caminhada pela Calle 17.

- Sou de Osasco. Você nasceu no Rio?

- Minas Gerais. Do primeiro exílio, dos primeiros mártires, das minas de ouro, dos poetas, das Marílias e dos Dirceus. Das montanhas. Osasco tem montanhas? Como as de Minas? Duvido? - completei, sem deixar lugar à resposta. - Para mim, Osasco é uma fábrica só.

A tarde vacilava entre ir-se discreta ou sair de cena rapidamente. A praça entre B e C é linda. Um coreto de cimento todo trabalhado com motivos afros e mexicanos. Árvores enfeitadas, frondosas, de um verde matizado, nos convidam a compartilhar nossos segredos.

- Sentamos? - convida Ibrahim.

- Aqui, não. Ali. - indicou um banco ao lado esquerdo do coreto.

Meu Deus, este cara me desperta um não sei quê de desejo... Uma vontade de ficar perto, de sentir seu toque, de ficar olhando, tocar...

Em silêncio, seus olhos entram pelos meus, deslizam mudos pelos meus cabelos. Falta o ar... Suas mãos estão geladas, suando, umedecendo minha face, vão descendo devagarzinho, envolvendo de mansinho meu rosto, em câmera lenta, alcançando meus lábios trêmulos. De suave, tímido, úmido ao beijar profano. Seus braços enlaçam meu corpo sem pudor, deslizam pelo meu pescoço. Ganha de novo meus lábios, passeia molhado por meus olhos, toca

minhas mãos, sobe para meus ouvidos e, em uma declaração quase que infantil, sussurra: estou apaixonado por você.

Também... estou. Desde quando, em que tempo, quando descobri, quando chegou? Sei lá. Mas, estou.

- Eu quero você pra mim. Só pra mim. – insistia, como se um batalhão nos fosse sacar daquele terceiro instante de felicidade.

Caídos na eternidade da paixão, a lua entrou confundindo o tempo.

- Gostaram do filme? – perguntou Marta.

- Oi, mãe! Oi, mãe! - interromperam Marcello e Eduardo.

- Adoramos. Oi, amores. Brincaram muito? – completei.

Dormi abraçada a Marcello e Eduardo, inebriada.

Este amor com o Ibrahim explodia diferente de todos os que eu já havia vivido. Sem medos, sem rivais, sem passado. Sem primeiro amor, sem ter que devolver o Neruda, sem marcas, sem traumas. Se fosse eterno, valeria, se enquanto durasse, como sonetear Vinícius, daria igual. A paixão muitas vezes havia rondando meu coração, todas carregadas de lembranças passadas. Nenhuma delas com os corações virgens. O do Ibra era virgem de mim e o meu dele. Íamos ser felizes. Juntos ou separados.

“Mercenários desembarcam em Baracoa⁴²,” anuncia o locutor que compartia todas as nossas manhãs. “Durante o combate, quatro combatentes revolucionários morrem e dois ficam gravemente feridos”, completou.

Desci para o café da manhã preocupada com os ataques em plena euforia do açúcar.

- Sem preocupação, Mirian. A gente tira de letra estes mercenários. Por vezes, costumam sacrificar alguns dos nossos, nunca o povo inteiro. Aprendemos a defender nossa pátria a golpe de guitarra e canhão.

Aleida argumentava firme. Seus lindos olhos castanhos espanholados reafirmavam a decisão tomada há muito por todos os cubanos: nossa independência é prioridade um. O resto, todo o resto que nos toca viver; em segundo lugar.

Nove dias depois, os mercenários de Baracoa capturados eram julgados, condenados e fuzilados.

Despertei infeliz. A velha e conhecida angústia despertou meu coração. Baracoa me preocupava. Não era Baracoa. Vinha de longe, o vento trazia notícias. De repente, a vontade incontrolável de chorar. Que havia acontecido

⁴² Baracoa – Província de Cuba

comigo? Cell e Edu aos poucos iam se habituando às comidas, ao portunhol. Os últimos dias de convívio com o proleta haviam sido de extrema beleza. Do Brasil, chegavam notícias sempre preocupantes. Mas daí a este desespero? A tarde adentrou na noite incomodada, o mar parecia querer tragar o mundo de um só gole. O mundo está chorando. “Mas por quem?” Perguntava-me.

Ibrahim chegou calado, sério, cabisbaixo.

- Vou logo ao assunto. Sei que vai doer.

- Que isso? O que está acontecendo?

- O Juarez foi assassinado.

- Quê? Você ficou louco? Como assassinado? Quem ousaria assassinar o Juarez? Vai à merda. Como você pode saber? –Diga, diga.

- Mirian. - olhou-me com carinho. - O Juarez foi a um encontro, não sabemos ainda como, e, cercado pela polícia, ele deu um tiro na cabeça. A Maria do Carmo foi presa.

- Não. Nãooooo é verdade.

- Sim, companheira, é verdade. Acalme-se.

- Desculpa-me. Eu não queria dizer assim. Eu também não queria que ele morresse. Essa merda de ditadura. Esses cretinos!

Chorei meu ser. Chorei ao companheiro imprescindível. Chorei ao nosso Juarez.

Fui com as crianças olhar o mar. Buscar respostas pra tanta dor. Tentar, nos espelhos das águas, ver meu país. Encontrar minha gente. Juarez, seguro, foi uma manchete a mais nos jornais. Quantos sabiam do seu valor? Quantos tinham consciência de que com ele partia um pedaço grande da nossa esperança? Poucos como ele foram tão brasileiros. Poucos se dedicaram tanto à conquista da liberdade! Poucos... Muito poucos... Quantos mais teríamos que perder para que o povo brasileiro pudesse ter um pouquinho, só um pouquinho, de escolas, direito à saúde, a uma vida melhor? Quantos Juarezes teriam que morrer? Morrer é uma palavra muito forte. É para todo sempre. É para nunca mais.

Olhando as ondas, que teimosas se espatifam contra as muretas, chorei...

O ruído musical dos engenhos, o movimento magistral dos *machetes* cortando a cana, a alegria expressa na força de trabalho de cada homem perdido nas ramas dos canaviais era novamente ultrajada: pequenos barcos pesqueiros eram afundados e seus tripulantes seqüestrados por agentes da organização

criminosa ALFA 66.

Um vazio preenche os corações de tantos que sabem de antemão ser esta uma das tantas tentativas de ceifar a meta dos dez milhões de toneladas.

Milhares e milhares de mulheres, homens e crianças se concentram diante da antiga Embaixada Americana.

Dias atrás, toda a população, em um gesto inimaginável de amor e força, se prostra diante do malecón, olhando vigorosamente para o Norte, logo ali, a 99 milhas. Pelo palanque improvisado passam líderes cubanos, latino-americanos, brasileiros, africanos, decididos a recuperar, seja como seja, os humildes pescadores.

Em vigília, exigem do governo dos EUA a entrega dos pescadores prisioneiros nas Bahamas pela CIA. Nove dias de angústia, nove dias de orgulho daquela gente, nove dias de inesquecível emoção. Excetuando o discurso de Jango na Central do Brasil, esta era a primeira entre muitas outras manifestações, testemunha ocular e participe da afirmação da soberania nacional. A safra dos dez milhões podia não acontecer depois de tantos atos de terrorismo, mas Cuba conseguiria atingir uma safra superior a todas as anteriores.

Nestes dias, aprendi para toda vida: não existem pedras intransponíveis no caminho. Adoro as pedras. Ou subo por elas, ou as contorno para admirá-las pelo outro lado. Com elas vêm o pôr-do-sol, os amores, as noites de lua, os dias sufocantes de calor, a brisa, as marés, o inverno, os dias amarelados do outono, as conquistas, o conhecimento, as tristezas, as alegrias, os amigos, os indesejáveis, os imprescindíveis, os poetas, o compositor tímido, o camponês, o proleta calado e sábio – a vida.

Nixon, representado por um bonecão feio e desajeitado, foi queimado no malecón, como um Judas na tradição cristã no sábado de Aleluia, e os pescadores resgatados pela pressão popular deram fim a nove dias de resistência.

Aleida buscava um lugar mais acessível para estar com Marcello e Eduardo, quando o Comandante começou a falar.

Emocionados e fortes, ouvíamos em silêncio a voz pausada e enérgica daquele que há 12 anos delineava, junto com seu povo, o respeito, a solidariedade, o patriotismo, a liberdade de serem donos de seus próprios sonhos e vontades.

Bandeiras ao vento, palavras de ordem, aplausos ecoavam mar a fora, atingindo as costas *Miameiras*.

*"Companheiros pescadores,
Companheiros trabalhadores,
Camponeses,
Estudantes.*

Faz aproximadamente 48 horas que, neste lugar, vem se reunindo o povo para expressar seus sentimentos e a sua decisão. Ouvimos mães e, entre elas, as dos pescadores, que naqueles momentos viviam sob a angústia do que os mercenários criminosos fossem capazes de fazer a seus filhos.

Sem dúvida, desde o primeiro instante, tínhamos a segurança de que ganharíamos esta batalha. Desde o primeiro instante, tivemos a segurança de que nossos pescadores regressariam sãos e salvos à nossa pátria, e mais, que seriam devolvidos sem condições de nenhuma classe.

Desde o primeiro instante, advertimos o responsável principal por estes fatos, que é o governo dos Estados Unidos, o único responsável pela vida destes 11 pescadores. Caso contrário, teriam que assumir também a responsabilidade de qualquer medida que, em qualquer terreno, o povo de Cuba se visse na necessidade de tomar, se os pescadores fossem assassinados.

Em geral, nosso povo aprendeu muito de política nestes tempos, e aprendeu muito de questões internacionais, e aprendeu a saber distinguir o que se esconde por trás de cada atitude e o que temos de fazer em cada caso.

"Nós conhecemos numerosos pontos que, neste instante, estão sendo utilizados como escala intermediária entre a Flórida e Cuba pelos agentes da CIA.

Lógicamente, el objetivo número uno, el objetivo fundamental era la devolución de los pescadores sanos y salvos si condición alguna. Nuestras unidades navales se movilizaron; hicimos un cálculo del lugar más o menos, o de la dirección, o en qué dirección ellos tratarían de ocultarse. La tarea era difícil (la de localizar a esos elementos), porque se trata de un gran número, cientos de islas y de cayos, y sobre todo la circunstancia de que se trata de un territorio extranjero, y nosotros consideramos nuestro deber primero solicitar de las autoridades del gobierno con jurisdicción sobre ese territorio que tomara las medidas pertinentes del caso, a fin de localizar a los mercenarios y rescatar a los pescadores.

Nosotros estábamos completamente seguros de que no habían regresado a la Florida. Todo el mundo sabía eso, porque nosotros sabemos perfectamente cómo opera la CIA. La invasión de Girón no salió de la Florida. Se entrenaron en Guatemala, salieron de Nicaragua, vinieron escoltados por barcos yanquis hasta las

cercanías de nuestras costas. (...) Y en realidad ¿qué ocurría? Que cada día venían más ciudadanos a protestar en este sitio. Y lo que hacían las autoridades como autoridades era prácticamente nada. Las organizaciones de masas, los Comités de Defensa y los propios manifestantes se organizaron aquí: se pusieron los brazaletes y se dedicaban a apagar pequeños fuegos que pudieran engendrar una gran llamarada. Porque señores, la indignación era tremenda. (...) es el propio pueblo quien organizó el orden, es el propio pueblo quien lo organizó todo. (...) nos impresionó la autodisciplina de nuestras masas.

Reveses ha sufrido la Revolución, y los ha sufrido más de una vez, ¡y reveses de verdad! ¿Y los sufrimos cuántas veces a lo largo de la historia revolucionaria? En el Moncada, en el Granma nos quedamos seis o siete con unos pocos fusiles, cuando la Huelga de Abril. ¡Montones de veces!

Nunca se nos podrá olvidar un día triste en las montañas, cuando quedábamos 12 hombre y por un radio de pilas escuchamos un parte del Estado Mayor General del ejército enemigo que decía: "Han sido perseguidos incesantemente" era verdad, "Sólo quedan 12 hombres y no les queda más alternativa que rendirse o escapar, si es que pueden". Y éramos acertaron en su mentira, éramos ese momento 12 hombres: unas horas antes habíamos quedado sólo 12 hombres.

Me acuerdo en aquel momento la reacción de todos nosotros: "Quedamos 12, pero no nos rendiremos jamás, no pensaremos jamás en escapar. Seguiremos la lucha y la llevaremos hasta el final, seguiremos la lucha mientras quede un hombre, seguiremos la lucha hasta el último aliento".

Y así también nuestro sentimiento ahora. El sentimiento del revolucionario solo puede ser uno. (...) Levantemos la frente, ¡levantemos la frente!, que nos queda mucho por luchar, que nos queda mucho por hacer. ¡ Levantemos la frente en este instante amargo! Y frente a nuestros enemigo y junto a nuestros deberes más elementales digamos, con más fuerza que nunca en este minuto feliz por un lado y triste por otro, en este minuto de victoria y de revés, digamos: ¡Adelante, pueblo revolucionario! ¡Adelante, con más coraje y con más valor que nunca! Y digamos con más profundidad y más alto que nunca: ¡Patria o Muerte! ¡Venceremos!"

Mal os *macheteiros* regressavam ao corte da cana, médicos e enfermeiras partiam para o Peru.

Todavía, desvelados por dias de vigília, mais de cem mil cidadãos da liberdade se concentravam nos postos médicos, doando sangue para as vítimas

de um dos maiores terremotos no país andino. Fidel - Comandante da esperança era o primeiro da fila.

De braços estendidos, olhava pensativa o líquido vermelho que enchia o frasco, dando início ao aprendizado da força que ia nortear a minha vida: a solidariedade.

Pegava-me *tarareando* pelas ruas, cantando no escuro... O amor nutre a alma, impregna a pele de suaves arrepios, sonha desejos, colore calçadas, embeleza sorrisos. Conforta, alenta, redime. Estávamos apaixonados... Pela vida a fora, estupidamente apaixonados. Nem o tempo, nem os outros amores iriam borrar ou despedaçar este sentimento. Esta paixão nasceu com os sonhos de mudar o mundo. Maturou com a revolução, foi ganhando terreno, vencendo batalhas junto às conquistas cubanas. Fortaleceu para vencer o inimigo, que destruía nossa gente, sangrava nossas terras, feria de morte nossa dignidade.

Ibrahim, me acalmava com seus beijos que entravam úmidos dentro dos meus sonhos e, na clareza dos dias, os ensinamentos marxistas, as leituras pelas madrugadas adentro, as discussões políticas, o conhecimento da alma proletária iluminavam nossos dias.

Entre a guerra e a paz, nossos corpos se uniram, umedecendo a tarde primaveril, e, em uma inocente jura, nos prometemos que para sempre seria assim. Em momentos de extrema ternura, esquecemos do vento, que leva tristezas, traz alegrias, que muda o curso dos rios, que devasta montanhas, deflora as hortênsias, borra as paisagens. Em momentos de extrema ternura, a vida se confunde com a eternidade. Ninguém se lembra que eternidade é tempo demais para qualquer sentimento. Que a eternidade é virtual...

No Brasil, o seqüestro do Cônsul Japonês nos dava um fôlego de esperança. A morte de Juarez havia sido um golpe forte para o movimento. Muitos companheiros se encontravam na prisão, torturados, mortos. O seqüestro de Nabuo Okuchi, Cônsul Geral do Japão em São Paulo, foi feito pelo comando que se juntou à VPR, o Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT) e a Resistência Democrática (Rede), esta última comandada por alguns dos mais corajosos companheiros: Eduardo Leite - o Bacuri - e Liszt Vieira.

O seqüestro tinha um motivo específico: tirar das mãos da ditadura o Shizuo Ozawa – Mário Japa, que detinha informações sobre o Vale da Ribeira, local escolhido para desencadear a guerrilha rural. Na Ribeira, encontravam-se

companheiros de relevante importância para a luta armada.

Hotéis são hospedeiros de casais enamorados, de empresários em viagem de negócios, de alegres passos dos que desfrutam merecidas férias, de opção para poetas, músicos ou anciãos em busca da liberdade caseira. Para residir com duas crianças prontas para voar, não é insuportável, é odioso. Os dias seguem longos, curtos, com e sem esperança, carentes de futuro. Viver tão somente o presente não é tão fácil quanto se apregoa quando a juventude carece de planejar o amanhã. A juventude exige um futuro. Um presente com cheiro de amanhã. Qualquer futuro! Um amanhã, um depois de amanhã.

Eu não fugia á regra. Queria desesperadamente um futuro. Futuro nem que fosse de um dia.

Como exigir dos companheiros cubanos este amanhã? Tanto nos haviam dado carinhosamente: guarida, atenção, um abrigo. Futuro era pedir demais. Esta ousadia era sem cabimento. Pobres companheiros... Que fazer com nossas vidas, se suas próprias vidas estavam sendo construídas à força de gigante? Minuto a minuto, dia a dia, ano a ano.

Marcello e Eduardo estavam distraídos nas cabanas improvisadas com lençóis, colchas, travesseiros, nem perceberam o telefone tocando.

- Alô... - atendo.

- Mirian, é Firmin. Vamos levá-la amanhã para um apartamento em Miramar. Achamos que você vai adorar. Fica bem diante do mar. Prepare-se. Passamos para pegá-la depois do almoço. Tudo bem? - perguntou feliz.

- Um apartamento perto do mar? - perguntei radiante. - E, Miramar fica longe?

- Ora! Miramar é depois do Parque Almendares. - explicou vaidoso.

Pulava e pulava, puxando Cell e Edu pelos bracinhos. Beijava-os todos. Apertava suas carinhas fofas e lindas, puxava seus cachinhos dourados. Beijava-os... Beijava-os.

- Vamos mudar para um apartamento, criança brasileira. Vamos ter um quarto para cada um, uma sala, banheiros. Vamos começar outra vez.

- Que é apartamento? - perguntou Marcello.

- Apartamento é um tipo de casa. Uma casa em cima da outra. Como um pombal. Em um andar moram algumas pessoas, no outro andar, outras pessoas. Como aqui. Só que as pessoas vivem, ficam nos apartamentos mais tempo, ou todo tempo. Ou a vida inteira, ou vida e meia. Nos apartamentos temos espaço

para brincar. Podemos fazer um montão de coisas: teatro, ter cachorro, brincar no quarto, na sala. Como na casa da Marta.

- A Marta vive em um apartamento? – interrogou.

- Vive em um apartamento. - concluí.

- Vamos gostar, *manito*. - comentou com Edu.

Firmin enfiou a chave na fechadura, orgulhoso. Era todo sorriso.

- Uma casa para Marcello e Eduardo. – foi entrando comentando.

- Linda! Linda! – abracei-o eufórica.

- Venham ver. – chamou, indicando os quartos.

- Todas as janelas dão para o mar. Gostaram da varanda? - apresentávamos cada compartimento. – Agora, a cozinha. Que classe de fogão! Quatro fornos, seis bocas e uma prancha para deixar a comida esquentando. E esta geladeira com água gelada. – Bárbara sorria.

Com Edu nos braços, olhávamos curiosos. No Brasil, os fogões não são tão sofisticados, nem as geladeiras com filtros de água. “Que chic”, pensei. Tudo brilhava, cheirava gostoso, limpo.

- Bom, aí tem de tudo. Peixe, camarões, ovos, carnes, leite. Todas as semanas, trarei novas compras. Se necessitar algo, telefona para este número. Venho em seguida. – completou, olhando-me espantado. - Aconteceu alguma coisa?

- O que vou fazer com tudo isso? – perguntei apavorada.

- Comida.

- Comida? Mas...

- Não sabe cozinhar? - perguntou dando risada.

- Alguma coisa. Peixe, lagosta... Ovos não. Bife, nem falar, sai horroroso. Estou ferrada. Completamente.

- Damos um jeito nisso. Hoje, você se vira, amanhã pela manhã venho ensinar umas coisinhas, - falou, saindo porta fora.

Só. Sozinha.

Busquei com os olhos Cell e Edu parados à porta. Abaixei devagarzinho, apertei-os forte. Transpus a sala, assomei a varanda, fitei o céu. A tarde despencava entre nuvens carregadas de eletricidade. A tempestade ostentava relâmpagos e trovões. O céu caía na correnteza das águas que se atiravam impiedosas sobre as flores, despetalando-as. A primeira tarde na *Calle Terceira y 96*. A primeira enxurrada, o primeiro rugido ensurdecido do mar, o primeiro vento varrendo sonhos e tristezas, trazendo consigo o nascimento de outro *porvenir*.

O relâmpago varreu as águas, estremeceu a terra, espatifou no mar. A saudade, maior que a imensidão do mar, penetrou afiada dentro do meu desassossegado coração.

O povo cubano me oferecia em um turbilhão um futuro. Aproveitar a recém-chegada oportunidade cabia meramente a mim. Num incrível instante beleza, apareceu o sol.

As crianças corriam por toda a casa, radiantes, rolavam pelo chão, pulavam de cama em cama. Entravam e saíam do banheiro, dos quartos, espalhavam-se pela sala, chegavam à varanda, olhavam ao redor curiosos.

- Menina... Oi, menina – escuto Marcello chamar. Busco a novidade, estirando o pescoço curioso. Deitados no chão, olhando pelo vão da murada que separa o chão da varanda do vazio do terceiro andar, lá está ela. Magrinha, cabelinhos lisos cor de mel, olhinhos sonhadores, a primeira menina. Marcello insiste na resposta, enquanto ela sorri feliz sem entender.

- Escondeu. – decepcionou-se Marcello.

- Apareceu. – gritou, chamando Eduardo.

- Está olhando!

Neste esconde-esconde, Luly, a garotinha do lado, entrou definitivamente no apartamento dos brasileiros. Caímos de encanto por ela, misto de flor silvestre regada à seiva de baobá. Forte e frágil. Rebelde e centrada. A nossa doce menina de brincadeiras infantis, a adulta mocinha desabrochando para a vida.

Luly viveu a nossa vida, amenizou com sua inocência as noites de vigília, a solidão, foi cúmplice de todos os amores, viveu conosco as dores, as eternas alegrias. As perdas, os ganhos. Foi a amiga das travessuras. Português e Espanhol se fundira-se amorosamente.

Passado o temporal, decidi sair para conhecer a redondeza e, provavelmente, ver a menina da janela ao lado.

Bem ali na esquina, deparamo-nos com o mar. Furioso, atirando-se para todos os lados, acertando as ondas após-tempestade.

Caminhamos pelos pinheiros que bordejam o edifício, pulamos por sobre as pedras da *playita* cravadas de ouriços. Discreto, o sol sumia no horizonte, dando lugar a uma cálida noite de verão. Fugi no infinito para encontrar a minha praia. O sorriso do mulato faceiro, a cara sofrida do menino atravessando o sinal e pedindo a esmola ao transeunte apressado. Ai! Que saudade latejada... Doída...

- Voltamos, criancinhas? Temos que fazer comida, arrumar as camas,

conhecer a casa. Até agora, curtimos a tempestade, a varanda, a *playita*. Que tal voltarmos à casa onde vamos morar?

- Sim, mamãe. Né, Edu? Vamos ver nosso quarto?

- Sem correr. 'Pera aí'. Oi. Oi. Cell, Edu. - corria atrás deles tentando alcançá-los. Ufa! Agarrei os dois no ar...

- É querosene que fala em português? Não é?

Olhei espantada. Que susto! "Sim, é querosene", respondi sem entender nada.

Uma visão! Um metro e quase oitenta, linda, magra. Cabelos castanhos de ondas largas, escuros, olhos mais escuros que a noite, emoldurados pela tez alva como *palomas* blancas.

- Sou Lourdes. - completou. - Não falo português, mas sou louca pela Maysa.

Impossível refazer do susto! Da voz rouca, da beleza feito aparição em noite de lua e, de quebra, apaixonada pela deusa da música popular brasileira?

- Olá. Sou Mirian, *brasileña*. Vou morar no segundo andar.

- Bem vinda. Muito bem vinda.

- Quase não sei espanhol. - falei

- Euuu nãoo falo português. Estamos quites - sorriu. - Seus filhos?

- Marcello e Eduardo. - apresentei.

- Tenho três: Luly, Mari e Leonel - o Allu.

- Marcello viu uma menina na janela. Esteve chamando por ela.

- É a Luly.

Caramba. Inacreditável. Então é Luly a menina da janela, filha de uma cubana que adora a Maysa. Miramar promete.

Noite afora, perambulei pela casa, enquanto meus anjos adorados dormiam em suas camas enormes. Cairiam no chão? Volta e meia, meus olhos passeavam pelos cabelinhos dourados. Caminhava até a varanda, via o delinear das árvores, escutava o mar, conferia o contorno dos pinheiros na escuridão. Metade de mim vagava pelas ruas de Laranjeiras, lia Machado de Assis⁴⁹, adentrava em Augusto dos Anjos, tomava um chope gelado no Lamas; a outra desbravava a realidade.

Miramar amanheceu, desnudando cada instante em um doce gesto de amor e cumplicidade. Os pequenos edifícios se confundem com as suntuosas mansões hollywoodianas, bordejadas de árvores majestosas, atapetadas de pequenas e doces margaridas, onde jibóias, girassóis, cactos e pequenos ficus,

cuidadosamente desenhados, emolduram o mar. O bairro onde viveria foi surgindo da noite. Simplesmente inesquecível. Viajei pelas nuvens, segredei com o mar, mandei recados pela brisa que revirava as ramas dos pinheiros, dei boas vindas ao sol, enquanto incontáveis lágrimas bailavam nas minhas faces, rolando de encontro aos lábios, umedecendo-me a alma...

Clareou. O dia, a vida, as marílias, todos os dirceus, os sonhos, a tristeza e todas as alegrias presentes, ausentes e por vir se curvaram reverenciando Miramar. Diferente, especial.

Dias depois, todos haviam, de uma forma ou de outra, se apresentado.

- Sou Glória, vizinha do primeiro andar. Antonio, meu marido, Fernando meu filho. Tenho duas filhas, Ana Glória e Josefina. Todas casadas e com filhos pequenos. Josefina tem sua Ivetica, uma boneca loura. Ana Glória, Ernestico, como o Che Guevara. Como trabalham muito, aparecem por aqui nos fins de semana.

- Outra Ana – apresentou Glória. - A zeladora do prédio. Mora ao lado da garagem. Ali no último apartamento vive Eládia. Ela é contra o governo, sabe, vive enclausurada. Tem lá suas manias, pouco fala conosco. Lourdes você já conhece.

Ao meu lado, Catita, casada com um comandante da Cubana de Aviação – o famoso Consuegra. Devo a ele meus dotes culinários: lagosta ao chocolate, arroz frito e feito na panela de pressão, e outras guloseimas a mais. Sem tocar no socorro dado, urgente, para consertar um ou outro brinquedo quebrado. Catita, ciumenta como ela só, convivia harmoniosamente comigo. As mulheres cheiram perigo e, apesar da cumplicidade com seu marido, havia um proleta pelo meio que me tinha a cabeça virada. Fomos confidentes e amigas por longa data, até que se mudou para Marianao e o destino, egoisticamente, nos separou. Nada sei de Catita, de Consuegra muito menos. Mas, a cada furacão que assola o Caribe, vem-me à lembrança o piloto guerreiro, que entrava no olho do furacão para medir sua velocidade.

- Hoje, vou sair para voar no meio do ciclone – falava sossegado.

- O quê? Você vai voar no meio do olho do *ciclón*? Ficou doído.

- Não, brasileira. É uma das maneiras que temos de medir sua velocidade.

Entro de bico no destruidor, medimos e volto tal como entrei. De ponta. Um erro, por menor que seja, e já era. - brincava, descendo rápido a escada.

Quando ouvia sua voz chamando Catita, meu coração batia aliviado. Grande Consuegra, festejava.

Se o assunto é ciúme, vem-me à mente a linda Catita. Lourinha, mignon, tal qual bonequinha de luxo.

- Sai da janela, Consu – gritava ela, quando ele brincava comigo, chegada da praia em um minúsculo biquíni, roupa totalmente inusitada naquelas paragens caribenhas. Catita sofria com meu jeito livre de vestir.

- Não sofra, mulher – brincava eu. - Consuegra te ama, e eu ao proleta.

Sorria amarelo, contrariada. Sorte minha não ser a única vítima de seus ciúmes diários.

Nos anos seguintes, sentíamos falta da pequena do lado.

Antonio, o marido da Glória, sessenta e tantos anos de vida bem vivida, cigarro e as biritas na hora do pôr-do-sol.

Antonio, o Camagueiano, viera para *Havana* após o triunfo da revolução, e trabalhava como enfermeiro em uma Central de Açúcar.

- Aposentar só se for para morrer. Quero construir este novo país. Glória vive implicando. Diz que estou velho, que a Central é longe, que saio cedo...

- Mirian, você já chegou?

Lá vinha ele esperando no pé da escada feliz, cheio de novidades.

- O Grande Hotel de Camaguey vivia apinhado de bacanas, todos para curtir a mulher cubana. Era um tal de champanhe, jóias. Um *despilfarro*... Só vendo. Uma vergonha... Meninas tão jovens dando para aqueles velhos cheios da grana. Graças a Fidel, minhas filhas puderam estudar e não são putas. Se não fosse a revolução, seriam putas. Não tinha saída. Pobre só podia ser puta, sabe. Morria de medo, afinal eu não passava de um camareiro que nas horas vagas aprendia enfermagem. A revolução nos despertou sentimentos sufocados. Dignidade, patriotismo, amor, solidariedade. A colonização destrói nossas raízes, deixamos frágeis, tristes, carentes de terra, carentes de pátria. Um homem sem pátria é um homem triste. Repara, existem flores, frutas, animais que são próprios de um lugar. Nasceram ali. Sofrem se saem de seu habitat. Acostumam muitas vezes, é claro, mas outras morrem, inexoravelmente. Imagina, se o homem perde suas primeiras referências, se perde seu chão... – falava e falava, tarde e tardes.

- Antonio, pergunta à Mirian se ela quer um ovinho com banana frita. - chamava Glória, com sua voz infantil.

- Ora, mulher, como não vai querer? Ela chegou agora, cansada.

Lá vinha meu velho amigo trazendo um prato quentinho, gostoso, cheio de

poesia. Cuba, sorrateira, de mansinho, carregada de carinho, ia preenchendo o vazio escuro do exílio.

Calle Terceira, entre 96 e 96A, frente ao mar, testemunha das minhas maiores alegrias, escondia a estonteante Sra. Juanita. A velha dama de Villa Clara, burguesa e latifundiária de nascença. Abandonara Cuba nos primórdios da revolução com toda sua família, exceto Lourdes. A linda mulher do primeiro andar. Por quatro anos viveu em Los Angeles com seu filho predileto, Cuchin, rico, patologista, bem casado com uma sócia de Betty Davis. Regressou a Havana ainda nos início dos anos 60, cansada de ser esnobada por “um bando de americanos grotescos comedores de sanduíches, gordos e mal educados”.

- Isto em Los Angeles, terra do glamour. - reclamava. - Se Cuchin não fosse rico e eu tivesse que viver em Miami, que seria de mim? Entrava em uma loja e quando dizia “I am cubana” olhavam-me como se fosse uma ladra. Veja só, uma Veiga sendo tratada como uma qualquer. “Que me perdoe Cuchin, vou embora daqui”.

Um fim de semana, alegando querer conhecer Acapulco, voou até a cidade do México e pediu asilo à embaixada cubana. Afinal, Lourdes ia ter um filho e desta vez seria um *varón*, sonhava orgulhosa. Voltou à Cuba alimentando o sonho de levar sua filha e netos para o Norte. Com ela ao lado, seria diferente. Afinal, nora é um horror. “Nora não é família, é agregada. Tudo o que querem é boca fechada e bolsa aberta...” Concluía.

- Você é dessas que adoram este ditador?

- Quem? - perguntei assustada.

- O barbudo... Ora!

- Ah! Fidel Castro?

- Sou apaixonada por Nixon. Isto é que é governante. Odeio este Fidel. Não sei o que você veio fazer aqui.

- Mamãe... Mamãe... Venha aqui – gritou Lourdes assomando-se à porta. - Ela é assim mesmo. Foi embora. Voltou. E agora fica pelos cantos falando mal da revolução. Ah! Mamãe. Se Leonel te ouve, nem sei o que vai se passar.

- Odeio meu genro – saiu resmungando.

- Ai, Meu Deus... Tomara que chegue o gás – falava em voz alta no corredor, chamando-me a atenção.

- Ligue para a Cia. do gás, pois Deus não vai dar nenhuma atenção ao seu pedido. Não vê que ele está ocupado com questões mais sérias... - retruquei

brincando.

- Até que os brasileiros são espirituosos – completou sorrindo. - Vou insistir com a Cia de gás.

Quebrou o gelo, o iceberg, a barreira ideológica. Dama esguia, elegantemente vestida, adornada com seu colar de pérolas legítimas - frisava presunçosa, - e lábios cuidadosamente pintados, Juanita era a avó dos meninos de baixo, os amigos de Marcello e Eduardo, a sogra do intragável Leonel, mãe da deusa da beleza, como diziam meus companheiros – mulherengos como eles só.

“Com um pouquinho de carinho, umas pitadas de amor, eu ganharia esta mãezona. Deixa estar”. Subia as escadas arquitetando a conquista.

- Lourdes... Entrem, já disse. Venha agora – esbravejou uma voz masculina saída dos quinto dos infernos.

- Um momento, Leonel. - respondeu Lourdes com as faces subitamente avermelhadas. -Desculpe, Mirian. Noutro momento falamos.

Equivocadamente ou não, pela voz, pude entender quem era Leonel. Um agridoce, cuja conquista demoraria alguns intermináveis anos.

Galeno aparecia pelas manhãs. Acordava cedo e despencava até Miramar para saber as novidades e brincar com os meninos. Dija vinha à tarde, quase todas. O Brasil presente em todas as conversações. Dulce estava presa em São Paulo, torturadíssima. Tínhamos medo que ela morresse. Quanto resiste um ser humano à tortura física e moral? Dulce bravamente resistia. Chorávamos e torcíamos por ela. Dija a amava tanto, tanto que seu coração tomava todo seu corpo para abrigar a guerreira distante. Amei e respeitei Dulce desde a primeira declaração de amor do seu entranhável companheiro. Por todos eles, que nos cárceres do meu país sofriam as dores físicas em defesa das morais, por todos eles, tínhamos que ser melhores a cada dia. Mais conscientes, mais firmes, mais seguros, mais revolucionários. Estudávamos, discutíamos nossas condições de exilados. Que fazer? Como crescer? Tardes trás tardes, amadurecíamos um pouco. De cada pôr-do-sol sugávamos a força que emana da mãe natureza para nos tornarmos melhores. Tentávamos...

Enquanto o General Médici capitalizava a vitória do tricampeonato para seu governo, mérito único e exclusivo de vinte e duas feras muito bem treinadas e definidas pelo João “o sem medo” - o João Alves Jobim Saldanha, comunista de carteirinha como costumava ser chamado, - milhares de brasileiros eram

assassinados, torturados, mutilados, estuprados nas prisões. Misto de dor e alegria. Afinal, de que vive um povo sofrido, faminto, carente de escolas, de vida, se não dessas gotas de felicidade doadas generosamente por seu próprio povo? Os meninos do futebol. Estes mesmos, saídos dos guetos, das favelas, da fome, dos maus-tratos, da falta de futuro. Saldanha tinha esta consciência. Por isso, desafiava generais. Por isso, era irascível. Ele, melhor que ninguém, conhecia a verdade. O futebol é o presente que o povo se dá. É o seu momento de liberdade. É a demonstração do que somos capazes. Vencer...

Os meninos prodígios do futebol não ditam as leis que regem o país, não comandam exércitos, não definem regras econômicas. Driblam a bola ao caminho do gol... A nós, nos dão aqueles pequenos instantes de extrema felicidade, tal e qual a Portela quando desfila seu azul, ou a Mangueira quando pinta de verde e rosa o verão abaixo do equador. Assim é lindo, forte, vitorioso e triste meu país.

Dormia o Brasil, acalentado com a vitória da Copa, quando um grupo de jovens, entre comandados por Carlos Lamarca, seqüestrava, na Rua Cândido Mendes, o embaixador alemão. E exigia em troca a liberdade de 40 presos políticos. Dija e eu recebemos a notícia enlouquecidamente eufóricos.

- Quem estaria na lista? - argüia Damaris.

Não sabíamos o que fazer. Ligávamos a cada segundo para a rádio "Havana Cuba" em busca de novidades. Horas a fio de tensão, angústia, alegria sempre. Quaisquer que fossem os escolhidos, era mais uma vitória nossa.

O Brasil negociava com a Alemanha a usina de Angra. Os alemães representam um lado muito forte da economia mundial, o governo brasileiro não vai arriscar a vida do seu representante oficial. Esta sacada foi perfeita.

O telefone vibrou com nossos corações: Fausto, Dulce Maia, Liszt, Gabeira, Minc, Maninho... quarenta ao todo. Quarenta companheiros livres.

Dija me abraçou, enrolando-nos no fio, pulando, rindo...

- Sim, Ibrahim... Oba, oba... - falava aos risos, enquanto as lágrimas emudeciam nossas almas, lavavam a dor da espera.

- A tia está na lista, e com as crianças - entrou Ibra feliz. - Quarenta, gente!

- Deixa-me ver - puxava Diógenes o papel mais desejado, trazido pelo amado proleta.

- Também quero - subia por cima dos dois, tentando ver os nomes.

- Vão para a Argélia. O Japa vai para lá encontrá-los - Ibra, cheio de novas,

tagarelava sem deixar que a gente argumentasse. - Acho que amanhã.

Despertei Marcello e Eduardo para contar a novidade. A felicidade era tanta que não podia esperar o amanhecer.

- Cell e Edu, o papai saiu da cadeia. Foi trocado pelo embaixador alemão. Qualquer dia desses, a gente o vê outra vez.

- Saiu da cadeia. Eu não disse que o tio Carlos ia tirar ele de lá?

Levantou da cama, retirou do armário a velha folha de papel amassado e, como em um conto de fadas, explicava ao Edu como havia sido o regaste. "Então... Ele entrou por aqui, virou para lá..." Saí de mansinho, caminhei até a varanda enxugando as lágrimas. Fazia muitos anos... Muitos... Nem sei quantos, que não chorava de felicidade.

Cell e Edu corriam pela *playita*, saltitando entre as pedras, molhando os pés, rindo, banhados de alegria. Desde aquela noite, Marcello vivia sorrindo. Uma hora ou outra, seu pai entraria pela porta adentro.

- Nem todos virão. - confirmou Onofre.

- Fausto, com certeza, escolheria vir a Cuba. Afinal, estamos aqui, - comentei.

Falar ao telefone, inútil pensar. Se as comunicações eram difíceis em outros lugares do mundo, avalia Cuba, bloqueada pelos países coniventes com a política americana. Tentar telefonar podia durar dias. A comunicação com a Ilha era, na maioria das ocasiões, impossível. Ou um amigo levava um recado, uma carta, ou contato, nem em terceiro grau.

No dia do meu aniversário, chegaram Liszt e Gabeira. Vieram visitar-me. Contar as novas. Uma noite feliz como poucas. De Porto Alegre a Miramar. Quem diria? Não é que a vida é feita mesmo de encontros e desencontros? Liszt era um encontrado dentre tantos desencontros. Saudei a vida!

- Dentro de alguns dias chegará um grupo. - contou Liszt. - Fausto... Não sei se está nesta leva. A Tia vem primeiro. Cheia de crianças... E essas coisas mais. Eu fico por aqui até decidir com a Organização. O Gabeira regressa logo à Europa. Temos que nos refazer da cadeia. Foi uma barra. Mas isto é assunto para outro dia.

Abraçamos felizes.

- O Pedrinho está no grupo. - enumerou.

- Pedrinho? Qual o nome dele?

- Edmar.

- Impossível! Edmar... Não combina com ele.

- Assim é. Liszt combina com Rodolfo?

- Com barba sim... - brinquei.

Da prisão, dos companheiros que ficaram, da situação dura e caótica, aos amores, o papo estendeu noite adentro.

O dia amanheceu. Pela primeira vez comemoraríamos um 26 de julho de terras cubanas.

Nunca vi nada igual – comentei com Galeno. Milhões de pessoas lotavam a célebre Plaza de la Revolución.

...”En el día de hoy no vamos a hacer un discurso propiamente conmemorativo; quiero decir, no vamos a rememorar éxitos y logros de la Revolución. Tampoco vamos a rememorar pasados heroicos. No es con la palabra sino con la acción y el trabajo que se rinde tributo a aquellos que lo dieron todo.

Tampoco en el día de hoy vamos a tratar problemas de tipo internacional, acerca de lo cual mucho podríamos y desearíamos hablar.

En el día de hoy vamos a hablar de nuestros problemas y de nuestras dificultades (APLAUSOS), y no de nuestros éxitos sino de nuestros reveses. Y queremos hacer análisis, aunque sabemos que esta tribuna tan multitudinaria no se presta mucho para el análisis frío ni para los números.

No suelo venir a estos actos con muchos papeles, pero esta vez no me ha quedado más remedio que traer papeles (APLAUSOS), porque son muchos los datos y los números.”

Fidel falava devagar, pausado, quase em silêncio. Todos ouviam atentos. Fidel fazia um recorrido pela história de todos os acontecimentos daqueles primeiros anos de revolução socialista. Analisava cada ponto. A indústria, a lavoura da cana de açúcar, a alfabetização, os primeiros médicos, a habitação...

”No pueden evaluar al pueblo, no pueden medir la profundidad de su entereza moral, del valor de un pueblo. ¡Pueblo cobarde sería aquel que se atemorizara ante las dificultades! ¡Pueblo cobarde aquel que no fuera capaz de ver, oír, escuchar, decir la verdad de frente! ¡Pueblo cobarde el que no diga la verdad ante el mundo! ¡Y nosotros no tenemos ningún temor a hacerlo como lo hemos hecho hoy, decirlo como lo hemos dicho hoy, plantear por encima de todo nuestra propia responsabilidad como lo hemos hecho hoy (APLAUSOS), y plantear los problemas ante el pueblo con la confianza que lo hemos hecho hoy”

Não sei quantas horas levou analisando, sei que nos valeu e muito para conhecermos de perto o povo, os procedimentos e a firmeza desta revolução

que havia mudado a América Latina.

*“El poder, ¿qué es el poder? ¿Qué es este poder ni ningún poder?
¡Es la voluntad del pueblo encaminada en una dirección, aunada
en un sentimiento, marchando por un mismo camino! Es este
poder tan simple como tan indestructible el poder del pueblo. ¡Ese
sí es poder! ¡Y ese es el que nos interesa!
Ninguno de nosotros, como hombres individuales, ni sus honores ni
sus glorias interesan absolutamente para nada, no interesan ni
valen nada. Si un átomo de algo valemos, será ese átomo en
función de una idea, será ese átomo en función de una causa, será
ese átomo en unión de un pueblo.
Y los hombres somos de carne y hueso, frágiles hasta lo increíble.
No somos nada, sí lo podemos decir. Somos algo solo en función de
esto y de esta tarea.
Y siempre, siempre estaremos, y cada vez más, cada vez más
conscientemente, cada vez más íntimamente, cada vez más
profundamente, al servicio de esa causa.
Una vez más me resta solo decirle a nuestro pueblo, en nombre de
nuestro Partido, de nuestra dirección, e incluso también en nombre
de mis propios sentimientos ante la reacción, la actitud y la
confianza del pueblo, decirle muchas gracias.
¡Patria o Muerte! .
¡Venceremos! “*

Durante muitos anos, muitos 26 mudariam a nossa vida.

Fausto – Luiz para as crianças - subiu as escadas do prédio 9606 semanas depois, metade da noite.

Da paixão que nascera devagarzinho nas tardes de longos papos no Parque Guinle, na distante Laranjeiras, das visitas à casa do antigo comunista, mescladas aos embalados *“deixa que eu diga, deixa que pensem, que fale”*, dos poemas deixados por baixo da porta todas as madrugadas por 365 dias, restava o carinho, a cumplicidade e dois lindos meninos.

Inquietudes, sonhos, desejos foram selados em uma quente tarde de fevereiro, testemunhada por Nelson Cavaquinho⁵⁰ na pequena igreja metodista da Praça José de Alencar, ao som dos Beatles.

Estes mesmos sentimentos nos distanciaram lentamente no cumprimento da luta pela liberdade do nosso povo. De todos amores sobram boas e más lembranças.

Deste, a definitiva: Cell e Edu.

Fausto passara um ano e tanto na cadeia. Como tantos outros, trazia no corpo, na mente, as marcas cruéis do pau-de-arara, dos choques, das noites... Das infinitas noites de dor e medo, na expectativa de ver passar, diante de seus olhos, eu, Marcello e Eduardo, capturados em algum canto desse imenso país chamado Brasil.

Tímidos, saudosos, conversamos toda a noite, até o amanhecer, quando duas carinhas assomaram à porta do quarto. Todo sorriso, sorrindo, Marcello puxou Edu pelo braço e se atirou nos braços do seu herói. Quase a saudade nos pegou...

Naquela manhã, de verão caribenho, viramos a página e cada qual seguiu como pôde. Durante três meses, convivemos, desfrutando o reencontro. Ibrahim, Coqueiro, Galeno, Conga, compartilhavam conosco política e sentimentalmente. Tempos difíceis estes de adaptação, definição, construção...

Meses depois, Fausto foi para Europa com destino indefinido, na crença de poder regressar ao Brasil e finalizar a luta iniciada anos atrás. Juntos, de uma só tacada: Galeno o amigo inseparável, o grande Conga, o valente Coqueiro, o carrancudo Andrada. – nesta altura, mais doce, menos exigente. Não foram raras as vezes em que se desculpava pelo comportamento irascível e a não compreensão durante os dias que sucederam o seqüestro.

Por vezes, analisávamos o comportamento do grupo, dos grupos, dos homens. Andrada era exigente, mas estava desgastado, enfraquecido.

- Estou sendo perseguido. – reclamou nervoso.

- Perseguido? Aqui? De que forma? Andam atrás de você?

- Nada disso. Vivi no Uruguai por um tempo. Clandestino com o Tarzan. Entrávamos e saímos dos dois países com facilidade. Por isso, dizem que sou agente da CIA.

- Ora, Andrada. Todo mundo é agente da CIA. Basta não dizer amém ao poder de turno. Ser agente da CIA ficou tão corriqueiro que virou piada. Deixa a gente do Pasquim ouvir essa!

- Estão me discriminando! Você não entende?

- Claro que entendo, companheiro. A esquerda não tem vivência. É frágil, cursa o primário. Dá para entender? A maioria das vezes, irresponsável. Acusar de traição é grave. Gravíssimo. Cadê as provas?

- São conjecturas. – argumentava sofrido.

- Só faltava essa. Fico puta, sabe? Com tanta coisa para fazer. – tentei

contornar a situação. -O tempo é o conselheiro, o juiz, a verdade. Dá esse tempo pra você. Anos depois, Andrada desapareceu ao entrar no Brasil.

1970 chegava ao fim. Cell e Edu foram à creche, para que eu pudesse conseguir um trabalho. Os dias passavam lentos, sofridos, amargurados. Devorava livros. Políticos, romances, ficção, poesia. Todos. Sorte minha: os preços eram baixíssimos, ao alcance de todos. Nas noites, ouvia Maysa, cantada e decantada na voz rouca e sensual da Lourdes. A conta-gotas ia me adaptando à nova vida. Imiscuindo no dia-a-dia do povo cubano. Começava a participar das reuniões dos CDR's - Comitês de Defesa da Revolução.

Os Comitês sugeriram da necessidade de preservar a Ilha da invasão dos mercenários, e promover a organização social. Fundados em setembro de 1960, defendiam e guardavam a revolução a sete chaves. A organização civil era o principal para a consolidação das conquistas daquele primeiro de janeiro. Os comitês organizavam as campanhas de vacinação infantil, preventivos de câncer ginecológico, os exames citológicos. Nenhuma mulher podia deixar de fazer o exame. E todas acudiam conscientes de que, ao prevenir, estavam preservando suas vidas. Acredito que, por aí, nasceu o grande logro da revolução na área da saúde. Será que no mundo existia, em 1960, esta preocupação em massa?

Reuniam os moradores para debaterem a política nacional e internacional. Discutiam em detalhes os discursos do Comandante em Chefe. Com que orgulho encham a boca para dizer estas palavras: Comandante em Chefe. Lá iam letrados, recém-alfabetizados, engenheiros, advogados, professores, noite adentro, palmilhando pedaço a pedaço os problemas nacionais e internacionais.

A partir das dez horas, começava a guarda nas ruas. Tocava a todos a cada quinze dias, em uma escala definida nas reuniões. Jovens, maduros, meio maduros, homens e mulheres vigiavam, enquanto a pátria idolatrada dormia tranqüila nos braços dos seus filhos. Os CRD's se tornaram o alicerce da organização social. Cada comitê leva o nome de um herói, cubanos ou internacionais. O Brasil também é homenageado. Bem no início de Miramar, lá está, forte e firme, o CDR Carlos Marighella. para orgulho da brasileira.

Semanas mais tarde, Olaf apareceu para falar da creche que os meninos freqüentariam.

Olaf é um desses guerrilheiros filhos da revolução. Diferente dos antigos guerreiros, ele prima pela sensibilidade. Ama a vida. Ama o amor. Ama sua

pátria e, de quebra, a minha, quase com a mesma intensidade. É brincalhão como costuma ser um homem feliz, e nos cuida como se fôssemos seus. Dedicava horas preciosas conversando comigo, ou brincando com os meninos. Torce por mim e pelo proleta. Entre uma coisa e outra, dedica a vida à revolução cubana. É jovem e audaz. Forte e seguro. Vai envelhecer amando e lutando por esta liberdade.

Uma mansão hollywoodiana, abandonada por seus moradores ao triunfo da revolução. Entrada exclusiva para carros, uma pequena escadaria sustentada por duas colunas, dá passagem ao hall interior. Um luxo, só. No chão, mármore Carrara, chapeleira. Ao fundo, a escada arredondada se bifurca em dois lances para chegar ao segundo andar. Biblioteca, três salões, varandas bordejadas de jardins com árvores frondosas. Tudo branco e dourado. Parece que Lauren Bacall entrará em cena... Pequenos lampejos dos luxuosos filmes década de 50. Este é o *Bosquecito* – no final da ladeira de uma rua sem saída.

Marcello falava pelos cotovelos. Edu, dentro de sua timidez, joga com algumas poucas palavras. Não raras vezes, a diretora telefona aflita, depois de tentar exaustivamente entender português.

- Companheira, o que quer dizer mocotó? Marcello insiste em querer geléia de mocotó. Sem falar que ele passou um bom tempo contando tudo sobre um cachorro. Cachorro, tudo bem, acabamos entendendo, mas mocotó...

- Este Marcello! Como explicar geléia de mocotó? Nem eu sei falar tão bem espanhol. É da perna do boi. - explico constrangida. Uma comida doce! Sabe. Entendeu?

Morta de rir, finaliza a conversa dizendo o mesmo refrão.

- Vou ver no dicionário, companheira. Fique tranqüila. Damos um jeito.

Por mais alguns meses, deram aquele jeitinho. Entre explicações mímicas e aurelianas explicações. O *Bosquecito* marcou com ternura e suave paixão as primeiras palavras lidas, os desenhos, as brincadeiras, as canções infantis...

*"...Barquito de papel mi amigo fiel... Llevame a navegar por el ancho mar. Que quiero conocer gentes de aqui de allá y todos llevar mi flor de amistad!"*⁵¹
Tarareavam os dois nos fins de semana, a caminho do mar. Cell e Edu eram felizes. Começavam a ganhar o mundo com duas vozes pela mesma garganta.

Silvio, Pablito, Nicola, Sérgio Vitier, Leo Brower adentravam a minha vida

com suas canções e a paixão pelas do meu país. Vinícius de Moraes, Chico Buarque, Milton Nascimento, as Bachianas, de Villa Lobos - interpretadas magistralmente por Sérgio Vitier. Descobri que, naquela esquina *de la Calle 23* entre 10 e 12, aqueles meninos, haviam fincado um pedaço de um país chamado Brasil. O Grupo de Experimentação Sonora composto por eles, criado pelo ICAIC - Instituto Cubano de Artes e Indústria Cinematográfica - tinha por finalidade principal fazer música para cinema, experimentar novas harmonias, estreitar as relações com a música tradicional de Cuba e a Música Moderna Internacional. Era o embrião da Nova Trova germinando. Eram os trovadores numa genealogia musical aceitando-me para sempre como irmã e companheira.

Antes que, fosse anunciada a entrada de 1971, Silvio e Pablito, se apresentavam no Festival Internacional de Música Popular em Varadero.

Sem pedir licença, dezembro transpôs o umbral do mês das somas e perdas. Mês de balanço: do coração, dos amigos adquiridos, das parcas esperanças, das conquistas. Mês de comemorar Cell e Edu.

Quinze e dezessete é para sempre, durante toda a minha vida dias de festa. Não importa o preço. Custe o que custe. Com ou sem bolo. Na rua, na praia, no Parque Farroupilha - como havia sido no ano anterior. Com ou sem amigos. Se na clandestinidade os festejamos, aqui tiraria de letra, apesar das dificuldades. Sou zero a esquerda em questão de bolos e doces. Guloseimas, nem se fala. Mas festa pra valer se faz com amigos. E, amigos, sei conquistar.

Longe da *terra brasílis*, da família, dos antigos amigos, de Ipanema, do samba, do Pixinguinha e do Flamengo, nada faltou. O bolo confeitado, os croquetes de frango, carne e camarão. As mil-folhas, bombas e folhados recheados de doce de goiaba - ainda hoje nosso fetiche.

Em uma das paredes da sala, Glen - o amigo de tantas - colou a saudade em num mosaico de cores, pedaços do Brasil. Um enorme Corcovado, capa da Revista Manchete, a Bruna Lombardi linda, com aqueles olhos vermelhos - primeira paixão do Marcello, que completava quatro anos.

Praias, Caetano e Gil, ruas, montanhas, palavras de ordem, propagandas e a Bethânia de microfone em punho, fantástica, soberba, ecoando parede à fora, agitando nossos corações, slogans de 50, 60 e 70.

Rodopiamos com Jair Rodrigues, Beth Carvalho, os Novos Bahianos, Elis, Nara, sem falar no Roberto e Erasmo, cantamos parabéns, dançando alucinados até a madrugada.

Ao amanhecer Miramar tinha cheiro de Brasil.

*Que mis versos vuelan como mariposas
Pequeñas e inquietas:
Ay! Quédate, y verás la maravilla
De una mariposa
Que cubre con sus alas
Toda la tierra.
José Martí⁴³*

⁴³ José Martí – Fragmentos e poemas.

1971 – “Año de la Productividad”

*“Os poemas são pássaros que chegam
Não se sabe de onde e pousam
No livro que lê.”
Os Poemas – Mário Quintana*

Debruçada no parapeito, vi chegar cheio de novidades um novo ano. De comemoração, uma discreta alegria entrelaçada pela nostalgia da distância. Um ano de exílio. 365 dias perfaziam um século. A convivência com a saudade deixa marcas indeléveis. De felicidade para comemorar: estarmos vivos...

Da rua chegavam eufóricas alegrias de mil vozes, comemorando mais um ano de triunfo da revolução. Sem poder ausentar-me, rapidinho, desci as escadas para abraçar os novos amigos. Adotei aquela felicidade. Corri o céu, atravessei as estrelas, confidenciei com a lua, presunçosamente linda.

- Sem fronteiras, - segredou-me.

- Sem fronteiras, - concordei.

Pactuamos. Ao dobrar a esquina, beijei com ternura o coração verde cravado abaixo do equador. Diga-lhe da minha saudade. Diga ao boêmio perdido na madrugada que amo escandalosamente o povo brasileiro. Não o deixe esquecer.

Debruçada no parapeito, compartilhei com Miramar a liberdade.

Estava numa encruzilhada. Amava Ibrahim, e como. Mas, a decisão de permanecer na ilha de Fidel era definitiva. As possibilidades de retorno dada as circunstâncias eram remotas. Os companheiros vagavam pela Europa buscando formas de entrar no Brasil e dar continuidade a luta. Não ia aventurar-me. Deixar as crianças sem uma definição segura do que iria fazer e como no Brasil. Havia amadurecido, naquele sofrido ano de clandestinidade, e no primeiro ano do exílio. A separação era a melhor solução. Tínhamos duas vidas. A Idealizada e a possível de ser vivida. Cuba, mesmo bloqueada reafirmava a liberdade. Erguia um país socialista. Aqui ficaríamos. Poderia colocar em prática meus conhecimentos didáticos, culturais. Esta ilha estava aberta a solidariedade de que maneira fosse e como fosse. Apostaria nesta vertente.

Como previra, janeiro abriu as portas ao VII Congresso Internacional de

Jornalistas, presidido pelo então chanceler Raul Roa. CEIBA I foi inaugurada como a primeira escola secundária no campo. Alicia Alonso trouxe, para alegria de todos, de Paris, os primeiros prêmios.

A técnica australiana de corte de cana queimada é adotada para facilitar a colheita. O primeiro congresso da FEEM reúne jovens estudantes em torno de temas internacionais. O suave inverno aquece a esperança, desabrocha em hortênsias azuis. A felicidade esmurra o vento que sopra do Norte. Impossível deter a História.

Marcello começa a ler quase que sem titubear as primeiras frases. De números... conhecia todos.

- Para que servem tantos? – pergunta.

- Para aprender a somar e dividir. – respondo.

- Para quê? – volta a insistir.

- Para sabermos quantos amigos temos. Quantas estrelas tem no céu. Para saber dividir as mil folhas com seus coleguinhas. Tudo na terra, querido, move em torno dos números, desde o ábaco até o computador.

Era assim. Um grupo de homens caçava animais para comer. Outros homens juntavam gravetos para fazer o fogo onde iam assar as carnes. Para dividir entre eles, era preciso somar e depois dividir. Assim, foram inventando os números para dar um nome a cada quantidade. Uma laranja, duas laranjas... um porco do mato, três porcos do mato... E juntaram tantas e tantas frutas e tantas e tantas caças que os números foram aumentando, aumentando, aumentando.

Edu olhou interessado e disse de repente.

- Eu sei, *manito*. Eu tenho um irmão. Você tem um irmão. Cada um tem um. Né, Mamãe?

- É, Eduardo – sorri. Eduardo vai saber mais de números que eu e o Cell juntos.

Ibrahim escutava os longos papos com a criançada brasileira, como dizia o Fausto, curtíamos cada nova conquista dos meus anjos louros. Na escola, novos testes psicológicos e de QI acabavam de ser realizados e os dois estavam muito além da média. Difícil educá-los, mas feliz com o conhecimento que a cada dia adquiriam.

Estava fascinada com as descobertas na Área Educacional. Afinal, dedicara parte da minha juventude ao ensino. A Teoria do Conhecimento é a tônica principal. O sistema educacional cubano reúne vários métodos de desenvolvimento, baseados no estímulo que determina a independência

cognitiva e a criação dos alunos. Dos países caribenhos, é o que prima por uma larga tradição pedagógica, desde as idéias do padre Félix Varela, considerado um dos forjadores da nacionalidade cubana. "O primeiro que nos ensinou a pensar".

Aos métodos de Varela se entrelaçam a Psicologia e a Pedagogia soviética e alemã. Varela, Makarenko e Vigotsky.

De Varela, o saber pensar para aprender, discernir, escolher. De Makarenko, o magistral pedagogo soviético, mais que métodos de ensino, a organização escolar. De Vigotsky, psicólogo, a realização da aprendizagem. O processo docente é um complexo processo de ensino e aprendizagem.

Se você detém o conhecimento como se produz na mente, então, pode encontrar os melhores métodos de ensino – argumenta a jovem professora apaixonada pela Geografia, que conta a história da humanidade.

- Esta ilha vai se tornar um ícone da educação mundial.

- Não tenho dúvida, - agreguei a seus comentários.

Calada, despenquei no sonho, relembrando a irrecuperável perda das minhas escolas. Onde estariam agora Pedros, Antonios, e Luízes? Qual deles sobreviveu à miséria, à dor, à falta de pão, à incompreensão de pais sofridos, envelhecidos pelo cotidiano, desajustados pelas circunstâncias? Qual conseguiu cruzar a vala negra que os separa da vida?

Sofria silenciosa, entre a contradição e a impotência.

Invejava esta pequena ilha desafiando o mundo com conhecimento, solidariedade, amor, enquanto um país chamado Brasil - verde, adornado de esmeraldas, pintado de ouro, banhado generosamente pelo velho Chico, pelo Paraíba, pelo Guaíra – pobre, infeliz, faminto, rastejava entre dívidas, torturas, programas de atraso pré-estabelecidos pelos países dominadores. Quando foi que perdemos a oportunidade: na proclamação da república, no grito da independência, na chegada da primeira caravela, ou na chegada do primeiro trem inglês?...

- Atende ao telefone Marcello. - chamei.

- Mãe, é o Olaf.

- Olá, companheiro?

- Você pode trabalhar na rádio Habana Cuba?

- Na rádio? Não sei nada de rádio.

- Aprende - respondeu sorrindo. - Uma das funcionárias do departamento de Português vai ficar de licença quatro meses e precisamos de uma voz feminina.

- Qual é o trabalho?
- Selecionar, redigir as notícias e depois transmiti-las para o Brasil.
- Para o Brasil? – quase gritei. - Redigir as notícias vai lá, mas transmitir...

Você ficou louco. Será que posso?

- Se você pode? Ora, menina, você pode muito mais que isso.
- Ora, Olaf. Não sei não. Se ficar feio. Com essa voz nada radiofônica! Que dia começo?

- Amanhã.
- Amanhã!

Lá pelas 10 horas, entre folhas e folhas de telex, a máquina de escrever e, nas costas, a responsabilidade de redigir minha primeira notícia sobre o Brasil para o Brasil – censurado.

- Você vai substituir a Mirian Bernardes?

Por uns tempos, fui respondendo enquanto caminhava para o estúdio. As folhas recheadas de notícias balançavam entre meus dedos trêmulos.

- Nervosa? – perguntou, tentando ser cortês.
- Nervosíssima... imagina.
- Sou Robert. O americano responsável pela sessão em inglês. Acompanhe-me. Comigo foi igual. Diga-se de passagem, acredito que com todos foi assim. Um aperto no peito, uma vontade doida de sair correndo... -confortou-me com seu sotaque carregado.

- Chegamos, - sorriu. - *Good luck!* Vejo você na saída.

Uma porta pesadíssima foi fechada à minha passagem. No cubículo forrado em todo sua extensão por um carpete amarronzado, uma mesa, dois microfones de cada lado, uma janela de vidro hermeticamente fechada, uma lâmpada pregada no alto da porta aguardam a ordem do diretor. Olhei minuciosamente para todos os lados, respirei fundo, puxei a cadeira, sentei-me rápido para sossegar minhas pernas. Milton, o diretor do programa para o Brasil, faria comigo aquele primeiro dia. Milton era sisudo/simpático. Falava comedidamente, o que não me deixou nem um pouco à vontade.

Havia dado algumas entrevistas pela vida a fora, mas fazer um programa com duração de uma hora – um noticiário – assim de supetão, não sei não...

Conferia as notas agrupadas dos telex, quando a luz vermelha acendeu pintando no ar “gravando”.

- Boa tarde, Brasil. Na cidade de Havana, presidida pelo Comandante Jesus Montané, membro do Comitê Central do Partido, foi criada a organização União

de Pioneiros. A primeira organização de crianças da América Latina – falou seguro.

- Chico Buarque deixa o Brasil pra se exilar na Itália, acompanhado da sua mulher, a atriz Marieta Severo. Junto com os baianos Caetano e Gil, o paulista mais carioca do mundo Francisco Buarque de Holanda forma a tríade que ocupa o patamar mais alto dos músicos-poetas da geração dos anos 60. Chico, como é chamado, se notabiliza por ser o grande poeta social popular do Brasil, além de mostrar-se particularmente original e sensível na criação de canções na primeira pessoa feminina. Entre suas canções mais famosas estão Sabiá, Pedro Pedreiro e Construção, - frisei.

- É assassinado no Rio de Janeiro, no bairro do Cosme Velho, Aderbal Alves Coqueiro, militante da VPR. Coqueiro regressara ao Brasil... Aluísio Palhano, exilado em Cuba desde o golpe militar de 1964, também de regressou ao Brasil, foi preso, brutalmente torturado até a morte no Dóí Codi de São Paulo, depois de várias passagens por outros prisões entre Rio e São Paulo. Algum elo havia partido. Desconfiar com estas informações seriam as novas palavras de ordem? Haveria um infiltrado entre nós?

Estou falando com o povo brasileiro... Entre a incredulidade e a certeza, eufórica, saudosa, feliz, realizei uma das mais lindas viagens da minha vida. Percorri o nordeste, beije as praias descobertas por Cabral, sobrevoei o Corcovado, passei pela elegância discreta de suas meninas, mergulhei no Guaíra. A minha saudade entrou nos ouvidos de nem sei quantos brasileiros, tristes e alegres como eu.

A nossa missão era linda: dizer o que ficava escondido nas gavetas das redações dos jornais. Falar pelos milhares de jornalistas que camuflavam a verdade do que se passava em meu país, da forma mais inverossímeis: receitas de bolo, poemas, palavras escondidas nas entrelinhas. Nós, da Rádio Habana Cuba, a cada dia tentávamos dar este presente aos nossos Zuenires, Jaguares, Ziraldos, heróis das redações.

Durante meses, tentei executar à altura a missão de levar notícias ao povo brasileiro. Por segurança, na rádio, meu nome de guerra era Bárbara, para o caso de algum ouvinte tentar manter contato, o que não era lá uma constante. Mas, eis que um dia, uma chamada internacional super inesperada nos pegou de surpresa. A telefonista aflita veio ao meu encontro anunciando que uma senhora estava na linha desejando falar com comigo.

- Quem será? Ninguém sabe que trabalho aqui. Além do mais, todos sabem

que este nome não é real.

- Ela já chamou três vezes. Parece muito aflita – explicou.

- Melhor você atender, - confidenciou o diretor do departamento internacional.

- Alô – atendi aflita.

- Alô. Sou a mãe do Ronaldo. Estou no exterior tentando encontrar meu filho. Ouvi você pela rádio e estou telefonando para que me ajude.

- Como? Que Ronaldo?

- Ronaldo Dutra Machado. Você o conhece. Ele foi trocado pelo embaixador alemão, foi para a Argélia e nunca mais soube dele. Estou desesperada. Ajude-me por favor, Sra. Bárbara. Soube que ele vem para o Brasil. Não posso deixar que ele cometa esta loucura outra vez. Se vier será assassinado.

Indescritível a dor que se apossou de mim ao ouvir o pedido agonizado, sofrido daquela mãe que saíra do Brasil tão somente para telefonar. A mãe do Maninho ao telefone!

Maninho era da ALN, morava no Novo Vedado e nos visitava amiúde. Marcello e Eduardo eram textualmente apaixonados por ele, incluindo nesta paixão Ramón e Raul, os filhos da Marta. Raros os fins de semana que Maninho não passasse conosco. Raros os momentos que não foram da mais pura alegria na presença desse típico carioca. Charmosíssimo, despertando suspiros, adorava praia, cheio de histórias, coincidências, amante incondicional da vida, da pimenta, dos sonhos, da música, dos poetas – um senhor Companheiro. Como as crianças, eu adorava o Maninho, que amava Tatiana também da ALN, que amava Pedrinho.

Companheiro de cela do Fausto, dos duros dias do cárcere da Polícia Militar, na Barão de Mesquita, Rio de Janeiro, muitas vezes chorou por nós, quando uma falsa gravação de choro de criança levava o pai dos meninos ao pau de arara, sob alegação de que se não confessasse nós também seríamos torturados. Até o dia em que festejaram o seqüestro de um avião onde se encontravam as famosas criancinhas. Maninho nos amou, torceu por nós antes que soubéssemos de sua existência.

- Aqui estou para roubar as crianças neste fim de semana – entrava brincando.

- Ramon e Raul também? –perguntavam os dois enlouquecidos.

- Claro.

- Estou vendo. Que faz você que esses meninos não querem outra coisa?

- Nada. Brincamos.

- Sim... Sim...

Domingo de noite, voltavam os cinco. Imundos, unhas cheias de barro, cabelos pegajosos, pés e pernas marrons de tanta sujeira. A banheira entupia de tamanha imundice.

- Maninho! Esses meninos não tomaram banho?

- Tomaram. Sujaram na hora de saírem.

- Comeram?

- A gente comeu, mãe. Muito. - apressava Marcello a confirmar.

Alguma coisa me cheirava mal. Comeram... Tomaram banho... E esta euforia exagerada.

- Hoje foi demais. Pulamos do teto. - comentou Edu.

- Pulou do teto? Que isso, Maninho?

- Ora, Mirian! Brincaram de pular da laje no meu colo. - ria, enquanto os meninos descreviam minuciosamente as peripécias.

- Um coco caiu na cabeça do Ramon, e ele desmaiou. Desmaiou. - tagarelava Marcello.

- Foi sim. Ficou com os olhos fechados, depois abriu, - completou Raul.

- Mãe, fomos à casa da moça da espada e do violão quebrado - confessou Marcello.

- Na casa de quem Maninho?

- Uma amiga, Mirian.

- Lá tem uma espada e um violão quebrado na parede - completou Marcello

- Pendurado na parede? - perguntei.

- É isso aí. Na parede. - respondeu um pouco contrariado.

- Ora. Não posso saber?

- Nãoooooooooooooo...

Aos poucos fui descobrindo o segredo dos fins de semana chorosamente prolongados... As comidas eram latas de leite condensado com bolachas d'água. Banho, só nas noites de domingo em Miramar.

Prometo... Para gravar no disco voador... Cantarolava, enquanto o mistério simples da felicidade delineava sorrisos infantis.

- Alô! Alô! Mirian você está acordada?

- Acordada... Maninho?

- Sou eu.

- São três da manhã, Maninho!

- Não consigo dormir. Aquela canção da morena não sai da minha cabeça.

- Que morena? Como vou saber? Estou dormindo.

- Aquela morena, aquela dos lábios... – insistiu.

- Lábios?

Já acordada, comecei a cantarolar.

- Não. Essa não.

- Descobri... “Marina morena você...”

- Máximo! Tchau.

Maninho... Maninho... O som escapando do aparelho mostrava que já estava desligado. Êta, carioca arretado. Será que ele pensa que está em Ipanema, ou a saudade bateu muito forte? Foi a saudade molhando de lágrimas seu coração. Ah! Maninho. Que seria de nossa alegria sem você?

- Alô! A senhora está me ouvindo, dona Bárbara?

- Sim. Vou ver como posso averiguar. Não o conheço, mas vou tentar. Pode me telefonar daqui a três dias?

- Claro.

Maninho andava pelo Escambray. Localizá-lo através dos companheiros do Ministério do Interior e discutir se ele falaria ou não com a sua mãe.

- Vamos analisar os prós e contras. - argumentou Olaf.

Dois dias passaram e quando Maninho falou segurando o choro ao telefone:

- Te amo, mãe. Te amo... Me cuida. Pode deixar. Te amo, mãe...

Meses depois, Maninho foi para Europa, deixando-me uma figa lindíssima, cheia de axé baiano. Feita de jacarandá, com unhas e pulseirinha de prata - meu talismã. Sem ela não dou um passo. Da praia a elegantes recepções, lá está ela adornando meu pescoço. E trago até hoje...

- Para fechar seu corpo. Palavra de marxista. - segredou no meu ouvido quando terminou de cerrar o fecho.

As hemorragias começaram ainda na Rádio. Ir ao médico, fazer um diagnóstico. Normal não era. Sem mais nem por quê, uma sangueira corria perna abaixo sem escolher lugar ou condição. Assustada, fiz um citológico.

- Mirian, telegrama para você.

- De quem?

- Da Maternidade Obrera - entregou Antonio.

“Comparecer urgente à Maternidade para repetição do exame”, lia Lourdes com os olhos arregalados.

- Bobagem - interferiu Antonio - Rotina, Mirian. Vou com você.

- Melhor eu – cortou Lourdes.

- Companhia, temos que realizar um novo citológico porque a coleta foi insuficiente – delicadamente explicou a médica dentro de sua bata branca.

- Doutora, por favor – solicitou a enfermeira.

- Um momento. Retorno em um minuto.

Em um gesto impensado, agarrei a ficha, li muda o resultado:

ADENOCARCINOMA grau IV.

Na sala em rodopios, prendo a mão de Lourdes entre as minhas. “Leia”, pedi sem voz. Lívida, quase num desmaio, entreolhou minhas lágrimas.

- Vamos sair daqui. Agora. - implorei silenciosa.

- Mas e a ...

- Nada. Vamos, pelo amor de Deus.

- A doutora. já volta - tentou a enfermeira nos interceptar.

- E agora, Lourdes? Adenocarcinoma...

- Não. Imagina. - tentava articular as palavras. - Vamos voltar. É preciso que o médico te veja.

- Vem, vem...

Um dilúvio avançava sobre minha face, ensopando a blusa da vizinha querida.

- Um táxi. Onde tem um táxi? - pedia soluçando. - Um táxi, Lourdes.

- Calma, vamos resolver isto - tentava amenizar a dor.

- Não posso morrer no exílio. Entendeu? Quero o Brasil! Quero meus filhos! Lourdes, que vou fazer? Não posso morrer agora. Sonhei tanto com meus trinta anos. Não quero, Lourdes, por favor.

Antonio, parado na sacada, entendeu quando cheguei. Desceu rapidamente as escadas, abraçou-me e chorou comigo. Lourdes falava e falava. Opinião geral: ir buscar rapidamente o Jaime, antes de mais nada. Nem que fosse para me tranquilizar, antes de ir à escola ver os meninos. Meus meninos. Meus amados meninos, tão pequeninos, tão indefesos. Impossível que estivesse acontecendo comigo. Logo agora. E o Ibra? Como podia deixá-los estupidamente por um adenocarcinoma?

- Vou chamar o Olaf - afirmei.

- Primeiro o Jaime – pediu Glória. - Ele é fantástico. Competente, excelente cirurgião. Telefonei. Está de plantão e vai atender imediatamente.

Jaime Barahona era colombiano. Estudava na Ilha desde os 17 anos. Terminara medicina e fazia especialização em cirurgia. Na festa, em casa de amigos o havia conhecido. Olhos puxados, tez morena, cabelos lisos, sorriso

latino. Virginiano, trazia consigo todas as características do signo.

- Olá, *muchacha*. Sabia que você tem os olhos mais lindos que eu já vi? Sem falar no sorriso. Apaixonei por ele à primeira vista – brincou. - As doenças estão refletidas nos olhos, e os seus não dizem isso. Vamos ver? Que tal?

Passou o braço carinhosamente pelos meus ombros, dirigindo-me à sala de atendimento. Examinou, examinou inalterável.

- Dói?

- Não...

- E aqui?

- Não...

- Formidável!

Formidável, esse cara é louco. Olhei para a Josefina, filha da Glória, sem entender absolutamente o adjetivo.

- Como assim?

- Eu opino fazer um *legrado* diagnóstico ainda hoje para dirimir as dúvidas. Aguardamos o resultado e tomamos uma decisão.

- Esperar o quê? Isto não é brincadeira. Vou morrer. Você não entendeu?

Movendo negativo a cabeça, mexeu nos meus cabelos, sempre esboçando um sorriso. Despedaçada, economizava voz e palavras. Pensamentos dispersos engoliam meu cérebro. Transtornada, consentia sem questionar. Cercada de enfermeiras, médicos, ajudantes, borrei sonhos e vontade.

- Brasileira? - perguntou Gabriela, a enfermeira de turno. - Brasileira da terra do maior cantor das Américas...

*“Hoje, eu ouço as canções que você fez pra mim
Não sei por que razão tudo mudou assim
Ficaram as canções e você não ficou
Esqueceu de tanta coisa que um dia me falou
Tanta coisa que somente entre nós dois ficou
Eu acho que você já nem se lembra mais
É tão difícil olhar o mundo e ver
O que ainda existe...”*

Inadmissível. À beira de um ataque de nervos, entrando para a sala de cirurgia e esta moça cantando Roberto Carlos⁴⁴. A vida segue e é bela, Mirian. Assim é a cada partida uma chegada. É... Roberto Carlos...

- Sou louca por ele. Quero aprender todas as canções. Ele não vai gravar em

⁴⁴ Roberto Carlos – Compositor e Interpretador – Cachoeiro de Itapemirim - ES

espanhol?

- Sei da minha solidão, da dor que arde fundo, das lembranças, sei dá vontade de sair correndo pela praia, correndo... Sei do pôr-do-sol, sei de dois meninos dormindo na Calle Dos – grosseiramente contestei.

- Desculpe. Nem uma palavra entendi – retrucou.

Deitada em posição ginecológica, indefesa, com os braços abertos em cruz, perfurados por agulhas condutoras do soro fisiológico invadindo todo meu sistema sangüíneo, levando consigo a perda da consciência que nos deixa no limiar da vida, vi Cell e Edu se apagando diante dos meus úmidos olhos, mesclados à imagem indígena de Jaime Barahona.

- Mirian... Mirian... Acorde. Acabamos.

- Hummmmmmmmmmm.

- Acorde.

Verde. Quanto verde! Onde... girava e girava. Num esforço, vejo Jaime tocando delicado meu rosto.

- Finalizamos. Abra os olhos, preguiçosa, temos novidades – coloquiava.

- Tô com sono...

- Fica para depois. Ainda é cedo. Acorda, o Ibrahim está aí fora aguardando.

Poucos minutos, horas, quiçá! Da Maternidade Obrera à Quinta Dependente. Do adenocarcinoma a um *legrado* diagnóstico. Do desespero à esperança. Da abrupta solidão à presença silenciosamente terna do companheiro proleta.

- Ibra! - balbuciei sorrindo.

- Oi, Miroca!

Escondeu minha mão dentro da sua. Um beijo longo umedeceu minha frente, passando naquele gesto toda a energia disponível em seu universo.

A voz de Jaime chegava de longe, dissertando sobre *legrados* falsos diagnósticos. Calou-se. Distanciou-se, deixando-nos entregues ao mágico momento de troca de energia.

- Jaime, desculpe, é que estava tão perdido – falou Ibrahim.

- Imagina, companheiro. Não acredito que Mirian tenha um adenocarcinoma. O exame ginecológico foi negativo. O resultado da raspagem também vai ser. Essas hemorragias, certamente, são provocadas pelos cistos dos dois ovários. Por cautela, aguardamos a biópsia e, posteriormente, extirpamos os cistos.

- Quantos dias? - Perguntou ainda assustado.

- Cinco. Com diagnóstico definitivo, dez.

- Ufa! Tudo isso?

- Para viver é nada, menina – beliscou minha bochecha. - Está liberada. A ambulância vai levá-los à Miramar. Nos vemos na consulta.

Escorreguei na sala molhada no corre-corre para atender rapidamente o telefone.

- Alô!

- Jaime! Como vai? Tem novidade?

- Ótima. O exame deu negativo. Negativo. Sem câncer. Sem falta de vida. Vamos operar os ovários? Semana que vem? Tudo bem?

- Ufa! Tudo assim rápido, sem pensar, sem respirar.

- Que disse o anestesista?

- Raquidia.

- Não opinamos. Prefiro não opinar. Contente?

- Preocupada com os meninos. Eles vão ficar com a Marta que, diga-se de passagem, é ótima. O Ibrahim está no interior.

- Melhor para mim. Ele é muito ciumento. Fica me olhando de um jeito. Os brasileiros são ciumentos assim ou é só o famoso proleta?

- Ha ha! E os colombianos todos são mulherengos assim?

- Que fazer? Teus olhos e sorriso me deixam desconcertado. Lindo. Lindo. Como evitar admirá-los?

- Que tal falar de ovários? – desconversei.

Confiante no sucesso da cirurgia, embriagada, ouvia vozes discretas dando início à operação.

- Se sentir alguma coisa, diga. Começaremos agora. Tudo bem aí? Não é assim que fala? Tudo bem?

- Huhummm. Tudo bom - sussurrei sonolenta.

- Vou aproveitar para tirar teu apêndice, verificar fígado, estômago. Vamos nessa? – informou Jaime, já passando o bisturi na região acima do umbigo.

- Aiiiiiiiiii!!!!!!

- Só um pouquinho. Segura aí!

- Fantástico. Você está linda. Nova em folha. Trinta e cinco cistos minúsculos no ovário direito e dois no ovário esquerdo. Uma fábrica de cistos. Trompa direita rosadinha. Útero perfeito, limpo. Umbigo novo. Cicatriz invisível. Retirei todas as anteriores. Do Adenocarcinoma, nem lembrete. Estou feliz por você.

Despertei horas mais tarde, acariciada por umas mãos pequenas, de pele calejada e suave. Levantei as pálpebras. Dois olhinhos chinos me fitavam com doçura. Sonho... Acordada, sorri para o rapaz franzino.

- Olá. - cumprimentei.

- *Bueno...* - esforçou-se para pronunciar. -Vietnamita. Ser vietnamita. Mestrado de medicina.

- Eu brasileira. - respondi, tal qual ele se identificara.

- Humhummm... Sorriu.

- Não sei falar espanhol, - completou.

- Nem eu. Não importa.

- Ele é vietnamita. Esteve durante muito tempo te cuidando. - intrometeu-se Gabriela, cantarolando uma canção do Roberto.

Já passava das dezessete horas, quando Jaime chegou. Examinou de cabo a rabo, olhou minuciosamente a evolução no prontuário e ordenou que me levassem para o quarto.

Limpíssimo, arejado, virado para o jardim onde podia olhar as ramas floridas dos flamboyants; respirei aliviada. Estava viva. Bem viva. A biópsia por congelamento dera negativa. De todas formas, esperaríamos pela específica para dar nota zero à possibilidade de um carcinoma. Cuidados de uma medicina consciente. Queria levantar. Olhar pela janela. Caminhar.

- Quer caminhar? Temos apenas oito horas de operada, mas vamos lá um passinho, para não dizer que sou um ditador que assusta moças indefesas.

- Apraz-me um pouco de ar. Olhar as flores. Festejar a vida.

O vietnamita saiu de mansinho, após tocar levemente meus cabelos. Na manhã seguinte, encontrou-me no corredor e fez comigo o caminho de volta.

Em menos de dois dias, estava perfeita, mas as normas do hospital eram rígidas: uma semana para me darem alta. Os dias passavam voando. Todos festejavam a brasileira. Com flores, com passeios pelos jardins, escapadinhas na biblioteca, principalmente com a fã Roberto Carlos. Que paixão nutriam aquelas enfermeiras pelo Roberto. Aí, aprendi algumas canções, sectariamente discriminadas na época. Roberto Carlos cantava para a ditadura, não fazia parte do nosso mundo. Mas Roberto lembrava o Brasil, as noites da turma, na Praça São Salvador, a Stella, a Rosinha de Valença. O Paulo César Studart, - médico recém formado, lindo e cobiçado pelas meninas de Laranjeiras, as noites no Zacateca. Reavaliava a Jovem Guarda, os via com o coração brasileiro.

- Manolo, olha essa moça na praia operada. Parece que tem uma zipper na

barriga. Cheia de pontos. - comentou assustada.

- Deixa a companheira em paz, Magaly. – frisou, olhando curioso. - Deve ser novo método de cura. A medicina avança. – saiu meio desconfiado.

Jaime Barahona havia me deixado pegar um pouco de sol. “Um pouquinho”, aconselhara. “Cicatrizava mais fácil”. Aproveitava para caminhar até o mar, deitava alguns minutos, acompanhada pelo fiel escudeiro, o velho e bom Antonio. Nem operada essa menina desgruda do mar e das notícias. - resmungava ao telefone, informando ao Barahona como tinha sido meu dia.

Enquanto estivera hospitalizada... Luis Pavón foi designado para o Conselho Nacional de Cultura, sem falar na criação de um Conselho Nacional de Oficinas Populares de Educação, cujo principal objetivo é tornar a educação um problema de todos. Novamente, pescadores cubanos são capturados pela polícia costeira americana, a 35 milhas de Cayo Tortuga. Difícil conviver com esta loucura. Nem bem os pescadores eram libertados e já se anunciava a febre porcina africana, obrigando o povo e o governo a queimarem centenas e centenas de porcos. Justo quando a carne de porco chegava com facilidade aos açougues.

Doía a alma admirar tais cenas que iam além da imaginação Kafkiana. A liberdade tem seu preço, mas o povo cubano paga demasiado alto por ela. O que, de errado, aqueles doze homens fizeram, se não sonhar por um mundo melhor e lutar palmo a palmo para concretizar este desejo? O sorriso substituía as lágrimas no ganho do dia-a-dia de novas realizações. Na Ilha de Pinos, a primeira escola básica no campo, sindicatos para a Indústria Açucareira, para os trabalhadores civis das FAR - Forças Armadas Revolucionárias, para a aviação civil, primeiros edifícios construídos por operários, as chamadas micro-brigadas, sendo inaugurados na cidade nova Alamar.

O caiman verdecia enquanto Raul Roa, o grande chanceler, contracenava com o mundo, abrindo definitivamente um novo horizonte, enquanto os novos trovadores, há anos nas estradas, levavam a toda parte do mundo mensagens de amor e de paz – embaixadores de esperança. Silvio, Pablo, Noel percorriam a ilha aglutinando novos amantes de sonhos e liberdade. A Nova Trova semeava força, alegria, ternura e solidariedade, penetrando sorratamente em meu coração, invadindo minha vida, povoando meus anseios, iluminando meus sonhos. Brasil e Cuba se abraçavam em versos e amores. A paixão era recíproca.

Ibrahim decidiu ir para o Chile. Eu, decidida. Mesmo solitária no apê de Miramar ficaria para não desestabilizar os meninos. Mudar de país seria o caos.

Escola, adaptações. Um eterno começar de novo. Sérgio Lara, físico nuclear, bem sucedido no trabalho, em um gesto único de amizade, ofereceu-me retaguarda em Paris, juntamente com as crianças. Ficaria em *Habana*. Afinal, havia feito anos atrás uma opção de lutar pelo povo brasileiro. Porque não lutar o dia a dia com os cubanos que a duras penas mantinham viva sua liberdade. Não aceitava bem esta necessidade de liberdade em país Europeu. Entendia as inquietudes dos companheiros, mas era difícil concordar. Um dia, talvez não muito distante, teria uma segunda chance de dar o melhor de mim, para isto companheiros como Lamarca continuavam a dar-nos esperança, poderia regressar às minhas estrelas.

Entre encontros e encontros na esquina do ICAIC, um sorriso aqui, um toque

de mãos acolá, fui abrindo uma das caixinhas como Juanita definir meu coração.

- Estou pra ver alguém amar assim – sorria satisfeita. Posso assegurar que está caidinha por este tal de Noel Nicola. Acha que sou boba. Só porque tive um só marido. Boba sim é o que eu era. Veja o brilho dos seus olhos, a alegria com que encara as dificuldades, as ausências. Descobri que isto é amar. Tomara. Tomara Luly saia a você. Só assim poderá ser feliz sempre.

Juanita, a doce e suave Juanita acertou. Abri uma caixinha, cheirosa, manhosa, de cedro, escondi aquele trovador lá dentro para todo sempre.

Nicola, um acorde de amor, foi meu cotidiano, minha tatuagem, minha calmaria. Desde aquele encontro em casa de Marta, numa tarde de janeiro de 1970, eu sonhava com este novo encontro. Assim foi. Um encontro casual, na esquina da 23, saindo do ICAIC, deparei-me com ele, Pablito e Sérgio Vitier.

Olhamo-nos. De “Belle de jour” exibida no cinema da Universidade a “Dodeskaden,” no bairro Marianao, ao convite para ir a San Nicolas para ouvir uma de suas últimas composições, foi um salto. Inesquecíveis as setas indicativas “Aqui” desde a parada de ônibus de San Lázaro até o número 118 de San Nicolas.

“AQUI NOEL.”

Das cartelas á declaração de amor para Mariana, em “Te Perdono”, deparei-me com suas mãos suaves como a brisa. Durante anos, seus lábios, seus dedos, dedilhavam meu corpo. De êxtase em êxtase, desfrutarmos milhares de terceiros instantes de pôr-do-sol na playita, de mãos dadas com duas outras paixões: Cell e Edu.

- Corre Nicola..., gritava Eduardo, em uma desenfreada velocidade, para não perdermos aquele sublime instante que cantava Vinicius em seus versos.

Noel sossegava minha alma tarareando 'Calma por favor porque tenemos prisa y el trecho es duro de andar...' Aprendi com ele os encantos da paixão, os segredos da solidariedade.

Sua guitarra, irmanada numa simbiose de mágia e competência, fluía sons de 'Maria del Carmem' a 'Siempre es 26', alusões à mulher guerreira, livre, solta, feliz, aos acontecimentos de um certo 26 de julho de 1953, marco no século XX, quando um grupo de jovens ousou e mudou o mundo. Noel, compunha, organizava a Nova Trova em todo o país e ainda tinha tempo de sobra para compartilhar comigo minha velha e saudosa paixão pelo Brasil. Passear pelas ruas de Habana, fugir à Regla para ver o Cristo, uma versão simplória do imponente Corcovado, cartão postal do Rio de Janeiro. Descobrir portas e janelas, perder-se nas muretas do malecón beijadas eternamente pelo mar.

Descer de mãos dadas a Avenida dos Presidentes em direção à Casa das Américas, refúgio saudável dos trovadores amados e incentivados pela querida Haydeé Santamaria – mãe de notas e acordes, de sonhos, de realizações.

Nicola foi um o meu amor maior. Entranhável, imprescindível. Assim seria, por dez anos a fio, por todas as outras décadas vindas e por vir....

Diferente totalmente do proleta que habita outro recanto do meu coração. Tarefa difícil acreditar que o somente amamos uma vez na vida. Cara metade. Outra parte da minha laranja. Todos os amores se verdadeiros são eternos incomparáveis. Nenhum novo amor apaga o anterior. Nem alcanço esta história de acabou o amor. O que passou foi a euforia a paixão – geralmente metabólica com durabilidade de um ano mais ou menos. Amor, mesmo é para sempre de cores e formas diferentes. Os três nunca foram os primeiros nem seriam os últimos a ter um lugar privilegiado em meus sentimentos. Amo as flores, os sóis, as canções, as janelas, a menina calada parada na esquina, o Martinho da Vila, a Bethânia, os homens desde que o egoísmo não seja a sua tônica existencial. Sou apaixonada pela humanidade.

Maior, chove. Mês de cálidas manhãs, tardes com cheiro de terra passou. Vou ficar com saudade das vindas noturnas do trovador. Do riso na madrugada, embaixo do mosqueiro, do som da guitarra baixinho, baixinho para não despertar a vizinhança, de "Olhos nos olhos.

Junho voou nas asas dos rouxinóis apresentando Julho o mês de assomar- se à Praça. Ouvir Fidel compartilhar com o todo o povo.

18 primaveras do assalto ao Quartel Moncada – primeira ação armada do

Movimento 26 de Julho. A Plaza de la Revolución esbajava alegria. Fidel remexeu os microfones num gesto único de ser. Seu toque energizava aqueles aparatos capazes de transformar a energia do som. Sua voz pouco a pouco ressoa, ganha os caminhos da América Latina. 26 de Julho sempre é um dia feliz, mesmo que as notícias não sejam as melhores. É o dia reafirmação da liberdade.

*... “Naturalmente que el deseo sería poder dedicar este acto del 26 de Julio a las cuestiones relacionadas con estos hechos y con el movimiento revolucionario en América Latina y en el mundo. Pero es que también tenemos otras obligaciones, puesto que uno de nuestros fundamentales deberes es no solo alentar y estimular la lucha de los pueblos, sino también ganar nuestra propia, dura y ardua batalla en nuestro país – começou Fidel entre aplausos seu tão aguardado pronunciamento...
Compañeros bolivianos aquí presentes, integrantes de una representativa delegación....
Nos regocija que en el día de hoy representantes de dos fuertes movimientos revolucionarios hayan estado presentes en esta tribuna (APLAUSOS).*

*“...Y puesto que a nuestro juicio ellos son ejemplo de lo que deberá ser la patria del futuro, lo que deberá ser la juventud del futuro, de cómo será la sociedad comunista (APLAUSOS), nuestra más sincera felicitación, nuestro más profundo reconocimiento en nombre del pueblo. ¡Nuestra gratitud por haber demostrado con los hechos que la posibilidad del comunismo para la sociedad del futuro no constituye una quimera!
¡Nuestro agradecimiento por haber mostrado al pueblo ejemplo de conciencia, de trabajo y de hombre comunista!
¡Patria o Muerte!
¡Venceremos!*

Fidel, volta aos microfones para ler a mensagem da “Brigada Cuba no Peru” anunciando o fim das obras do primeiro hospital construído em terras Latino – americanas resultado da premissa cubana – a solidariedade.

A rádio Habana Cuba entrou no ar seca, pesada: “Após um tiroteio travado entre a polícia e os irmãos de José Campos Barreto, o Zequinha que acompanhava Lamarca, obrigou-os a abandonar o lugar onde se encontravam no interior da Bahia e iniciar uma longa e penosa rota de fuga. De 28 de agosto a 17 de setembro, caminharam 300 quilômetros. Cansados, debilitados, desnutridos, foram covardemente assassinados ao serem surpreendidos pela

polícia, quando descansavam à sombra de uma baraúna.”

A notícia entrou como uma bofetada. Zonzos, órfãos, choramos, cada qual em seu recanto, o impacto de mais uma perda. Dias antes, Iara Iavelberg havia se suicidado em um apartamento em Salvador ao ser cercada pela polícia.

O perigo se acercava. Na caatinga, ao descansarem à sombra de uma baraúna, foram surpreendidos pela repressão. Lamarca estava desnutrido, asmático, provavelmente com a doença de Chagas.

Perdíamos Lamarca, e com eles outros companheiros como Nilda Carvalho Cunha, militante do Movimento Revolucionário Oito De Outubro (MR-8). Nilda era secundarista. Em 20 de agosto de 1971, foi presa em Salvador, por ocasião da morte de Iara Iavelberg, por agentes do DOI/CODI. Libertada em 12 de novembro, profundamente debilitada em consequência das torturas sofridas, morre no dia 14 com sintomas de cegueira e asfixia, em consequência de envenenamento durante a prisão. A mãe de Nilda, desesperada com a morte da filha, passou a fazer denúncias e protestos em praça pública e, certo dia, apareceu inexplicavelmente enforcada.

“Ninguém mais segura este país” apregoa Emílio Garrastazu Médici, o ditador brasileiro. Ninguém segura o desvario desses militares que, em nome da pátria, ensangüentam nossa bandeira. Novembro sepulta migalhas de esperança.

Enquanto o cruzeiro do sul não passava de uma ilusão de ótica, mercenários voltavam a atacar, dessa vez Banes, região oriental da Ilha, deixando dois mortos e quatro feridos.

Fidel convidado pelo Presidente Salvador Allende vai ao Chile. Na festa de despedida, fala ao povo Chileno no Estádio Nacional:

“Hay una pregunta, muy común en los chilenos, que nos hemos encontrado en casi todas partes, y que revela ese gran espíritu patriótico de los chilenos y un poco de ese orgullo patriótico de los chilenos. Y es que se llenan los pulmones de aire, suspiran profundo, y preguntan: “¿Qué le parece a usted este país? ¿Qué impresiones tiene usted de este país?” Aun cuando sepan lo que a uno le parece, aun cuando conozcan de antemano las impresiones. O como cuando preguntan: “¿Cómo lo han tratado en este país?” Aun cuando puedan conocer la respuesta de nuestros sentimientos hacia los que aman verdaderamente este país.

Pero, desde luego, sobre impresiones se pueden decir muchas cosas, que vayan desde la majestuosidad de las montañas, o el azul del cielo, o la belleza

de la Luna, los recursos naturales, sus paisajes impresionantes. Pero nosotros no somos geólogos ni somos naturalistas. Y lamentablemente, de poeta solo tenemos aquello que dice el refrán que a todos nos atribuye un poco de poeta y de loco. Me imagino que los chilenos hayan conocido también ese refrán.

En cambio, hay cuestiones que nos interesan mucho más: nos interesa el paisaje humano por encima de todo, nos interesa el pueblo por encima de todo, nos interesan los chilenos por encima de todo (APLAUSOS).

Si a algo hemos dedicado nuestra vida es a la cuestión humana, a la cuestión social, a la cuestión revolucionaria. Si algo nos despierta el interés por encima de todo es la lucha de los pueblos y de los hombres, es la marcha histórica de la humanidad desde que el hombre vivía en hordas primitivas al hombre de hoy. Si algo nos interesa es el espectáculo vivo de un proceso en sus momentos críticos.”

Marta Solis, vai na comitiva do Comandante. Regressa apinhada de novidades brasileiras. Fausto casara com uma advogada, tivera uma filha; Travassos, a grande paixão, também. Maninho continuava preparando-se para voltar ao Brasil. A distância se agigantava, nenhuma possibilidade de regresso...

Como a vida é tecida de contrapartidas, Fidel, após 24 dias de gira pelo Chile, regressa a Habana, depois de ter encantando o povo andino.

O ano terminava. A construção do futuro se consolidava na organização da sociedade.

Cell e Edu tiveram sua festa entre mil-folhas, uma linda pinhata, sem grandes alardes. As perdas superaram as expectativas. Ano difícil de viver este 1971.

Sara Gonzalez compensou a dor sintetizando nossos sentimentos “De cara a cara com o porvernir... ”Desde os quarteirões, cresce meu país, se desenvolve e se projeta... Em cada quadra um comitê, em cada bairro revolução, quadra por bairro, bairro por cidade, país em luta, revolução...”

1971 termina com a I Assembléia de Balanço dos CDR’s.

*“Quiero darle mi día a los que sueñan,
a los que hacen el pan de madrugada,
a los que ponen piedra sobre piedra,
a los que te mantienen tan despierta...”
Comienza el Día - Noel Nicola*

1972 - “Año de la Emulación Socialista”

*“Tempo, Contratempo
anulam-se, mas o sonho
resta, de viver.”*

Qualquer – Drummond de Andrade

Tudo pode passar nesta ilha: das dificuldades de negociações internacionais impostas pelo bloqueio imperialista, a edição do primeiro dicionário vietnamita, o restabelecimento das relações diplomáticas com o Peru.

Janeiro, fez um friozinho suportável. No Brasil, o verão aportava no cais de fevereiro, mês da Portela. Claro que havia a Mangueira, o Império Serrano. Como a Portela, ninguém viu coisa mais bela. A Portela é azul e branca. É uma nuvem mergulhando no mar.

“Os negros trouxeram sua música, sua dança, sua religião e sua inigualável forma de enfrentar a dor através da arte para a “roça”. Foram estes negros, muitos deles vindos de outras partes do Brasil, sobretudo de Minas Gerais e do antigo Estado do Rio, que plantaram a semente da batucada nas festas da região. O cavalo torna-se o principal meio de transporte. Imensos valões dificultavam a passagem dos moradores. Não havia água, luz ou qualquer tipo de conforto já comum nos bairros mais abonados da cidade. O antigo engenho cedeu espaço e nome para a principal via da região: a estrada do Portela. Os primeiros portelenses foram verdadeiros alquimistas. Magos capazes de transformar dor em arte, e sofrimento em notas musicais. Nasceu a Portela, a dificuldade sua matéria-prima. O grande segredo da sua garra trazer nas veias as manifestações culturais herdada dos antepassados - os escravos”.

Abril desponta majestoso. Esta terra de Mambises - patriotas cubanos que lutaram contra os espanhóis na guerra de independência, centrada no Caribe, diáfana, luminosa, guerreira, fez de abril o de “Playa Girón”. Abril é possuído de uma estranha força, inexplicável, que nos atira para realizar até o impossível, provando -nos que se o homem deseja transformar o cotidiano, vence obstáculos, faz possível um mundo melhor. Trovadores cantaram este Abril ao universo em prosa e verso imortalizando a vitória ímpar contra o império.

*Compañeros de historia,
“tomando en cuenta lo implacable*

*que debe ser la verdad, quisiera preguntar
—me urge tanto—,
¿qué debiera decir, qué fronteras debo respetar?
Si alguien roba comida
y después da la vida, ¿qué hacer?
¿Hasta donde debemos practicar las verdades?
¿Hasta donde sabemos?
Que escriban, pues, la historia, su historia,
los hombres del «Playa Girón».
Playa Girón – Silvio Rodríguez⁵⁸*

Maio, mês dos trabalhadores em todo o mundo. O primeiro de Maio celebrado quase sempre na praça da revolução onde se vê o Ministério do Interior ostentando a foto magnífica de Che Guevara, do outro lado a tribuna onde se ergue o imponente monumento ao poeta maior e idealizador da libertação cubana, José Martí.

Na tribuna, ora discursa o Comandante em Chefe, líder da revolução, Fidel Castro, ora

Comandante, sempre liderados neste dia pelo Presidente da CTC – Central dos trabalhadores de Cuba.

Dos doze que subiram a Serra Maestra contra a tirania de Batista, somente Camilo Cinfuegos e o Che não estão presentes. Camilo – como bem definia El Che:

“ fue el compañero de cien batallas, el hombre de confianza de Fidel en los momentos difíciles de la guerra y el luchador abnegado que hizo siempre del sacrificio un instrumento para templar su carácter y forjar el de la tropa ... Camilo era Camilo, señor de la vanguardia, guerrillero completo que se imponía por esa guerra con colorido que sabía hacer.”

Neste primeiro de maio, quem fala é Fidel. Milhões de cidadãos aglomerados escutam atenciosos o discurso daquele que decidiu dedicar inteiramente sua vida a seu povo. Aí se detém o orgulho dos cubanos por este personagem da História do século XX.

Comandante Fidel Castro Ruz: simples amá-lo, difícil defini-lo. Simples, terno, atencioso, observador, minucioso, dedicado, forte como a rocha açoitada pelas ondas, firme como um continente, amoroso, exigente, alegre, brincalhão, charmoso. Jovem, feliz, triste, pícaro, um realizador de sonhos. Com doze homens, aos que se somaram milhares, *cambiou* o rumo da América. Virou de pernas para o ar o mundo, derrubou as convenções seculares, vestiu a cor verde

oliva e fez das cinco faixas e uma estrela, sua estrada e sua guia. Mudou conceitos, deu a mão aos excluídos e os levou para ver o sol, ler as estrelas, sonhar com outras *plagas*. Convenceu a todos de que é possível, seja como for, materializar todos os sonhos.

Discursa, horas e horas. Tem sempre muito, muito o que doar. De gentes, de guerra, de paz, de força, de solidariedade, de agressões infames, de ceifadores de felicidade. Em dado momento, descobrimos que ele está falando de tudo aquilo que oprime nosso coração. De tantas e incontáveis falas caladas ao longo dos séculos. Encontramos na sua voz o silêncio de nossos antepassados. Imigrantes em busca de uma vida melhor calaram, nós, por medo, por falta de oportunidade, omitimos, por franqueza silenciámos. Fidel, num crescer de palavras, vai enumerando cada situação, descrevendo nossas vidas, falando por nós, defendendo-nos. A multidão, silenciosa por vezes, eufórica na maioria dos momentos, lava a alma apinhada de revoltas escondidas. Este é o seu segredo. Ser imprescindível.

No elevador do Hospital Fajardo, em um desses dias em que minha tireóide estava a mil, o conheci; quando olhei, ali estava o homem de século. O mito em carne e osso. Que fazer? Tremia como vara verde.

- Estás enferma? – perguntou calmamente.

- Hipertireoidismo – respondeu Geraldo Matteo, chefe do Departamento de Endocrinologia, enquanto Hung entrava.

- *Porque pintas el pelo, muchacha?* – inquiriu, tocando-me a cabeça.

Meu coração saía pela boca, meus olhos esbugalhados resistiam em acreditar no que viam diante deles. Como contestar, se a emoção era mais forte que as palavras? Respiro fundo, trêmula, estupidamente respondo:

- *Non pinto el pelo, Comandante.*

- *Non eres cubana?*

- Brasileira - completou Hung, sabedor de que seguramente a taquicardia havia invadido meu peito.

- *Cuidenla* – comentou, já saindo do elevador. - Os brasileiros valem ouro *molido*, - brincou sorrindo.

Inimaginável este encontro. Indescritível a força de sua presença. Anos passarão e, a cada lembrança desta tarde, sentirei seguramente a suavidade de suas mãos sobre minha cabeça.

Assim de simples, conheci o Comandante em Chefe da maior revolução do século XX. Assim de lindo. Assim de singelo. Assim de maravilhosa é a revolução cubana. De repente, não mais que de repente, o inesperado muda

definitivamente sua vida.

Aos poucos meus companheiros foram partindo para a Europa. Os que ficaram foram adaptando-se ao dia-a-dia da revolução, uns trabalhavam integrando-se de corpo a alma na construção de nova sociedade que surgia, outros a viam passar pela janela como Carolina, a menina tímida da canção de Chico, esperando o milagre do regresso que um dia a mais, ou menos, haveria de vir. Entrei de cabeça na vida, nos sonhos, no campo, na música, na pintura, absorvendo desesperadamente a vida que podiam me oferecer.

1972, passou do canibalismo aos escândalos políticos, atentados, sedução, ganhos e, principalmente, muitas e insubstituíveis perdas.

Em Munique, sede dos jogos Olímpicos, onze atletas foram brutalmente assassinados por grupos terroristas.

A política exterior de Nixon amenizava em relações amistosas com a União Soviética e a China, quebrando com a segunda o bloqueio econômico, mas impondo bloqueio aos portos vietnamitas, sua maior fonte de prejuízo. A guerra com o Vietnã, um pequeno e pobre país situado na Ásia Central, era seu talão de Aquiles. Como em 60, o Vietnã mais parecia um Playa Girón.

Os tratados de paz firmados entre as duas maiores potências nada mais eram que paliativos para encobrir a vergonha da já prenunciada vitória. Nem os agentes laranjas, nem a poderosa guerra química e bacteriológica *doblegavam* aqueles homens miúdos, franzinos, de fé e convicção inquebrantável.

O cenário preparado para a reeleição americana abria uma nova polêmica ao ser descoberto o envolvimento de elementos da CIA e FBI no roubo de documentos da sede do Partido Democrata em Washington, no Edifício Watergate, conhecido depois mundialmente.

Aparentemente abafado, Nixon foi reeleito, mas, através das reportagens de Bob Woodward e Carl Bernestien do Washington Post, que comprovaram que a invasão ao edifício, a busca de documentos e os microfones não eram fatos isolados, e sim um plano bem elaborado para sabotar o Partido Democrata, tirariam-no em 1973 do poder.

No Brasil, os militares confiantes, alicerçados no apoio americano, anunciavam o milagre brasileiro, inaugurando mil e tantos quilômetros da Transamazônica. Próprio dos poderes venais, os militares informavam enganosamente o assentamento de trabalhadores em comunidades, ocultando

a devastação da floresta, a destruição das aldeias indígenas. Mais de um bilhão de dólares foi afogado pelas águas, em uma resposta à altura dos erros cometidos, da desonestidade e irresponsabilidade dos ditadores brasileiros.

Perdíamos Leila Diniz. Com sua barriga grávida exposta ao sol inconfundível de Ipanema, suas respostas rápidas e inteligentes, seu despojamento nas relações amorosas, sua alegria. Sua singular presença explodia num avião procedente da Austrália. A liberdade do movimento feminista chegava ao auge de suas conquistas. Mulheres, como Leila, ousavam romper o bloqueio do preconceito, a submissão de séculos entre talheres, panos de pratos e cuecas fedorentas. A relação humana será dividida, compartilhada, não segmentada a uma única espécie. Os neurônios fazem a diferença entre as raças que povoam a terra. Pensantes, contestadores, descobrem, modificam, alteram a ordem estabelecida por séculos. Homens e mulheres, de mãos dadas, fazem a diferença, alicerçam o futuro.

Substitui Marlon Brando, na entrega do Oscar, uma índia apache, em resposta à violência deflagrada aos índios americanos. O Poderoso Chefão – um mergulho na saga histórica dos imigrantes italianos - superlotam os cinemas, aplaudem o desempenho de Al Pacino e Brando, rendem a Hollywood mais de 300 milhões de dólares.

Novembro terminara com grandes vitórias. Dezembro pressagia diferente, algo paira no ar de novedoso.

A volta à Cuba de 11 pescadores seqüestrados. A criação do sindicato Nacional de Trabalhadores da Construção. A criação do Comitê Executivo do Conselho de Ministros, presidido por Fidel e com a participação dos vice-primeiros ministros, entre eles o Comandante Ramiro Váldez , criador do Ministério do Interior, o pilotis da revolução cubana. Quilômetros de distância, fortalecem o amor que sinto pelo verde das florestas, pelo cheiro insubstituível do mar, por Ernesto Nazareth, pela elegância musical do Paulinho da Viola, que breve deverá de ser ouvido nos novos discos a laser, pondo fim aos LP's impossíveis de transportar a qualquer parte.

Na minha longínqua pátria, pisoteada por coturnos, a TV a cores e o "Patinho Feio" (primeiro computador montado pela USP) são as novidades do momento. No Araguaia, os companheiros enfrentam uma segunda investida do Exército, que amargam outro fracasso. Adaptados à mata onde vivem desde os anos 60, nossos heróicos guerrilheiros camuflados sobrevivem dos alimentos estocados na região. Assim, de quando em vez, íamos sorvendo notícias de que a luta não cessara no Araguaia.

Allende chega a Cuba para uma visita de quatro dias e juntos discursam na Praça da Revolução. Não sei se foi a primeira vez, mas desta feita Salvador Allende estremeceu a praça com sua força de orador nato, com seus sonhos de liberdade, com o compromisso de estar lado a lado com a Cuba Socialista, com o respeito ao ‘Comandante da América Latina’, referindo carinhosamente a Fidel Castro. Irmanado na mesma fé, Fidel propõe: “que cada cidadão que tenha três ou mais quilos de açúcar divida um com o povo chileno”.

*Querido compañero Salvador Allende (APLAUSOS);
Queridos compañeros de la delegación oficial chilena (APLAUSOS);
Queridos invitados;
Queridos compatriotas:*

Este acto tiene para nosotros un especial significado. Al triunfo de la Revolución en 1959, una de las personalidades que primero llegó a Cuba fue Salvador Allende (APLAUSOS), que ya ocupaba un lugar destacado en la política de su país.

Al revés de otras “personalidades”... el compañero Salvador Allende le otorgó a nuestro proceso una confianza ilimitada y su amistad más firme. ...

Porque los imperialistas no solo atacan a los pueblos con explosivos y con napalm, no solo atacan a los pueblos y tratan de someterlos con la metralla; los tratan de someter mediante el hambre, mediante el bloqueo, mediante la asfixia económica. Y lo mismo que han tratado de conseguir en Viet Nam con las bombas, están tratando de conseguirlo en Chile con la asfixia económica.

Y un pueblo no solo es heroico cuando está dispuesto a dar su sangre por su hermano. ¡Es heroico también cuando como en el día de hoy expresa la disposición de dar parte de su alimento por un pueblo revolucionario y hermano! (APLAUSOS)

Nosotros somos latinoamericanos, pertenecemos a esa gran comunidad, y algún día nos uniremos a ella integralmente, plenamente: el día en que la ola revolucionaria barra las incompreensiones de hoy, los chovinismos de hoy, la balcanización de hoy, los mezquinos egoísmos de hoy; el día en que la ola revolucionaria —en dos palabras— barra con el dominio imperialista sobre los pueblos de América Latina y, con el imperialismo, su odioso sistema de explotación del hombre por el hombre.

A la América Latina pertenecemos. ¡Por ella estamos dispuestos a luchar junto a los demás pueblos de América Latina! ¡Y por ella, compañero Salvador Allende, y por Chile, no solo estamos dispuestos a dar nuestra propia sangre, sino también hasta

nuestro propio pan!

Solidariedade incondicional ao povo chileno. Cada qual, depois de discutir em seus centros de trabalho discutiriam a doação de um kilo de açúcar mensalmente aos chilenos.

Vivemos dias de felicidade. Chile entrava na era socialista. Um grande aliado para ajudar enfrentar o imperialismo norte – americano. Faltava menos do que pensávamos para a liberdade aportar em solo brasileiro.”

Miramar, abençoado pelos emocionantes por de Sol recebe uma Marta , eufórica, propondo uma grande festa no aniversário dos meninos. Se os 15 e 17 sempre foram uma renovação da esperança, estes seriam mais que especiais. Um super carnaval, dançaremos até o amanhecer, nos atiraremos ao mar quando o primeiro raio solar encontrar a janela.

Um barco branco enorme, a famosa pinhata repleto de franjas, simulando um cisne, alegria da criançada, especial para o Edu. Bombas de chocolate, mil folhas, maltas cervejas, rum de todas as datas, bolo de morango e muita música festejaram mais um aniversário dos meus maiores amores.

Em uma resenha simplória, 1972 havia sido de realizações, perdas, escândalos. Nas noites de Miramar nascia os “Estatutos da Nova Trova Cubana”. Noel Nicola foi eleito o primeiro Presidente. Somando os prós e os contra, saímos ganhando até 31 de dezembro, quando mais uma grande perda empanou nossa fogaz alegria. A Rádio Habana Cuba noticiava:

“A repressão aniquila bases do PCBR no Rio e em Recife; sete mortos. Carlos Daniel, após quatro dias de tortura, morre no DOI-Codi-SP. Ainda agonizando, escreve na parede da cela: Este sangue será vingado”.

Não podemos precisar quando, nem como, Carlos, mas, se não for por nós, por nossos netos, um dia seu sangue, e de tantos outros, será vingado.

O assassinato brutal de Aluísio Palhano, um velho companheiro do PCB, exilado em Cuba desde o Golpe Militar, reafirmou nossa suspeita. Um infiltrado entre as organizações passava coordenadas ao serviço informações no Brasil. Arrasados, apreensivos perdíamos horas a fio analisando a situação. Desconfiávamos, sofriamos.

Palhano, ao ser executado friamente impediu que muitos companheiros fossem assassinados. Sua morte nos revelou o traidor.

31 de dezembro de 1972, adormeceu comprometido. Dois anos vividos entre alegrias, tristezas e a falta do cheiro da pátria.

Puede que con los brazos

*Haya que abrir la selva,
Pero a pesar de los pesares,
Como sea,
Cuba va. Cuba va.
Cuba Va – Silvio Rodriguez e Noel Nicola.*

1973 - “Año del XX Aniversario”

*A língua que eu falo trava
Uma canção longínqua,
A voz, além, nem palavra.
O dialeto que se usa
À margem esquerda da frase,
Eis a fala que me lusa,
Eu, meio, eu dentro, eu, quase.”
Invernáculo – Paulo Leminski*

Meus companheiros em todas as definições da palavra deixaram um vazio imensurável. Desde Liszt, Minc, Pedrinho, Maninho, sem falar no amado proleta – o eternamente Ibra, que enchiam nossas exiladas vidas, em fugidias alegrias, discussões frutíferas, crescimento político; poucos ficaram. A Tia, sábia, amazonas, risonha, forte, sempre às voltas com sua criançada, formava um capítulo à parte. Pelas manhãs, o primeiro timbre era ela.

- Oi, Mirian. Como foi a noite? As crianças estão bem? Que tal dar uma passadinha por aqui?

- Estou um pouco agoniada.- respondia, já àquela hora absorvendo um livro.

- Aposto que acordou super cedo. Estou errada?

- Acordei rompendo o dia. Já limpei, arrumei e estou estudando. Vou dar uma volta na praia, hoje tem ressaca. Ouvi o barulho das ondas durante toda a madrugada.

- Janeiro é assim aqui acima do Equador. Tem alguma notícia dos meninos?

- Nada. A não ser a de sempre: estão no Chile, tentando uma forma de regressar ao Brasil, seguir a luta.

- Tô nessa! Ainda vamos lutar para tornar nosso país livre, feliz.

- Eu também, Tia. Eu também.

- A guerrilha no Araguaia vai de vento em popa! Passa por aqui, temos muito que conversar. Fora isso, a Jô está sentindo uma dorzinha molesta no lado direito, bem perto da costela. Não é melhor o Jaime examiná-la?

- Combino com ele hoje. Pode deixar.

A Tia, mãe de uma família super especial, fora seu neto Ernesto (em homenagem ao Che) criava mais duas meninas e dois meninos brasileiros. Com eles saiu da prisão em junho de 1970, trocados pelo embaixador alemão.

“Sem meus netos não vou.” Pisou pé e não arredou de sua intenção por nada nesta vida, contava com orgulho.

“Torturar-me nem pensar. Vocês não têm mãe, seus fedelhos? Ousem colocar-me as mãos. Sabe ler? Escrever? Ai. Não vê que estou nessa para que seus pais possam dar a vocês tudo isso? Olhem para a minha cara! Covardes. Torturando e matando nossos companheiros. Os militares ficam com o dinheiro do país, vendem nossas riquezas, e vocês, os babacas, ficam achando que são os heróis, salvadores da pátria, combatendo seus próprios irmãos. Saiam dessa, meninos. No final, eles saltam fora e quem paga o pato? O soldado raso. O analfabeto. Podiam estar na minha. Saiam fora”. - comentava orgulhosa, mexendo a panela de feijão que cheirava gostoso.

- Damaris hoje saiu ao médico. Anda aí com suas mazelas.

- Isto é saudade. Saudade dá dor em tudo quanto é lugar. Dá até vômitos e diarréias. Saudade, falta de um amor. Falta do cheiro de pátria dá câncer. Pode ter certeza. Por isso, em tudo o que eu faço ponho uma dose grande de amor, passeio pelo chão do meu Brasil, e cuido desta criançada. O câncer só me pega se o Brasil não for para frente. Aí sim, posso até morrer deste mal. Caso contrário, só morro mesmo de alegria. Ontem vi o Comandante. Isso é que é homem de verdade. Passa cedo para o trabalho. De jipe, menina! E sem escolta. Não teme nada. Êta! homem arretado. Veja só. Vive, come e dorme para o povo cubano. Eu, pessoalmente, nunca vi ninguém igual, em toda a minha vida.

- Nem eu. - respondi rápido, antes que ela atropelasse minhas palavras.

Poderia ficar horas a fio a ouvindo falar, era um poço sem fundo de ensinamento. Nunca havia lido Marx nem Lenin, mas sabia tudo da luta de classes. Afinal, fora a vida, seus maiores amores eram proletários: Mané, o Zequinha e o Zé Ibrahim.

Damaris Lucena, com a mesma coragem que fugiu dos pais para casar com Antonio Lucena, o doutor, saiu do Maranhão para tentar uma nova vida em São Paulo. De copeira ao Partido Comunista, à VPR, à perda brutal de seu companheiro de luta, assassinado pelos militares no sítio em Atibaia, bem diante dos olhos e de seus três filhos ainda pequenos, à prisão, à troca sua e de seus filhos pelo Cônsul Japonês, à Quinta Avenida; trinta anos haviam passado. Damaris é toda uma mulher. Sofrida, confiante, dedicada, eterna guerrilheira.

Agora está aprendendo comigo gramática portuguesa com a mesma euforia e garra com que se dedica à causa brasileira. Sofre de duas dores: a perda do companheiro assassinado e o não encontro com o filho Ariston, desde dezembro de 1970. Apesar da saudade, como define tão sabiamente a Tia, segue firme. Sabe que a vida espera muito dela e se cuida e se prepara para este momento. Damaris me desperta um imenso carinho. Gosto do seu jeito de falar, do companheirismo, da sua forma solidária de ser. Entende meus dissabores, minhas angústias, minha solidão. Telminha, sua filha caçula, inteligente como ela só, estuda com Marcello e Eduardo. Com seus óculos fundo-de-garrafa, parece uma intelectual mirim. Nasceu dirigente, chefe de turma. Papel que executa com rigorosa delicadeza. Todos estão na escola e nós vamos vivendo cada qual à sua maneira.

Estou em um curso super puxado de “Cirurgia de Emergência”. As aulas são diárias e duram mais de 8 horas. Meus domingos têm sido no Instituto Médico Legal, operando cadáveres, único dia disponível para aprimorar os conhecimentos. Hoje, vi uma cena de extrema sensibilidade. Dois cadáveres. Uma linda mulher, toda queimada de praia, fora vítima de um aborto caseiro. Estranho em um país onde o aborto é permitido. Qualquer coisa como uma traição de leve. O marido não podia saber, e para fugir ao registro hospitalar, entregou-se nas mãos de uma curiosa. ‘Triste’, comentava o legista.

Ao lado, um bebê me chamou a atenção. O enfermeiro cobria com uma gaze a mesa de aço inox e ali, delicadamente, colocara a criança. Fiquei parada, olhando curiosamente a cena. Entregou o bisturi ao legista que, com a mesma suavidade, iniciou a necropsia no mais profundo silêncio. Seus olhos perdidos em um sofrimento ignorado, foi retirando amorosamente cada órgão. Passava-os ao enfermeiro para colocá-los na bandeja. Quando tocou o coração, virei de costas. Forte demais.

Naquele dia, debati durante horas com uma tireóide teimosa, sem vida há alguns dias, que insistia em ser seccionada pelo bisturi.

- Conseguiu extirpá-la com os dedos?- perguntou abruptamente Jaime.

- Não. Tive que usar pinças, bisturi... Ufa! Estava duro de roer. - contestei.

- Vamos embora? - questionou.

- Vamos. Já tenho fome e as crianças devem estar ansiosas para irem ao cinema.

Ao sair, voltei à sala da cena anterior. Vazia. Pairava no ar um cheiro de amor.

Muitas manhãs estive dissecando cadáveres, aprendendo para salvar

vidas. Nunca esqueci aqueles olhares, muito menos aquelas mãos decifrando a morte.

Em Cuba, os processos de mudanças, as transformações aconteciam de fato. Rápidas. Vive-se intensamente. Política e cultura em ebulição. A ilha é pequena para tanta informação. O povo alfabetizado quer mais e mais.

Grupos contra-revolucionários metralham barcos de pescadores em águas internacionais, nas Bahamas. Continuam seqüestrando pescadores, tentando com estas ações terroristas desestabilizar o processo de transformação social. Cuba resiste. Nas estatísticas internacionais da OMS, é citada como o país de menor taxa de mortalidade infantil.

Oscar Padilla, um santiagueiro, lutador da Serra Maestra, é nomeado Ministro do Trabalho. Raul Roa, Ministro das Relações Exteriores, participa no Panamá da reunião do Conselho de Segurança da ONU. Trovadores, como Silvio Rodriguez e Augusto Blanca, levam suas canções ao povo europeu. Embaixadores de um novo tempo de ternura abrem espaço para a revolução que se agiganta. Da Europa ao sul do continente americano, Pablo Milanez, Noel Nicola, Silvio Rodriguez e Augusto Blanca cantam a solidariedade, o companheirismo anunciado um novo tempo de esperança.

Crianças vietnamitas choram o bombardeio de Napalm. Mas a garra e fibra dos cidadãos enfraquecem os soldados Estados Unidenses. Pouco a pouco, o gigante vai sendo derrotado pelo pequeno povo oriental e ameaçado na aparente fortaleza pelas comunidades indígenas, que reivindicam os acordos violados durante anos. Reunidos em Wounded Knee, cenário do massacre, de 1890, pelas tropas norte-americanas de mais de duzentos Sioux, o Movimento Indígena Americano exige melhores condições de vida e reconhecimento de sua cidadania.

Impossível deter a corrida pela liberdade. A Fábrica Girón entrega o primeiro ônibus urbano montado na Ilha. Os trabalhadores discutem em assembléias a nova lei de maternidade. Vilma Espin, presidente da Federação das Mulheres Cubanas, encerra o primeiro Encontro Latino-Americano da Federação Democrática Internacional de Mulheres.

Fundado em 1967, o Instituto Nacional do Livro chega a cem mil publicações. Cem mil livros tocados por olhos e mãos desejosas de conhecimento e aventuras. Imagino um povo pequeno, nada mais que 20.000 milhões de habitantes, percorrendo os encantos do meu país. Milhões de

cubanos apaixonados pela nossa “Gabriela”, pelas ruas do pelourinho, pelas cantigas, pelo Wadinho, pelo nosso simpático furacão Jorge Amado.

Julho é mês de festa no meu coração. Como obra e graça do Espírito Santo, nasci um dia antes do Assalto ao Quartel Moncada. Amanheço 25, comemorando a vida, e anoiteço festejando a liberdade. Talvez esse seja um dos motivos escondidos no segredo do tempo: minha paixão por este povo. Quem sabe sai voando de Santiago para cair numa estrela, nas montanhas de Minas Gerais. Qualquer coisa além de uma mera coincidência me ata a estes guerrilheiros da Sierra Maestra, às ladeiras santiagueiras, às ruas santaclarenses, aos havaneiros, aos doces mineiros dos homens que habitam o interior da terra na eletrizante Mata-Hambre. Qualquer coisa explicável provavelmente pelas leis da Física. Agora, julho, precisamente o dia seis, é para comemorar as crianças. Terminam as aulas e as lojas abarrotadas de brinquedos fazem a alegria da garotada. Cada menino ou menina tem direito a três brinquedos, todos, sem exceção. Um caro, destes eletrônicos – japoneses ou soviéticos – e outros dois de menor preço, muitas vezes mais apreciados. Lá em casa serão seis, que se vão juntando aos dos anos anteriores. O que Marcello e Eduardo gostam mesmo de fazer é correr pelas ruas, mergulhar nas águas límpidas do Caribe, representar longas peças teatrais, onde muitas vezes me toca ser a escrava e a princesa. Desenhar quadro a quadro um filme de aventuras, que mais tarde passarão para mim, em uma sessão *privé*, projetada, através de um projetor idealizado e realizado por eles, enquanto aguardam ansiosos alcançar a terceira prateleira da estante, onde habitam os livros mais desejados: os meus livros.

- Quando vocês alcançarem, é porque já está na hora de poder lê-los. - explico cada vez que tentam pegar um, com a ajuda cúmplice de uma cadeira. - Combinado?

- Combinado. Mas posso ler este? – indaga Marcello com seus olhinhos infantis.

- O Estado e Revolução? Com cinco anos, menino?

Posso –pede, quase aos prantos.

Analise a situação, discuti ferozmente com todos os princípios de histórias infantis e tomei uma decisão. Será como homeopatia, se não fizer bem, mal também não fará. Não posso, nem devo desencorajá-lo. Há três anos aguarda ansioso por este livro.

- Eu sei ler. - responde feliz. - Sei ler tudo.

- Concordo.- estamos combinados.

Edu também quer um.

- Mas Eduardo, tem que esperar um pouquinho mais. Ainda não domina todas as palavras. No próximo semestre, pode ser. Enquanto isso continue lendo o da segunda prateleira.

- Não quero. Vou esperar.- afirmou categórico. - Vou ler o ANO 45.

- Ok. Criança. Quando setembro chegar, você pode ler o ANO 45.

Imagina... Um livro sobre o fim da segunda guerra mundial. Interessante, histórico, esclarecedor. Afinal que sabíamos de paz. Nada. A não ser aquela das tardes com pôr-do-sol, das brincadeiras pelos murinhos. Fora isso, lá fora, além do mar que nos cerca, guerras de todos os tipos e matizes violentam o homem, os sonhos, as notas musicais, as estrelas.

Férias até o final de agosto. Fomos passar uns dias em Mata-Hambre. Um povoado de mineiros, risonhos, fortes, queimados pelo sol, embora trabalhem a mais de 40 metros metros de profundidade, no seio da terra. Fascina-nos a mina de níquel, as tempestades de relâmpagos ao cair da tarde, o porco assado na brasa, as marmeladas de goiaba com queijo *crema*. E a Munda fritando as *mariquitas*?

- Queridos! Quanta alegria recebê-los. – apertava Cell e Edu entre seus braços. - Todos estão em polvorosa a esperar a chegada de vocês. Bárbaro chega no final da tarde. Quer porque quer uns dias na casa dele também. Beijos beijos... Que meninos gostosos. Que magra! Qual o problema! Amores!- indagou curiosa.

- Não. Ando cansada! Cheia de taquicardia! Com uma fome louca de repente, saciada com qualquer pedaço de pão. Sei lá.

- Não foi ao médico?

- Claro. Contudo, não chegaram a um diagnóstico definitivo. Crêem ser uma neurose de ansiedade. Choro à toa. Nada que uns dias de campo não resolvam.

Mas eu sabia que não era bem assim. Os sintomas se agravavam velozmente. As noites de insônia, as taquicardias nas madrugadas, a ânsia pelo mar. O pranto incontrolável, as mãos trêmulas, o medo do nada. Somente Antônio compartia a verdade. Quantas madrugadas, ao escutar-me descendo a escada, levantava rápido alcançando-me na rua escura que me levava ao mar.

- O que você tem, querida? - abraçava-me, enquanto meu corpo tremia e o coração em uma disparada queria alcançar a velocidade da luz.

- Quem sabe? Quero entrar no mar.

Entrava de camisola e tudo, ficava quieta com a água até o pescoço entre as pedras da *playita*. Chorava e chorava até que o coração exausto me permitia

o luxo de sair da água e voltar à casa para tentar dormir um pouco. Estaria enlouquecendo?

Alguns dias passava super bem. De repente, aquele mal estar ia tomando conta do meu corpo.

- Bárbaro vai adorar hospedá-los, apesar de trabalhar praticamente dia e noite. Em tempos de guerra, impossível viver, conciliar. Bárbaro, você sabe, é um bárbaro. Exigente, como ele só. Agora, como chefe do Partido, labuta em dobro. Estou feliz. Meu filho serve à Pátria como poucos, em coisa séria, cheia de mistérios.

Lá ia meu pensamento imaginando cenas jamesbondianas protagonizadas por aquele negro, descendente direto das costas africanas. Um deus de beleza, alegria e vivacidade. Forte, audaz, terno como um gato angorá. Culto como um PHD em um pólo científico. Dominava desde a Matemática até as Artes, como quem passou anos debruçado em livros, freqüentando rodas de intelectuais. Passava do cavalo à discussão de política internacional como quem muda de camisa. Bem casado, pai de um bebê gostoso e simpático, faz-nos um bem danado ou quando vamos de visita, ou quando aparece pela madrugada para dar aquele abraço, nas vezes que vem à Habana, nas reuniões do Partido.

Continuo mal. Durmo e o cansaço persiste. Vira e mexe a taquicardia aumenta, as mãos ficam trêmulas, o corpo não responde meus apelos. Apesar da insistência de todos, vou regressar a Habana.

Hoje, Marcello desapareceu com o Edu enquanto eu dormia, após um farto e delicioso almoço. Assustados, percorremos a região para encontrá-lo na fazenda dos cavalos.

- Como este menino passou pelo mata-burros? – indagavam intrigados todos os moradores circunvizinhos.

“Impossível” argumentou o camponês. “Para ser sincero, nunca vi isto acontecer em todos os meus anos de vida. E, diga-se de passagem, já passei de meio século”, opinava, retirando o chapéu sob o sol escaldante e raspando a cabeça em um gesto de incredulidade.

- Como você chegou até aqui, menino? - inquiri botando o coração pela boca.

- Pela ponte. Foi ótimo. Este cavalo é mansinho. Verdade, Edu?

- Ai, meus Deus! - suspirava Bárbaro, apavorado só de imaginar o desastre que poderia ter sido.

Marcello e sua paixão pelos cavalos. Talvez eles soubessem disso e, de uma forma mágica, os protegeram. Nenhuma outra explicação encontramos para tal aventura.

- Vamos levá-lo para Habana, mãe?

- Como? Onde deixá-lo? Não temos lugar.

- Tem sim.- contestou feliz. - Na banheira.

- Banheira! Um cavalo na banheira! - além da imaginação tamanho disparate, olhei para a platéia ali formada pelo incidente.

- Na banheira. Cuido dele direitinho.- sorria.

- Pensaremos no assunto depois de conversar sobre as desvantagens para o cavalo de ser trancafiado numa banheira. Ok?

- Desce. Regressaremos à casa de jipe. Dolores deve estar aflita com o nosso coletivo sumiço.

A bem da verdade, rimos toda a tarde da feliz façanha dos dois, disfarçando quando se acercavam. Perigoso com certeza, mas quaisquer dos presentes afirmavam nunca ter passado por tamanha proeza. Um cavalo em pelo, montado por dois guris, havia passado por uma ponte, por um mata-burros, sem nenhuma conseqüência. Mistérios...

Dias depois, regressando à cidade, fomos deixando para trás os verdes prados de Pinar del Rio, seus simpáticos operários, como eu, apaixonados pelo Brasil.

A cidade nos recebeu linda. Sou fascinada por suas janelas, pela Quinta Avenida, com suas margaridas e fícus, cada qual recortado em formatos geométricos. Um gênio da tesoura poda as árvores com tal maestria que as torna, fora a beleza natural, esculturas admiráveis. O cheiro do mar inebriou meus sonhos e Paulinho da Viola com seu molejo embalou a saudade e preencheu a solidão.

Acordei com uma doce enxaqueca musical ...

“Minha viola vai pro fundo do baú... não haverá mais ilusão... quero esquecer ela não deixa”.

- Tá cantando, mãe?

- Paulinho da Viola. Querem ouvir? Vamos lá... - dirigindo à cozinha para o café da manhã.

“Alguém que só me fez ingratidão... Minha viola... No carnaval, quero afastar as mágoas que o teu samba não desfaz. Pra facilitar o meu desejo, guardei meu violão, não toco mais. Minha viola...”

- Gostaram?
- Vamos cantar esta pro Maninho. - disse Edu.
- Pro Nicola também, na hora do pôr-do-sol. – adicionou Marcello.
- Para todo mundo. Encheremos Habana de samba. Um dia, traremos a Portela. Já pensaram aquele azul e branco desfilando pelo Malecón?

Paulinho passou o dia nos meus pensamentos. Quanta saudade! Quanta solidão! Quanta falta de uma montanha, de uma florestinha! Que saudade danada! O pior do exílio é a saudade. Uma saudade indefinida, desfigurada, doída, espinhosa, que dilacera o coração. Sofro. Sofro muito. Cell e Eduardo são tão pequenos. Preenchem minha tristeza, mas nunca poderão entender esta melancolia. Devoro a literatura universal, vejo todos os filmes em cartaz, vou a todas as *vernissages*. Recebo amigos. Mas quero colo. Colo da minha pátria. Estou doente. Uns acreditam ser neuroses de ansiedade.

- Vá ao Hospital Fajardo. Podemos estar confundindo com um problema na tireóide. - orientou o residente da emergência.

- Irei. Quando voltar a crise, vou a este local. Com certeza. - confirmei o pedido carinhoso.

Passei pelo colégio para ver os meninos no final da tarde. Sentada na mureta, uma linda garota de uns 17 anos brincava com Marcello.

- Mãe, esta é a Hildita, minha amiga. Ela passa por aqui e brincamos.
- Que bom! Uma nova amiguinha?
- Prazer em conhecê-la. Sou Hilda.
- Olá. Prazer, Mirian.
- Vocês são brasileiros?
- Somos.
- Que bom. Adoro o Brasil. Todo mundo diz que é um país belíssimo.
- Realmente é de uma beleza sem limites.
- *Ela é mi novia!*
- *Su novia?* Que bom! Uma namorada linda e meiga deste jeito.

Rimos juntas... Brincando, fizemo-nos amigas. Muitas tardes, ao visitar Marcello e Eduardo na Beca, encontrava Hildita, sempre terna, carinhosa, simpática. As conversas, da porta da escola, estendemos até a parada do 132. Daí a meu apartamento, nas sextas-feiras, não demorou muito. Adoro adolescentes. Hildita era uma delas. Falamos pouco, ou quase nada, sobre as famílias de ambas. Acostumada à clandestinidade, não perguntava. Sabia que

estudava, tinha algumas amigas, sua mãe viajava e, naquele momento, estava no Peru.

Em uma tarde antes das férias, mês em que, seguramente, não nos veríamos, confessou-me, muito timidamente:

- Mirian. Tenho que contar uma coisa para você.

- Algum problema na escola? Um namoradinho?

- Nem uma coisa nem outra. Nem sei como dizer. Faz tempo que nos falamos e estou envergonhada.

- Nada de vergonha. Qualquer coisa que tenha feito é normal e pode ser consertado. Sempre podemos.

Saiu como um furacão. Sem pausa. Ininterrupta:

- Sou filha do Che Guevara. Sou Hilda Guevara Gadea.

Calei, mirando-a bem fundo nos olhos. Abracei-a forte

- Bem que os teus olhos me eram familiares - consegui balbuciar.

Nada mudou em nossa relação, exceto a emoção de poder ler os bilhetes enviados pelo nosso amado Comandante, guerrilheiro heróico, nas suas viagens pelo mundo, madrugadas a fora; e a tremedeira disfarçada, quando sentei na cama em que ele por vezes dormia. Todas e incontáveis vezes que, encostada nas minhas pernas, entrelaçava seus negros cabelos entre meus dedos, contando-lhe estórias da minha pátria, do amor pelo meu povo, pela humanidade, ela ficava perdida nas lembranças dos felizes dias em que seu pai vinha brincar, tal como eu costumava fazer com Marcello e Eduardo.

A vida me há premiado com grandes *regalos*. Hildita, foi um dos maiores. Ainda jovem, foi viver ao lado da Ursa Maior. Mas muda de constelação. Em noites de lua cheia, por vezes, encontro uma estrela, piscando, piscando. Sei que lá está ela dando seu passeio pela América Latina.

Um dia, sentada na sua sala, as crianças brincando felizes de correr com ela pela casa, de novo a sensação de enforcamento e a disparada cardíaca. Saí à calçada, seguida rapidamente por Hildita, que estava super preocupada com o meu estado.

- Vou morrer, Hildita. Não posso mais. Olha como estou tremendo. O coração vai explodir.

- Venha, querida. Vamos ao Fajardo como nos indicou o médico do Hospital Nacional. As crianças ficam com a Maria.

O Hospital Fajardo, localizado em Vedado, além de abrigar o Instituto de

Endocrinologia, tem sua história ligada às torturas e assassinatos cometidos pelo regime de Fulgêncio Batista. Localizado perto da prisão, tinha um túnel que ligava os porões ao setor de emergência, permitindo a saída discreta dos mortos pela repressão.

- Quero um endócrinologista? Um endócrino? - tentava gritar, desesperada.

- Calma! Vamos resolver seu problema.- reafirmou o plantonista.

- Não quero. Vou morrer! Quero um endócrinologista!

- Valium, enfermeira.- ordenou.

- Sem Valium. Quero um endócrinologista! - chorava convulsivamente, perdendo as forças.

- Escuta. Não temos endocrinologista de plantão. Eles somente dão consulta ambulatoriais. Você vai dormir e amanhã, pela manhã, prometo que um endócrino virá vê-la. - explicou segurando firmemente minhas mãos trêmulas.

- Não! Não quero!

Como em um passe de magia, ali estava ele. Franzino, pequeno, com os olhos puxados, olhando-me com toda a ternura disponível no planeta.

- Aqui estou!

- Endócrinologista?

- Isto mesmo.- apresentou-se. - Santiago Hung.

- Tão pequeno. - balbuciei dopada pelo Valium. - Tão pequenininho...

Seu sorriso iluminou o cubículo, enquanto meu coração em disparada corria para o infinito.

- Vou curar você. - murmurou secando minhas lágrimas.

Numa abrupta crise tireóideia, vinte dias de coma, gotas e gotas de iodo, poemas, conversas sobre o cotidiano, “Detalhes” *tarareado* pela famosa Gabriela – a enfermeira fanática incondicional de Roberto Carlos, foram elementos obrigatórios impostos por Hung para me restituir a vida.

Santiago Hung foi um capítulo à parte nos meus anos de exílio. Simples, carinhoso, atencioso, descendente de chineses, carregava o conhecimento, a paz, o mistério, a tranquilidade. Persistente, dedicado, foi restituindo-me a vida a cada dia. Hung me doou a possibilidade de ver o sol brilhar, admirar as estrelas, brincar e curtir Marcello e Eduardo, rever amigos, molhar os pés no mar. Entrei na sua vida para sempre. Desde sua paixão por Efigênia, ao nascimento de seu primeiro filho, em um dia que a minha tireóide decidiu

extrapolar os mil por hora.

- Onde está o Hung?- indaguei.
- Não veio. - respondeu a enfermeira.
- Não veio? Estou péssima. Como vou vê-lo?
- Seu filho nasceu hoje. Só amanhã.
- Impossível esperar, estou mal, super mal.

Enquanto reclamava como uma menina mimada, fui interpelada por um médico que entrava e se dispôs a me atender.

- Venha comigo, vou vê-la.
- Obrigada. Quero o Dr. Hung.
- Ele não virá. Eu posso atendê-la. - afirmou categórico.

- Desculpa, mas você sabe bastante endocrinologia, o suficiente para saber o que tenho, assim como o Hung?

- Sei, - sorriu abraçando-me tranquilamente, deixando-me falar e falar. Aumentou um pouco a doses da medicação. Explicou-me da demora da cura completa. Dos próximos tratamentos que seguramente o Dr. Hung iria adotar. Acompanhou-me até o ponto do táxi, sob o olhar curioso das enfermeiras. Na manhã seguinte, retornei. Precisava da anuência de Hung.

Detrás de sua timidez, Hung me olhou e disparou:

- Sabe quem a atendeu ontem?
- Um doutor.

- Um doutor? O Chefe de Endocrinologia do País, Matteo. Lembra-se dele? O dia que conheceu o Comandante?

- Não. Como vou lembrar. Estou mal.

- E, você pergunta se sabe mais que eu? Ah! Miriam. Só mesmo uma hipertireóidea, e ainda por cima brasileira para fazer uma pergunta destas ao papa da endocrinologia.

- Só mesmo em Cuba poderia isso acontecer. - brinquei feliz, por estar nesta ilha, pelo nascimento de Carlos, por existir Hung.

Durante anos, seu consultório foi cúmplice dos meus sonhos, dos meus novos e velhos amores, das minhas dores, das minhas alegrias. Amava Hung, como só se ama um grande e fiel amigo. Quantas e repetidas vezes cheguei ao Fajardo disparada, ora taquicárdica, ora trêmula e chorosa, ora com os nervos à flor da pele.

- Deixar de fumar seria uma excelente medida. Você não acha? Quantos cigarros por dia? - perguntou, esperando minha resposta.

- Dois, três ou quatro maços, depende.

- O quê? Dessa forma, vai ter um câncer de pulmão, sem falar em um belo enfisema pulmonar. - advertiu sério. - Vamos deixar o cigarro?

- Impossível. Não sou capaz de tamanha proeza. Imagina se tenho força de vontade suficiente.

- Vai ter que arrumar. Tão brava e guerreira, como pode dizer tamanho disparate? Ora, Miriam!

- Vou pensar neste assunto. Imagina viver sem este pedaço de papel cheio de folha secas. Sem esta fumaça, sem este cheiro. Difícil, Hung. Tenho consciência do mal que ele me faz. Tenho consciência dos estragos no organismo. Tenho consciência que é uma merda, mas não tenho garra para tanto. - envergonhada, mudei de assunto. - Quer vir comigo a um show de Vicente e Silvio na Biblioteca Nacional? Às oito.

- Não posso, estou estudando um caso complicado.

- Sempre às voltas com seus pacientes, seus estudos. É preciso distrair um pouco, mudar de atividade, sabe? - tentei dissuadi-lo.

- Fica para outra ocasião.

Beijei-o na face, como manda o figurino, e saí pensativa. Especial este Hung. Domina com delicada maestria as glândulas. As esmiúça, penetra nos seus segredos, regula seus distúrbios, controla suas imperfeições. Ama tanto esta parte vital do organismo que gasta horas e horas decifrando seus enigmas. Hung é um típico médico cubano. Enfrenta todos os limites. Estuda, supera, rompe fronteiras, salva. Ama a vida. A nossa vida.

Estava entre dois Santiagos: o da vida e o da tortura, da morte, da vergonha, do medo.

11 de setembro de 1973 - Santiago do Chile chora, rebela-se, corre desenfreada para salvar a liberdade. Chilenos, argentinos, brasileiros, suecos, cubanos resistem ao covarde golpe a Salvador Allende. Sob forte bombardeio dos caças da força aérea, entrincheirado no Palácio da Moneda, Allende não renuncia. "Pagarei com a minha vida a liberdade do meu povo. Tenho certeza de que não será em vão. Este é o meu testamento político". Augusto Pinochet Ugarte banha de sangue os Andes. Ceifa vidas, tortura, assassina, desaparece com milhares de homens, mulheres, crianças. Mata para calar a voz da liberdade. Presos no Estádio de Futebol, Victor Jara, com o violão em punho, consolava seus compatriotas. Para impedi-lo de tocar sua guitarra, cortam-lhe suas duas mãos. Victor continuava cantando até que uma bala certa, bem no meio da frente, lhe tira a vida. O Estádio, em silêncio, apavorado, chora. A América Latina treme de dor, mais pobre, mais sofrida, mais triste.

Milhões de exilados, desaparecidos, assassinados engrossam as páginas negras da história da conquista dos homens.

“Quando conquistamos a vitória nas urnas, sabíamos de todas as dificuldades que iríamos encontrar. O imperialismo tem braços longos e poderosos demais” profetizou Salvador Allende, onze meses antes do golpe militar.

O imperialismo tem braços longos, mas nossos ideais de paz, de respeito ao homem, à natureza, à vida ultrapassam o infinito.

O ano demarcação do nada e do tudo chegava ao fim, silencioso, mudo, perplexo. Quantas Américas passariam impunes por seu crivo invisível e palpável?

Em Habana, o sotaque chileno se unia a de uruguaios, paraguaios, argentinos. Brasileiros escapados da morte e das prisões de Pinochet. Cuba solidária, aquela que conhecemos no dia a dia dava guarida a milhares de exilados reafirmando seu compromisso com a justiça e a liberdade.

Reunidos em torno à tristeza, esboçamos um pálido sorriso doloroso para bendizer à Revolução Cubana.

*“Yo pisaré las calles nuevamente
de lo que fue Santiago ensangrentada
y en una hermosa plaza liberada
me detendré a llorar por los ausentes.”
Yo Pisaré las Calles Nuevamente – Pablo Milanez⁴⁵*

⁴⁵ Pablo Milanez- Poeta, cantautor - Bayamo - Cuba

"1974 – “Año del XV Aniversário”

*Irmão das coisas fugidias,
Não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
No vento.
Se desmorono ou se edifico,
Se permaneço ou me desfaço
- não sei, não sei. Não sei se fico
Ou passo.”
Motivo - Cecilia Meireles⁴⁶*

A inauguração da Escola Vocacional Lenin, por Leonid Brezhnev, Secretário Geral do Partido Comunitas da União Soviética, com a presença do Comandante, anunciava bom ano. Outras escolas no campo eram abertas, possibilitando o ingresso de noventa e oito mil novos alunos, em um ousado programa educacional, baseado em trabalho e estudos. Os frutos, nos anos subsequentes, comprovaram o êxito desta feliz experiência.

Lázaro Pena, fundador da Central de Trabalhadores de Cuba, deixa a vida e uma grande lacuna entre os trabalhadores cubanos, enquanto em Alamar, num gesto de solidariedade sem precedentes, trabalhadores cubanos entregam inúmeras unidades habitacionais a exilados chilenos. Este gesto comove a todos, já que o problema habitacional constitui um dos maiores desafios à revolução. Milhares de interioranos migraram à capital, criando um impasse ao desenvolvimento do campo e um excedente de habitantes necessitados de trabalho.

No Brasil, o General Médici entrega ao tráfego a ponte de treze quilômetros de concreto, encurtando a distância entre Rio e Niterói. Milhares de operários morreram na obra, enquanto nos cárceres milhares de prisioneiros continuavam sendo mortos e torturados.

Merino, Presidente da Central dos Trabalhadores do Chile, havia passado alguns dias pela casa, rumo à Alemanha, onde seguiria sua labor de unir e lutar

⁴⁶ Cecilia Meireles – Poetisa - Tijuca – Rio de Janeiro

pela liberdade. Milhares de chilenos se encontravam na Europa,urgia uni-los. O golpe não os havia pegado desprevenidos, pressentia-se, armava-se a resistência, mas as forças de direita durante anos minavam o avanço do socialismo. Anos foram necessários da Idade Média ao Capitalismo. Anos, séculos seriam necessários para enfraquecer os alicerces fincados pelos imperialistas.

Cerca de três mil exilados aportaram em Cuba nos últimos meses. Dentre eles, futuros e eternos amigos. Coloma com sua doce Patricia. Mirna e a pequena Andréa, totalmente aterrorizada com os bombardeios do Moneda. Bastava um helicóptero passar ao longe para que *guaguita* começasse a vomitar, tremer e chorar desenfreadamente. Repetidas vezes, agarrando-me pelo pescoço, choramos juntas.

Com os chilenos, uma leva de brasileiros. Medeiros, Baianinho, de Jequiezinho, vestido de pantalonas super coloridas, do laranja ao verde bandeira, despertando a curiosidade dos transeuntes. Saíra de Jequiezinho acompanhando um companheiro do PC do B buscado pela polícia local, cruzou o Brasil nas boléias dos caminhões, caminhou por estradas que levam ao Sul, cruzou a fronteira e foi detido pelos guarda-fronteiras para ser repatriado – ou melhor dito, para ‘desaparecer nos cárceres da ditadura’, não fosse o Arcebispo de Buenos Aires interceder pelos presos, tirá-los das mãos da guarda brasileira, ampará-los e, um pouco mais tarde, possibilitar sua chegada ao Chile. Baianinho nasceu para chegar certo na hora errada. O primeiro vôo do dia 11 de setembro, saindo de Buenos Aires para Santiago do Chile, levava a bordo o menino de Jequié. Em uma Santiago ensangüentada, errante, perdido entre balas e canhões, dirigiu-se ao endereço indicado. Como todo azarão é um tremendo sortudo, na mesma rua vivia também uma brasileira que imediatamente o recebeu, e dali direto ao exílio na embaixada do Panamá. William, e Baianinho passaram a fazer parte do nosso cotidiano na mesma manhã em quem que fomos ver Medeiros na praia, em Santa Fé. Marta Solis, e eu vivendo há quase três anos em Havana, éramos o retrato de duas *chicas* saudáveis, felizes, curtidas de sol.

Inevitável o comentário de bom brasileiro dos dois recém-chegados:

- Caramba, olha que coisa mais linda, mais cheia de graça. Duas de uma só vez. Ah! Se o Vinícius estivesse por aqui. - murmuram em uníssono.

- Esses brasileiros, Marta. Nem quando acabados de sair de uma tremenda deixam a alegria de lado. Por estas e outras que adoro brasileiros.

- Eu também. - sorriu Marta.

Dali para frente, os dois, a seu tempo, conviveram conosco. As calças boca de sino trazidas pelo famoso baiano, para não escandalizar demais os cubanos eu as usava; ele meus jeans, mais discretos que as cores laranja e verde bandeira de um cetim fantástico.

Anos mais tarde, fui madrinha de seu casamento, não antes deste baiano porreta ter destruído centenas de corações.

Havana mudou de cara com a chegada de tantos chilenos, uruguaios, argentinos. Uma América Latina completa. O Hotel Presidente, construído no início do século, abrigou a maioria dos exilados que aportaram na Ilha logo após o golpe militar do Chile.

Enquanto o sangue derramado no hemisfério sul clama por justiça, no Alentejo, soa como há muito não se fazia:

*“Grândola, vila morena,
Terra da fraternidade,
O povo é quem mais ordena
Dentro de ti ô cidade...”*

A voz de José Alonso penetra as ruas de Lisboa dando a senha para que os militares marxistas do Movimento das Forças Armadas tomassem quartéis, academias militares, tv’s, aeroportos, emissoras de rádio. Era a Revolução dos Cravos pondo fim a quase cinco décadas de ditadura. Portugal enterrava o salazarismo. Até nos momentos mais críticos de sua história, nossos compatriotas primaram pelo amor. Em lugar de balas, cravos; passavam das lapelas, usados para identificar os revoltosos, aderidos pela população, para os canos dos fusis. Indescritíveis estes portugueses. Liberdade para as colônias era a palavra de ordem. Com esta medida, desmoronava o último baluarte do Império Português, alicerce do programa de Antonio Oliveira Salazar.

O pôr-do-sol, o cheiro do Tejo, o exótico dos telhados vermelhos das casas dos bairros antigos de Lisboa, o verde das regiões montanhosas, o esmeralda do mar que banha a península respiram democracia.

Folhas e folhas de papel entravam frenéticas pelos aparelhos de telex das agências de notícias:

“O universo é uma imensa bolha de espaço-tempo, cujo conteúdo se afasta velozmente do centro que lhe deu origem e empurra para longe seus limites – afirma Stephen Hawking. Logo, não há limites. Baseado nesta teoria, revoluciona o mundo da Cosmologia e da Física. É apenas uma questão de

tempo decifrar o universo”.

Países da América e África reatam relações diplomáticas com Cuba. Panamá, Colômbia, Senegal, Camarões, Venezuela. Começam a transitar grupos de teatro, de música, escritores ávidos da magia cubana.

A África de nossos antepassados invade, em um feliz encontro, os fins de semana carregados de música, poesia e saudade.

“Sodade... Sodade de Cabo Verde...”

Blas Roca, dirigente operário e membro do Partido Comunista, entrega a Fidel, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, o novo projeto de lei do “Código da Família”. Quem melhor para festejarmos neste dia, que não uma homenagem à ilustre visitante vietnamita .

Nguyen Thi Dinh foi a mais importante mulher revolucionária nas guerras de libertação do povo vietnamita. Nasceu guerreira e assim viveu. Da luta contra os franceses à invasão americana, Nguyen se sobressaiu por sua tenacidade. Vice-Comandante das FAPL, emociona a ilha caribenha com sua presença. Os vietnamitas me enternecem a cada palavra, a cada gesto, a cada bravura. Aparentemente frágeis, seja por sua estatura, seja pelo tom doce de sua voz, seja pela leveza de seus gestos, abrigam em suas entranhas gigantes de vontade, de coragem. Venceram guerras, superaram crises, ganharam o reconhecimento do mundo.

A duzentos metros do Malecón, perto da “Casa das Américas”, ao lado do Ministério de Relações Exteriores, ergue-se majestosa a Avenida dos Presidentes. Uma das avenidas mais bonitas da Capital. Começa perto do mar, esplêndida, alonga-se devagarzinho em uma subida entremeada de árvores, moldadas cuidadosamente pelas mãos de um artista que as converte em formas geométricas. Esferas, triângulos, cubos, sinos, em um jogo interessante que deixa o transeunte fascinado.

De repente, um banco de praça convidativo insiste numa paradinha rápida, com o simples intuito de admirar. E, nesse subir incessante, se abre, em um feixe de luz, umas vezes iluminada pela luz do sol, outras vezes com o colorido azul da lua mágica do céu do Caribe, ali, bem em frente, a Praça da Revolução, palco de encontros inesquecíveis. Milhares, milhões de cubanos se misturaram a outras nacionalidades, vibrando na mesma sintonia. Atentos, fortes, inquebrantáveis, revolucionários, ouvem, aplaudem, choram, riem, se arrepiam, se emocionam diante da força das palavras, da convicção de liberdade e de amor à pátria de seu Comandante Maior, sob o olhar poético de

José Martí.

Ir a La Plaza é uma renovação de vida e esperanças. É recarregar de energia as funções vitais de nosso cérebro. É tocar com as mãos a solidariedade, o amor, a ternura.

Este Primeiro de Maio seria diferente. O Chile estava sob o jugo do General Pinochet, um dos mais cruéis ditadores que se tem conhecimento na história dos Andes. Cuba, novamente sozinha na América para lutar contra o bloqueio. Renovar as forças para continuar a batalha árdua, sofrida, para se manter livre.

Ramiro Valdez, comandante da revolução, é o orador. Reconhecido, por saber dominar as técnicas de segurança com perfeição, tem os gestos calmos voz serena, e um olhar de sábio. É um homem que sabe o que faz e porque o faz. Quase um mito. Participou de todos os momentos marcantes da guerra revolucionária, desde o assalto ao Quartel Moncada. Veio no Granma com os 82 homens. Sobreviveu. Participou de todas as principais batalhas da guerra que culminou com a derrocada de Batista, em 1959. Um herói da Pátria. Constrói com sua perseverança, palmo a palmo, esta nova sociedade. Faz parte do sonho de criar o homem novo.

"A metralladora en mano se enfrentó al adversario y tras la dispersión de sus compañeros quedó solo, hasta encontrarse con el Che Guevara y otros combatientes poco después. El monte y una cueva serían oportuno refugio, en esos momentos, de los cuales el Che escribió: Resolvimos mantenernos allí durante el día, aunque con el compromiso expresamente tomado por los cinco, de luchar hasta la muerte. Quienes hicieron este pacto nos llamamos: Ramiro Valdés, Juan Almeida, Chao, Benítez y el que esto relata... Después de días sin comida ni descanso, totalmente extenuados, tuvo lugar el reencuentro con Fidel en Cinco Palmas. Las almas se alzaron junto a los brazos amigos, por saber con vida al jefe de la Revolución y ante la posibilidad de arribar a La Plata y alcanzar la Sierra Maestra para continuar la lucha. Los sueños, suelen cumplirse cuando son fuertes y verdaderos, aunque parezcan imposibles. Primero se integró el joven de quien les hablo en la columna 1, a la que llamaron todos Columna madre. Posteriormente integró la 4 y al crearse la columna invasora 8 Ciro Redondo, al mando del comandante Ernesto Che Guevara, fue designado su segundo jefe. De manera que realizó la invasión a Occidente y posteriormente, una vez en el territorio de la antigua provincia de Las Villas, participó en las acciones del Escambray, hasta el triunfo de enero

de 1959, al que arribó con los grados de comandante, obtenido desde los primeros momentos de la lucha en la Sierra.”

Nossas vidas estão muito ligadas a ele. De sua sabedoria e direção depende nossa segurança e de todos os exilados latino-americanos, asiáticos e africanos. Devemos a ele o caminhar tranqüilo pelas ruas nas deliciosas madrugadas de Habana, a segurança de nossos filhos nas escolas, sejam elas na cidade ou no campo.

Ramiro Valdez é parte integrante da esperança de que existe “um almanaque cheio de dias 26”, como tão bem cantou Noel Nicola.

El caiman fervilha, emoções por viver e vividas. O Conselho de Ministros regulamenta as eleições, a Constituição e o funcionamento dos órgãos do poder popular. Imediatamente, iniciam-se as assembléias para a escolha dos candidatos. Em Matanzas, o município do mais famoso balneário, Varadero, com suas grutas deslumbrantes - Vale de Viñales, começam as eleições para Delegados do Poder Popular. Pela primeira vez na história, uma brigada de cortadores de cana consegue atingir o décimo milhão de arrobas. Na Argentina, o peronismo levaria ao poder, pela primeira vez na História do Ocidente, uma mulher ao cargo na Presidência da República – Isabelita Perón. Novos tempos para o Cone Sul? Pode ser.

No Caribe, verão. Hora das merecidas férias aos que estudaram com afinco, alcançaram boas notas. Da visita à casa dos avós. Da semana na praia com toda a família.

Mês das crianças. Fidel recebe dos Pioneiros a medalha “4 de abril”, em uma solenidade simpática e divertida no Parque Lênin.

Segundo turno em Matanzas e nos lugares onde os candidatos não obtiveram a metade mais um dos votos.

Oduwaldo Vianna Filho – o Vianinha, um dos maiores dramaturgos cariocas. Autor, ator, pensador do teatro e agitador cultural, Vianinha procurou criar um teatro que refletisse os problemas das classes populares brasileiras, procurando formas de expressão que estimulassem atitudes críticas diante desses problemas.

Conclui “Rasga Coração” nos últimos instantes de vida uma das mias belas e polêmicas de suas obras.

“Rasga Coração” é uma homenagem ao lutador anônimo político, aos campeões das lutas populares; pleito de gratidão à Velha Guarda, à geração que me antecedeu, que foi a que politizou em profundidade a consciência do País. (...) Em segundo lugar, quis fazer uma peça que estudasse as diferenças que existem entre o novo e o revolucionário. O revolucionário nem sempre é novo e o novo nem sempre é revolucionário.” Dias depois, Brasil perdia seu jovem dramaturgo.

Richard Nixon, Presidente dos Estados Unidos, renuncia ao cargo pressionado pelo escândalo das investigações no Caso Watergate. Espionagem da sede do Partido democrata pelos membros do Partido Republicano. Watergate começou com a irritação e a paranóia de Nixon com os protestos contra a guerra no Vietnã. O Presidente ordenou a espionagem e golpes sujos contra seus adversários. Descoberto, renunciou. A derrota no Vietnã se tornava dia a dia mais evidente. Milhares de americanos morriam em terras vietnamitas, desmentindo a propaganda de que os Estados Unidos sairiam vitoriosos desta batalha.

Dezembro assoma através do vento cálido das tardes frias, das ondas vorazes batendo forte no Malecón, do silêncio de ameaças de furacões. Coração atolado pela satisfação de um novo fim de ano.

Comemoramos em grande estilo os oito anos do Marcello e os sete aninhos do Edu. Como nos anos anteriores, pela manhã e na parte da tarde, a preparação. Excetuando bolo, *piñata* e as mil folhas, que sempre chegam no dia anterior, tudo é preparado pela criançada, trovadores, pintores, poetas e companheiros brasileiros que ainda se encontram na Ilha. Como diz o ditado, “o melhor da festa é esperar por ela”. Decidimos quebrar a quizila. Divertimo-nos antes, durante e depois, entre confetes e serpentinas regados ao que há de melhor nos sambas da época. Dançamos, brincamos até o sol raiar. Limpamos, arrumamos tudo nos seus devidos lugares e acabamos dormindo na *playita*, banhados pelo sol suave de dezembro.

No Brasil, o General Ernesto Geisel, que no início do ano assumiu a Presidência, afirma que o governo não está ressentido quanto aos resultados das eleições. O MDB surpreende nas eleições federais, faz 16 senadores, contra os seis da Arena.

Surpresas seguidas de muitas surpresas, nos segreda este 1975, que fecha

mais um balanço de vitórias neste primeiro país livre da América Latina.

*Yo soy de todas partes donde algún día un corazón se levantó.
Llevo en la frente una verdad como la luz y en la mirada una barrena a
más allá.*

*Yo soy de todas partes donde una buena vez dijimos basta y se acabó,
pero reparto mi pedazo a todo aquel que a pecho abierto abre una
puerta a los demás.*

*Yo soy de los que vamos rompiendo monte en cueros y en el puño un
corazón.*

*Soy de los que vamos haciendo el primer carro donde monte el
porvenir.*

A Los que Luchan Toda la Vida - Vicente Feliú⁶⁴

1975 - “Año del I Congreso”

*Artigo III – Fica decretado que, a partir deste instante,
Haverá girassóis em todas as janelas,
Que os girassóis terão direito
A abrir-se dentro da sombra;
E que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
Abertas para o verde onde cresce a esperança.”
Os Estatutos do Homem – Thiago de Mello⁴⁷*

Como previa, este Janeiro entraria diferente. Os Comitês de Defesa da Revolução, ainda na ressaca pelos festejos dos dezesseis anos de soberania, anunciavam em todas as rádios que forças comunistas tomaram a primeira cidade vietnamita: Phuoc-Binh. Sentíamos no ar, já se aproximando, o cheiro da vitória.

A modernidade devagarzinho se aproximava da ilha. Podia falar com Moscou via satélite. Conversar com Wladimir deixaria de ser um suplício. Dias de espera, até que a telefonista anunciava que ia completar a chamada. Wladimir foi uma dessas coisas gostosas que nos acontece quando estamos abertos ao amor.

Um dia, em uma reunião para ver as fotos da viagem de férias feita pelo Conselheiro Comercial da Embaixada Mexicana, apareceu um moreno risonho, brincalhão, todo intimidade. Creio que o sangue, afro-ibérico, determinou esta característica tão típica desses dois povos: um charme *irresistible*. Dos dois sexos. O povo brasileiro é definido como lindo, amoroso, sedutor. Cubanos iguais: fascinantes, charmosos, encantadores, atraentes. Árdua a tarefa de escolher o melhor entre duas raças. De quebra, fico simplesmente com as duas.

No regresso, seu carro emparelhava ao meu, tentando conversar em pleno trânsito

- Seu telefone - pedia com um gesto mundialmente conhecido, implorava.
- Ignorava.

Mais adiante, no sinal fechado, quase aos gritos, pedia meu número. Disfarçava, com uma vontade louca de cair na gargalhada, diante da insistência.

- Quem será este tipo? – perguntava ao amigo sentado ao lado.
- Sei lá. Desconhecido? É, não pode ser. Estava lá. Era convidado também.
- Nunca o vi antes. Você viu?

⁴⁷ Thiago de Melo – Poeta – Barreinha - Amazonas

- Nunca.

Quase dormida, ouço o timbre tocar. “Voltaria Roberto?” Questionei, abrindo a porta.

- Quê? Você aqui? Como chegou? Quem é você?

- Calma. Não sou ladrão, nem tarado, ou coisa parecida. Sou Wladimir Padilla, filho do seu amigo Oscar Padilla, Ministro do Trabalho. Já! *Ubicou?* Deixa-me entrar.

- Não. Explique-me. Como me encontrou?

- Simples. Segui o carro. Vi o endereço. A luz que acendeu. E arrisquei.

- Está louco?

- Tampouco. É que nunca vi uma garota tão linda.

- Vai embora. Por favor.

- Tudo bem. Dá-me seu telefone. Prometo não molestar.

- Se dou, você vai?

- Vou.

Passsei o número, prometendo, garantindo, em toda a minha vida jamais atendê-lo.

Na hora do café, antes da saída para o trabalho, tocando à porta: Wladimir. *Inimaginable!*

- Achou mesmo que ia telefonar? Vim levar você ao trabalho. Assim vamos nos conhecendo.

De lá para cá, sempre assim: uma chamada na calada da noite, ou seja de Moscou, ou nos dias de férias em Havana, tira-me o sono.

- Que vai fazer esta noite? – do outro lado, a voz de um grande e doce amigo.

Com Wladimir vivi momentos de extrema felicidade. Na encantada madrugada santiagueira, Marti em versos se entrepunha entre camparis Nas ladeiras, encontrei com intimidade o Pelourinho. Na visita ao museu do General Antonio Maceo, prócer da independência de Cuba, junto a Máximo Gómez e José Martí contra o colonialismo espanhol numa guerra, que durou mais de dez anos, a história.

De surpresas em surpresas, Wladimir reservara a maior delas, o cafezinho na casa de Maria, filha mais nova de Antonio Maceo. Percorremos quilômetros de história de uma ponta a outra. Independência do jugo espanhol, fundiam as lutas travadas na Serra Maestra.

Portas destrancadas, velho hábito de Santiago de Cuba, ponto de encontro

dos jovens guerrilheiros nas noites da linda Santiago fascinavam o travesso Wladimir, transitando entre Raul Castro – irmão caçula de Fidel, Juan Almeida, Frank Pais e tantos outros que sua memória de menino guardou com muito carinho.

Raul, nasceu como seu irmão em Birán, estudou, liderou lutas estudantis, esteve presente no Moncada, exilou-se no México ao sair da prisão e desembarcou no Granma. Comandou o “Segundo Frente” na Serra Maestra.

Dizem que é duro e rigoroso. Os que o conhecem de perto falam de sua simplicidade e firmeza. É Chefe das Forças Armadas Revolucionárias desde 1959, quando apenas contava com 28 anos de idade. Casou com Wilma Espin, também guerrilheira, fundadora e Presidente da Federação das Mulheres Cubanas. Como outros Comandantes está sempre ao lado de Fidel, embora suas aparições em público sejam bastante raras. Dirige o exército com firmeza e competência.

- É um homem cubano – afirmava Maria com orgulhos dos meninos da Serra.

“Aqui nadie se rinde” sentenciou Almeida o guerrilheiro, poeta, escritor, compositor em Alegria de Pio ao serem emboscados pelo fogo inimigo.

Comadante Juan Almeida Bosque, nascido de família humilde na cidade de Havana, com um tremendo coração santiagueiro é um desses seres excepcionais. Participou das guerras revolucionárias, organizou, dirigiu um dos pontos mais estratégicos da resistência: o “Terceiro Frente Oriental Mario Muñoz Monroy. Simples, terno, valente, tenaz, fantasticamente humano. Muitas tardes, em Miramar compartilamos do convívio deste companheiro entranhável.

A revolução cubana tem em seus quadros homens de indescritível compromisso com a vida, com seu povo, com a soberania de sua pátria. Comove vê-los, conversar com eles, saciar de sua fortaleza, nobreza de sentimentos e valentia.

Frank País, um dos fundadores, líder do Movimento 26 de Julho engrossa esta fileira. Sua morte aos 23 anos, em uma emboscada nas ruas de Santiago, desencadeou uma greve geral de trabalhadores. Santiago vestiu de luto a perda de seu líder. Toda Cuba reagiu ao covarde assassinato, e as forças de Batista

retrocederam ante a ira popular.

“... en los primeros momentos la gente quería llegar hasta el cadáver y hubo forcejeo con los guardias. Es que la reacción popular fue espontánea, muy poderosa y desde ese momento se paralizó la ciudad, la gente se dedicó a ir a donde estaba Frank”... declarou Wilma Espin.

Da Serra Maestra Fidel escreve a Célia Sanchez “Todos los esbirros, todos los miserables que sirven a este régimen de un modo o de otro, todos los politiqueros juntos, no valen la vida de Frank País”.

Falar de Frank me levou as tardes, e noites na casa da Tia - no Novo Vedado.

- Nós éramos a retaguarda dos meninos da Sierra Maestra. Frank, franzino, professor, cheio de ilusões e vontade férrea liderava o Movimento no Oriente. Amado, respeitado por companheiros, vivia, e respirava revolução. Vira e mexe entrava casa adentro sempre sorridente buscando um biscoitinho para comer.

- O estômago reclama nervoso, tia. Precisa ouvir sua inquietude. Não tenho tempo para grandes manjares. Qualquer coisa para enganar a fome. Ia engolindo enquanto nos punha a par das últimas novidades. Da cidade e do campo.

Por vezes um banho ligeiro no calor sufocante do verão caribenho, trocava de roupa e saía às pressas para cumprir alguma tarefa. Era um dos meus maiores orgulhos junto com Raul. Meus dois meninos. Quantas vezes tive por força das circunstâncias viajar ao exterior trazendo armas embaixo das rodadas saias junto com minha filha maior. Frank ria como criança das peripécias nas furtivas viagens, enquanto embrulhamos o material para fazer chegar a montanha.

Nos poucos momentos de lazer fazíamos planos para o dia da Vitória. De como o povo receberia Fidel nos braços. De como seria nossa ilha livre com a queda de Batista.

Naquele 30 de julho de 1957, como em vezes anteriores, banhou-se às pressas trocou-se deixando sobre a cama uma linda goiabeira toda suada, saiu para um encontro que lhe custou a vida. Difícil foi aceitar sua morte. Difícil foram os dias que se seguiriam sem Frank.

Lágrimas nos olhos, voz embargada ia descrevendo as ruas de Santiago na morte do seu menino. Havana e Santiago presentes na sala de Maria, e da adorável “tia” lembranças de um tempo em que entregar-se em prol da liberdade era questão de honra. Nós também não passávamos de simples meninos tentando um Brasil melhor. Santiago se definia plena na canção de Augusto Blanca.

*Santiago:
tus callejones paso a paso te recuerdan
Santiago:
Nómbrame alguno que nunca escribiera su historia,
nómbrame alguno donde no se hallan escuchado
alguna vez aquel petardo de las nueve,
nómbrame alguno que nunca sintonizara
aquel programa en la habitación del fondo:*

*“...Aquí radio Rebelde
desde la Sierra Maestra...”*

Amávamos tantas coisas em comum que extrapolamos o desejo para nos tornarmos companheiros eternos.

Sagitariano, seguramente filho de Ogum, pregava peças a torto e a direito.

- Hoje, vamos a uma paisagem sem precedentes.

Subimos a rua que contorna o “Morro” para ver o Malecón⁴⁸ desde o alto do túnel que corta a baía sob o mar.

- Vê. Existe coisa mais linda no planeta?

A murada que separa o mar da avenida, emoldurada pelos prédios centenários, faz do Malecón um dos mais belos cartões postais.

- Linda. Preciosa. Mas, Copacabana é mais bonita. Tem areia. O mar beija por vezes, nas grandes ressacas, a Avenida Atlântica. A calçada que circunda a orla é de pedras portuguesas em formato de ondas. Uma maravilha! Pode crer.

Abraçou –me suave, beijou meus cabelos e num riso maroto sentenciou:

- Perfeito. Nós é que preferimos fazer a revolução primeiro, e a calçada deixamos para depois.

Seguramente o tempo passará e esta afirmação sempre me trará um sorriso nos lábios e muita alegria no coração.

Rio e Havana desfilavam pelo nosso imaginário. Estado da Guanabara, assim denominado depois da transferência da capital para Brasília, e o Estado do Rio de Janeiro se fundiram em um único, cuja capital seria a cidade do Rio de Janeiro. Uma rápida e simples cerimônia, ignorando os problemas sociais do outro lado da baía e o papel que esta cidade desempenha no coração e na alma dos brasileiros. Preocupados com os decretos que legalizavam a fusão dos estados, esqueceram que o Rio de Janeiro viria a enfrentar todos problemas inerentes a uma capital de um Estado carcomido pela fome, pela miséria, pela

⁴⁸ Malecón – Avenida que bordea o mar em Vedado - Cuba

falta de saneamento básico, pela imigração desenfreada.

Nas prisões, milhares de companheiros continuam sendo torturados e mortos ao largo do país.

O mundo explode, com imensa emoção, pela vitória dos vietnamitas sobre o gigante das infames guerras. Americanos se retiram humilhados, sob os olhares atentos do mundo. Membros da OEA estudam o fim do bloqueio à Cuba, que já passa dos onze anos. Sem sucesso. Apesar da vergonhosa derrota, os Estados Unidos não cedem o fim do bloqueio.

A Ilha festeja a sua escolha para ser a sede do XI Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, no verão de 1978. Na capital, começava XII Encontro de Diretores de Centro de Escritores Socialistas. Fidel recebe o anteprojeto da nova Constituição do País.

Maio, tiempo lluvias por caer – como diz o poeta. Celebra-se o Primeiro de Maio na Praça da Revolução, José Martí. No teatro Lázaro Peña, o XXX aniversário da queda do fascismo é celebrado com tristes recordações do holocausto e a decisão férrea de impedir um segundo capítulo deste na história da humanidade.

Os dias engolem as noites e os pores-do-sol empurram os luas para a madrugada. Sinal de que o verão chegou e com ele os dias de viver na praia, de brincadeiras, de teatro infantil, de idas ao *cinécito*, de cuidar dos gerânios e das borboletas, de correr pelos pinheiros, de pegar polvos com Luly, Ayu, Mary, de sair com os meninos da Ana Glória e a delicada Ivetica. Dias de viver vinte e quatro horas de alegria com Cell e Edu. Férias, tempo de pôr em dia os mistérios da ilha.

Na recepção de Luis Echeverria Alvarez, Presidente do México, Fidel, que prima pelo humor, me abraça tranquilamente e lá vem a famosa pergunta:

- A ver, brasileña! Na União Soviética tomam vodka, no Japão saquê, na França excelentes vinhos, no México tequila. Que bebida tomam os brasileiros? - sorri matreiro.

Num gesto ímpar de carinho, abraça-me, esperando a tão almejada

resposta. Nem mesmo um salto altíssimo impede o levantar dos meus olhos, bem para cima, para fitá-lo

- Aguardente, Comandante.

- falo séria.

- Aguardente? Como é isso? Aguardente? – insistiu.

Ulisses Estrada, do Departamento de América do Comitê Central, que nos cuidava carinhosamente, começa a rir.

Não é que o Comandante me encurralou em uma saia justa? Logo pinga, um dos maiores palavrões em Cuba? Ah! Este cubano... Como dizer diante de todos esta palavra, sem que morressem de vergonha? Ah! Fidel... Fidel... Agora me pegaste!

- Buenoooo. Pinga, Comandante – sussurrei.

Com as faces pegando fogo, todos que o cercavam seguravam o riso e a vergonha.

- Coisas de diferenças nos idiomas - ria, feliz.

É um mal cubano gostar tanto do Brasil, e o Comandante não foge à regra. Trata-nos com muito carinho. Assim é com a Tia, com a Damaris, quando, por um motivo ou outro, encontra com elas. Seu respeito pelo ser humano é tão especial que não esquece nossos nomes. Cada qual é de suma importância para este único homem que realizou o sonho que deu sentido ao século XX.

Estar ao lado de Fidel não é, tão somente, um privilégio, é uma renovação de vida.

A visita do Presidente Mexicano foi, sem dúvida, um sucesso, como costumam ser as idas à Ilha. Pena que viera tão somente para preparar a vinda do presidente, depois lá se foi o Embaixador à la Vinícius de Moraes – Edmundo Flores.

Edmundo, fugia a regra. Poesia, música brasileira, conversas filosóficas pelas tardes em pleno Malecón, descontração e amor à natureza eram partes intrínsecas de sua personalidade. Sentiríamos muito a sua falta. Em algum lugar do México, eu o encontraria mais tarde, com o mesmo frescor dos tempos havaneiros.

Os meses arremessam-se ao futuro, em uma corrida alucinada e louca. São meses de trabalho intenso, de criação, de realizações.

A Escola Vocacional Comandante Ernesto Che Guevara é inaugurada em La Villas, município de Santa Clara, local onde foi travada uma das maiores batalhas contra o regime de Batista.

"Al retirarse el enemigo de Camaguán, sin ofrecer resistencia, quedábamos listos para el asalto definitivo a la capital de la provincia de Las Villas. (Santa Clara es el eje del llano central de la Isla, con 150 000 habitantes, centro ferroviario y de todas las comunicaciones del país. Está rodeada por pequeños cerros pelados, los que estaban tomados previamente por las tropas de la dictadura.

En el momento del ataque, nuestras fuerzas habían aumentado considerablemente su fusilería, en la toma de distintos puntos y en algunas armas pesadas que carecían de municiones. Teníamos una bazooka sin proyectiles y debíamos luchar contra una decena de tanques, pero también sabíamos que, para hacerlo con efectividad, necesitábamos llegar a los barrios poblados de la ciudad, donde el tanque disminuye en mucho su eficacia.

Mientras las tropas del Directorio Revolucionario se encargaban de tomar el Cuartel No. 31 de la Guardia Rural, nosotros nos dedicábamos a sitiar casi todos los puestos fuertes de Santa Clara; aunque, fundamentalmente, establecíamos nuestra lucha contra los defensores del tren blindado situado a la entrada del camino de Camaguán, posiciones defendidas con tenacidad por el ejército, con un equipo excelente para nuestras posibilidades..." Che Guevarra.

Novembro trouxe outras surpresas. Dia dez marcou a independência de Angola de Portugal. A República Popular de Angola tinha agora um Presidente – Agostinho Neto, líder no Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA.

Na Catedral da Sé, em São Paulo, cerca de dez mil pessoas participavam do ato ecumênico, em memória do jornalista Wladimir Herzog. Preso no dia 24 de outubro, foi chamado para depor. No dia seguinte, apresentou-se para depor no DOI – CODI. Sete horas mais tarde, chegava a informação de que Herzog havia se suicidado em sua cela. Jornalistas presos no local viram Wladimir ser torturado, sem sombra de dúvidas, até a morte.

Dezembro, colorido. Risonho. De extrema beleza.

Comemoração para Marcello e Eduardo. Nove e oito anos de infância feliz, tranqüila, permeada de muitas alegrias.

Na praça da revolução "José Martí", uma multidão apóia os acordos firmados no I Congresso do Partido Comunista de Cuba e reafirma o

Comandante Fidel Castro Ruz como líder máximo da Revolução Cubana.

“Los compañeros del Comité Central ejercen una función en virtud de su capacidad y de sus méritos, pero nuestro Partido y nuestra sociedad elevan a miles, a decenas de miles, a cientos de miles, a millones de hombres humildes del pueblo, aunque no estén en el Comité Central. Y así hay incontables héroes de la zafra, decenas de héroes del trabajo, miles y miles de héroes anónimos. ¡Digamos que nuestra Revolución aprecia, más que a nadie, al héroe anónimo! (APLAUSOS) ¡Al hombre humilde, al combatiente modesto que cumple con su deber por un problema de conciencia, sin importarle jamás ni siquiera si le reconocen sus méritos! (APLAUSOS) ¡Ese es el modelo del comunista! (APLAUSOS) Y lo que importa es que el Partido y el pueblo se sientan representados en su Comité Central.

Es muy hermoso que la elección al Comité Central se gane como se gana en nuestro país. Que haya compañeros, como el compañero Pedro Rodríguez Peralta (APLAUSOS), que se ganó ese honor combatiendo en el Movimiento de Liberación junto a los patriotas de Guinea Bissau y que, gravemente herido y prisionero del enemigo, soporta años de cárcel en las prisiones fascistas de Portugal (APLAUSOS), y se mantiene inconmovible y firme, como un verdadero comunista, frente al maltrato, frente a las presiones de todo tipo, cuando era un hombre solitario en una celda a miles de kilómetros de la patria (APLAUSOS). ¡Qué lejos estaría él de pensar en ese instante que un día su pueblo tendría la oportunidad de testimoniar la admiración hacia tan cabales virtudes de comunista! (APLAUSOS)

Reinaldo Castro nos muestra que cortando caña en un cañaveral se puede ganar el derecho a ser dirigente de nuestro Partido (APLAUSOS). Pilar Fernández nos enseña que trabajando allí humildemente en una fábrica, y dirigiendo con eficiencia, y consagrando su vida al funcionamiento adecuado de un centro de producción, se puede ganar el honor de ser miembro del Comité Central (APLAUSOS). O entregado a la ciencia y a salvar vidas, como Zoilo Marinello (APLAUSOS); o escribiendo durante decenas de años versos populares y revolucionarios, como Nicolás Guillén (APLAUSOS). Otros ejemplos pueden añadirse, como el ejemplo de Facundo (APLAUSOS), que se puso zapatos por primera vez a los 14 años, y que consagró su vida a las luchas obreras y campesinas.

Sencillamente, trabajando y cumpliendo el deber, los militantes revolucionarios —dondequiera que estén, dentro del país o fuera del país—, como símbolos de lo que hacen decenas y cientos de miles, y aun millones de cubanos, pueden llegar a recibir ese extraordinario honor, en el cual no pensaron y por el cual no se esforzaron esos compañeros. Porque tenemos un Comité Central

cada uno de nosotros muy superior incluso a lo que es el Comité Central de nuestro Partido: ¡Y es el Comité Central de la conciencia de cada uno de nosotros! (APLAUSOS)”

31 rompe a madrugada em um dos mais lindos amanheceres havaneiros. Atirados nas areia da playita, deixando que a água fria molhasse os sapatos, inebriados de felicidade, desenhamos um 1976.

*Tengo, vamos a ver,
que ya aprendí a leer,
a contar,
tengo que ya aprendí a escribir
y a pensar
y a reír.
Tengo que ya tengo
donde trabajar
y ganar
lo que me tengo que comer.
Tengo, vamos a ver,
tengo lo que tenía que tener.
Tengo – Nicolás Guillén⁴⁹*

⁴⁹ Nicolás Guillen – Poeta – Camaguey – Cuba

1976 – “Año del XX Aniversario del Granma”

*Ao longe, ao luar,
No rio uma vela,
Serena a passar,
Que é que me revela ?
Não sei, mas meu ser
Tornou-se-me estranho,
E eu sonho sem ver
Os sonhos que tenho.
Que angústia me enlaça ?
Que amor não se explica ?
É a vela que passa
Na noite que fica.
Ao Longe, Ao Luar – Fernando Pessoa*

Marta Solis chegou toda linda, pegou-me apressada. Eu cantarolando Chico, um dos ícones da Música Popular Brasileira, sonhava com o retorno à minha patriazinha. Começar o ano encontrando o Presidente do Panamá, Omar Torrijos, certamente era um bom sinal.

O presidente panamenho, independente de super simpático, governava com muita inteligência, trazendo grandes logros para o povo e soberania ao país. No Palácio das Convenções, Fidel o recebeu com a marca registrada de Cuba: hospitalidade elegante, alegre e solidária. Cuba sabe receber como poucos.

Como nos anos anteriores, a esperança de voltar ao Brasil desfilava nos meus sonhos colorida, forte, plena. Deixar a Ilha seria difícil, mas a pátria verde amarela precisava de nós para, junto aos que resistiam no dia-a-dia, pôr fim à ditadura. O ano começava regado a desejo de muitas realizações, de uma América Latina livre.

As eleições em Cuba transcorriam esplêndidas. 5.717 266 eleitores referendaram a Constituição da República de Cuba. Raul Castro, General de Divisão, Segundo Secretário do Comitê Central do PCC e Vice-Primeiro Ministro do Governo Revolucionário, encerra o ato, no Teatro Karl Marx, em Miramar, da proclamação da nova Constituição.

O hemisfério sul se debatia entre a falta de liberdade, as prisões, os desaparecimentos de militantes, a fome e a miséria.

Jorge Videla, Comandante do Exército Argentino, lidera um golpe. Prende a Presidenta Isabel Martínez de Perón, submergindo o país do nosso guerrilheiro heróico em anos de terror. Mais de 30.000 argentinos desapareceram nas prisões ou nos campos de tortura. A ditadura brasileira antecipa-se a outros e reconhece a legitimidade, a soberania, do governo de Videla, enquanto Zuzu Angel morre em um misterioso acidente de carro ao sair do túnel Dois Irmãos, que liga a Zona Sul da cidade à Barra da Tijuca.

Zuzu denunciava ao mundo o assassinato de seu filho Stuart Angel, militante do MR8, em cárcere brasileiro. Famosa estilista, reconhecida internacionalmente, era a primeira mãe a gritar sobre as prisões brasileiras, onde militantes eram assassinados e seus corpos desaparecidos. Vestia-se de negro, a cabeça ornada de flores, muitas cruzeiros no pescoço e cintura, refletindo o martírio. Foi a precursora das “Loucas da Praça de Maio”, assim chamadas, inicialmente, as argentinas que reclamavam a soltura e devolução de seus familiares queridos.

De uma forma ou de outra, os habitantes do Sul do Equador expressavam sua dor e lutavam pela libertação e término destas sangrentas ditaduras. No exílio, milhares de latino-americanos se organizavam em grupos, buscando formas de retornarem e darem continuidade à luta iniciada nos anos 60, pela reafirmação da nacionalidade e independência.

Fidel, à frente de uma delegação, inicia uma exitosa *gira* pelos países do bloco socialista. Regressando, visita Argélia e Guiné, distribuindo o fluido mágico da esperança, levantando a moral de países europeus e africanos, que se debatiam ante a progressiva perda de suas raízes culturais e políticas.

Tolerantes observavam o crescimento do movimento Punk afrontando a sociedade londrina, mudando a moda, o comportamento, cinema, artes, indústria fonográfica. Era a ruptura com uma geração que, supostamente, havia se vendido às gravadoras. Mick Jagger e Rod Stewart, distantes de seu público e movimentando-se no set internacional. A insatisfação da juventude inglesa, sem perspectiva de trabalho ao deixar as universidades, encontrava na formação destas bandas a escapatória para suas frustrações.

A angústia do vazio, da falta de sonhos, da desesperança é a maior inimiga para se constituir uma sociedade justa, equilibrada, sem violências, sem fome, sem miséria.